

“ADVERTÊNCIAS” E “QUEIXUMES”
DE JORGE PINTO DE AZEVEDO A D. JOÃO IV, EM 1646,
SOBRE A DECADÊNCIA DO ESTADO DA ÍNDIA E O
“PROVEITO” DE MACAU NA SUA “RESTAURAÇÃO”

Apresentação, leitura e notas de
*Artur Teodoro de Matos**

Em 21 de Setembro de 1640, na capela-mor do colégio franciscano dos Reis Magos em Goa, António José Teles de Meneses entregava o governo do Estado da Índia a D. João da Silva Telo de Meneses, conde de Aveiras, numa altura em que a situação militar se agravava, já que os holandeses pareciam determinados em aniquilar a presença portuguesa no Oriente, a fim de ocuparem as suas posições¹.

Com efeito estes inimigos detinham na costa da Índia a feitoria de Vingorla (nas proximidades de Goa)², onde vendiam as drogas do Sul e as mercadorias da Europa, a de Dabul³ e de Rajapur⁴ com menor trato, além de «tendas públicas» nas terras do Idalcão⁵. No Norte, dispunham de uma próspera feitoria

* Da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ «Entrega que o Illustrissimo Senhor Antonio Tellez [...] faz da governança da India [...]», Goa, 21 de Setembro de 1641, pub. in *Assentos do Conselho do Estado*, vol. II (1634-1643), documentos coordenados e anotados por Panduronga S. S. Pissurlencar, Bastorá (Goa), 1954, pp.288-291.

² A 15° 52' lat. N. e 73° 40' long. E.

³ Actual *Dabhol*, a 17° 35' lat. N e 73° 09' long. E.

⁴ *Rajpuri*: a 18° 18' lat. N. e 72° 58' long. E., na foz do rio do mesmo nome, no litoral do Concão.

⁵ Corruptela de Adil Kan, o sobrenome utilizado pelos soberanos mouros do Bijapur. Sobre o assunto veja-se de João Pedro Rosa Ferreira, «Idalcão (ou

em Surrate⁶, onde resgatavam fazendas da Europa, drogas do Sul, bem como tecidos que levavam para o Sul e Comorão⁷, na Pérsia. Nos estreitos de Ormuz e de Meca, faziam os seus comércios de que tiravam «grandes proveitos»⁸.

Na costa do Coromandel, haviam-se estabelecido em Paleacate⁹, onde resgatavam consideráveis quantidades de roupas que comerciavam para o Sul «com tanta liberdade como se fora sua terra» e, em Ceilão, haviam-nos conquistado Galé, Batecalou e Trinquinimale, além de Negumbo, que depois conseguiríamos reaver¹⁰.

Na Ásia do Sueste dispunham de feitoria em Achém e de outras na contra-costa de Samatra, além de Jambe¹¹. E, se haviam abandonado a ilha de Solor, mostravam-se cada vez mais interessados em Timor, mercê da enorme rentabilidade do comércio do sândalo que ali praticavam. Em Batávia dominavam a cidade,

Hidalcão» in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, direcção de Luís de Albuquerque, coordenação de Francisco Contento Domingues, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 513-516.

⁶ Actual Surat, em 21° 12' lat. N. e 72° 52' long. E., na margem sul do rio Tapti.

⁷ Bander Abbas, em 27° 12' lat. N. e 56° 15' long. E., no litoral do estreito de Ormuz, a noroeste e nas proximidades da ilha deste nome.

⁸ Nesta descrição dos estabelecimentos holandeses no Índico socorremo-nos da carta de 3 de Agosto de 1641, enviada pelo vice-rei da Índia ao rei, já também utilizada por Alfredo Botelho de Sousa, *Subsídios para a História Militar Marítima da Índia (1585-1669)*, vol. IV, Lisboa, Ministério da Marinha, 1956, pp.179-180. Cf. Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, *Monções do Reino*, Liv. 48, fls 70v-72.

⁹ Pulicat, em 13° 25' lat. N e 80° 21' long. E., ao norte de Madras.

¹⁰ No documento em anexo demos as coordenadas geográficas destas terras e das a seguir indicadas, pelo que nos dispensamos de o fazer de novo nesta introdução.

¹¹ Jambi, antigo reino de Samatra, que confinava com os de Andragueri e Palimbão e abrangia a baía de Jambi, em 1° lat. S. e 103° 30' long. E.

onde se haviam fortificado e faziam seu quartel-general. Dominavam as três ilhas de Banda de onde tiravam a noz e a maçã, a sua feitoria em Macassar além de lhe permitir adquirir diversas drogas, garantia-lhes o abastecimento de carne e arroz a várias fortalezas.

De Amboino, onde tinham levantado fortaleza, e das ilhas Molucas: Ternate, Tidore, Motir e Maquiem, que também dominavam, recolhiam o cravo «que parece não lhes custar nada», levando ainda o seu poder às ilhas próximas de Batachina, Gilolo, Bocanora e Baichão, em algumas das quais haviam construído fortalezas. E acrescentava o vice-rei: «posto que sejam de pouco nome são para eles de grande proveito pelas comodidades que delas tiram»¹²

Na feitoria de Bornéu adquiriam a cânfora e outras fazendas e a ilha Formosa, no Mar da China, já então bem fortificada, proporcionava-lhes a melhor escala de acesso ao comércio da China e do Japão «que é já hoje todo seu». Dispunham ainda os holandeses de feitorias, onde praticavam negócios lucrativos de diferentes drogas, em Pegu, Tanassarim, Martabão, Jun-Ceilão, Tarandá¹³, Ilhas da Pimenta, Quedá e Perú, dominando o estreito de Singapura, costa de Pão, Patane, Champá, enseada do Sião e da Cochinchina, portos de Camboja, Tonquim, China, Chincheo e ponta de Sumbor.

Dominavam também a costa de Bengala, onde possuíam feitoria no reino do Mogo, em Gergelim e, no Coromandel, eram os detentores das trocas das roupas finas aí resgatadas pelas drogas que transportavam do Sul, fazendo do porto de Massulipatão o entreposto comercial de eleição¹⁴.

¹² Carta de 3 de Agosto de 1641, já cit.

¹³ *Muang Trang*, em 7° 32' lat. N e 99° 30' long. E., no litoral oeste da Península Malaia.

¹⁴ Sobre o conflito dos portugueses com os holandeses no Golfo de Bengala, veja-se de Sanjay Subrahmanyam, *Comércio e Poder. A Presença Portuguesa no Golfo*

Os ingleses dispunham de várias feitorias onde realizavam os seus negócios, embora «sem terem fortificações em parte alguma», pois que não tendo inimigos que lhes impedissem as suas navegações, encaminhavam tudo a «seu mor proveito», mas seguindo mais «leis de proveito do que de amizade»¹⁵.

Também os dinamarqueses já haviam chegado à Índia, instalando-se em Tragambar¹⁶. Mas, «por falta de poder ou de indústria», nada mais tinham que esta fortaleza¹⁷.

A conquista de Malaca, ocorrida em 1641, é a consequência normal do crescente poderio holandês nos mares da China e de Sunda que se fazia sentir desde a segunda década seiscentista, com sucessivos ataques às armadas portuguesas nos estreitos de Singapura e de Sabang, com manifesto prejuízo para os comerciantes e Fazenda Real em Malaca¹⁸. Aliás, tal situação levará os portugueses a encontrar uma rota alternativa - por fora de Samatra e de Bali e através dos boqueirões de Bima, Java e Solor - como forma de fugir às investidas cada vez mais frequentes dos holandeses¹⁹.

de Bengala 1500-1700, trad. port., Lisboa, Ed. 70, 1994, particularmente os caps. IX e X. Sobre o Estado da Índia neste período, além da obra de A. Botelho de Sousa atrás citada, especialmente esclarecedora sobre a situação militar, veja-se também de Sanjay Subrahmanyam, *O Império Asiático Português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*, trad. port. de Paulo Jorge de Sousa Pinto, Lisboa, Difel, 1995, particularmente o cap. VI, a pp. 205-256.

¹⁵ Carta de 3 de Agosto de 1641, já cit.

¹⁶ *Tranquebar*, a 11° 02' lat. N e 79° 52' long. E., no distrito de Tanjor no Tamilnadu.

¹⁷ Cf. carta de 3 de Agosto de 1641.

¹⁸ A.N./T.T., *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 35, fls. 292-292v, Carta de Manuel Ramos, administrador da viagem do Japão ao rei, Goa, 13 de Dezembro de 1635.

¹⁹ Sobre o assunto veja-se o estudo de Pierre-Yves Manguin «A mid-17th century collection of *roteiros* for Asian waters» in *Studia*, 48 (1989), onde o autor servindo-se do «Códice Cadaval» e de «Códice Castelo Melhor», apresenta os

Conquistada Malaca, a aposta seguinte seria Ceilão, determinado que estava Antoine van Diemen, que governava a Companhia Holandesa desde 1636, em eliminar a presença portuguesa do Oriente, fazendo-a substituir pela holandesa. Mas, as tréguas assinadas em Haia em Junho de 1641, entre os Estados Gerais das Províncias Unidas e Tristão de Mendonça Furtado, como representante da Coroa recentemente restaurada em Portugal, contrariavam os interesses dos *Heeren XVII*²⁰, que defendiam a exclusão das Índias Orientais do ajuste, tanto mais que a guerra que grassava em Ceilão prometia, a curto prazo, garantir o livre acesso à cobiçada canela²¹. Após arrastadas e conflituosas conversações, as tréguas acabarão por ser assinadas entre as partes envolvidas directamente no conflito em 10 de Novembro de 1644²². É neste contexto que D. Filipe de Mascarenhas recebe das mãos do Conde de Aveiras o governo do Estado da Índia em finais do mês seguinte²³.

títulos dos diferentes roteiros desta região. Este assunto é também tratado por Maria Manuela Sobral Blanco, *O Estado da Índia. Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)*, vol. I, Lisboa, 1992, pp. 607-608, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, policopiada.

²⁰ «Dezassete Senhores», que eram os delegados das principais câmaras que formavam a Companhia (Verenigde Oost-Indische Compagnie, vulgarmente designada de VOC), e a quem cabia a direcção superior da Companhia. Cf. Holden Furber, *Rival Empires of Trade in the Orient 1600-1800*, Delhi, Oxford University Press, 1990, p. 33.

²¹ Veja-se de Edgar Prestage, *A Embaixada de Tristão de Mendonça Furtado à Holanda em 1641*, Coimbra, 1920.

²² O texto da convenção pode ler-se em Júlio Firmino Júdice Biker, *Collecção de Tratados e Concertos de Pazos que o Estado da India Portuguesa fez com os Reis e Senhores com quem teve relações nas partes da Ásia e África Oriental ...*, vol. II, Lisboa, I. Nacional, 1882, pp. 138-145.

²³ «Entrega que se fez ao Senhor Dom Felipe de Mascarenhas, nomeado vice-rei, em substituição do Conde de Aveiras» in *Assentos do Conselho de Estado*, ed. já cit., vol. III, pp. 97-99. Sobre a actuação da Companhia Holandesa na Índia consulte-se o recente livro de George D. Winus e Marcus P. M. Vink, *The Merchant-Warrior Pacified. The VOC (The Dutch East India Company) and its Changing Political Economy in India*, Delhi, Oxford University Press, 1991.

A experiência que havia adquirido em Ceilão, onde desempenhara o cargo de capitão-geral desde 1640, e cuja actuação determinada e firme, permitira barrar o avanço holandês na ilha, confinando-os a Galé à espera de melhor oportunidade, criaram alguma expectativa no governo do novo vice-rei. As tréguas assinadas eram também uma esperança para a sobrevivência e restauração do Estado da Índia. Mas batidos os holandeses no Brasil, não irão resistir por muito tempo ao instinto da retaliação no Estado da Índia, desejosos que estavam de recomeçar a guerra em Ceilão, expulsando definitivamente os portugueses da ilha²⁴.

Respeitadas as pazes pelos portugueses, não era fácil ao inimigo rompê-las unilateralmente, talvez porque, e como já foi apontado, a rebelião em Amboino lhes havia exigido avultados meios e atenção para a debelar²⁵. Daí que só depois de Junho de 1651, quando formalmente são dados por findos os dez anos de tréguas, se recomeçasse a guerra, tendo como palco de operações a conquista de Ceilão.

*

É neste quadro de expectativa que surge o texto que a seguir se divulga. O seu autor, Jorge Pinto de Azevedo, havia subscrito a declaração do Senado de Macau em 31 de Maio de 1642, aclamando D. João IV como legítimo rei de Portugal²⁶. Por outro lado, o novo vice-rei do Estado Português da Índia

²⁴ C. R. Boxer, «Reflexos da Guerra Pernambucana na Índia Oriental, (1645-1655), in *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, 74 (1957) e M. M. Sobral Blanco, *O Estado Português da Índia ...*, já cit., pp. 652-653.

²⁵ Cf. *The English Feitory, 1651-1654*, p. 151 e M. M. S. Blanco, *O Estado Português da Índia*, p. 676 n.

²⁶ Cf. C. R. Boxer, *Macau na Época da Restauração*, vol II de Obra completa de Charles Ralph Boxer, Lisboa, F. Oriente, 1993, p. 204.

tomara posse havia apenas três meses e, Pinto de Azevedo, porventura conhecendo o novo vice-rei nas suas andanças pelos Rios do Cuama e por outras partes do Oriente²⁷, entendeu fazer chegar ao Conselho de Estado da Índia, através do seu Presidente, o vice-rei D. Pedro de Mascarenhas - e para que pudesse ser presente a D. João IV - um extenso documento, onde não só faz *advertências* ao novo governante sobre a situação da Índia Portuguesa, como lhe manifesta alguns *queixumes* sobre erros cometidos no passado e lhe sugere a maneira de os corrigir. E faltando-lhe «palavras e razões eficazes» para dar bem a conhecer a realidade - «pois não é trilhado nelas» - pedirá adiante ao rei que se não fizesse das suas *advertências* «estima» de coisa sua, «senão a do que contém», e para que se não tivesse «por momentâneo o que tanto importa»²⁸.

Do seu autor muito pouco se conhece, para além das informações que de si próprio dá. Residente em Macau em 1646, data em que redige o documento que envia ao rei, terá eventualmente feito desta cidade a sua habitual residência, pelo menos nos anos que antecedem a elaboração desse escrito.

Jorge Pinto de Azevedo seria certamente um reinol, que terá chegado ao Oriente em 1624²⁹. Afirma ter estado em todas as «cidades e fortalezas e reinos» da Índia e, em muitos, por mais de uma vez, embora em nenhum deles tivesse residido sequer dois anos consecutivos. Trata-se, certamente, de um dos muitos portugueses que passaram à Índia, talvez como militar, e que por ali se fixou, quer «exercitando as armas» ao serviço

²⁷ Não esqueçamos que D. Pedro de Mascarenhas fora nomeado em 1633 governador de Moçambique, Sofala, Rios de Cuama e Monomotapa, cargo onde se manteve até ao ano seguinte e, em 1640 exercera o cargo de capitão-geral de Ceilão, até à altura em que é designado vice-rei da Índia.

²⁸ Cf. texto anexo a fl. 19v.

²⁹ «Vinte e quatro anos tenho da Índia», escreve a fl. 2 do documento em anexo.

do rei, como soldado e capitão, quer gerindo seus «haveres» e tratando dos seus «particulares», certamente relacionados com a actividade comercial. Mas esclarece: com o «licito e não estranhado modo» em que era habitual exercerem tais actividades no Oriente. Desta experiência retiraria «erudição e motivo» para tratar de «guerra e mercancia juntamente», como efectivamente acontece ao longo do extenso documento que elaborou³⁰. Segundo refere, não se contentava com o exercitar das armas ao serviço de Sua Majestade mas, «com eficaz aplicação», passava a «examinar e estimar» a importância dos portos e reinos por onde passava.

De facto, e baseados no seu próprio testemunho, Pinto de Azevedo esteve, embora de passagem, em Moçambique, se bem que as notícias que recolheu sobre a «guerra e mercancia» lhe tenham dado o suficiente conhecimento da realidade e importância dos rios do Cuama, Mombaça e Melinde.

Foi ao Mar Roxo, Mascate e Diu nos galeões de Nuno Álvares Botelho e, de tais viagens retira a noção da importância do comércio do Mar Roxo «pelas prezas que lá se tomaram»³¹. Da costa do Norte obteve «experiência e notícia», não só de todas as fortalezas portuguesas aí existentes, como «das nações vizinhas e dos seus tratos e condições», através das armadas de remo e de alto bordo em que participara, ou apenas obtivera informações. Assevera ainda ter «bastante conhecimento» das costas do Canará, Malabar, costa da Pescaria, pois que, navegando em armadas de remo, havia estado em todas as fortalezas e examinado os «tratos, qualidades e condições delas e das nações que se comunicam»³². A mesma observação havia feito da costa do Coromandel, por ter permanecido em S. Tomé

³⁰ Cf. fl. 2.

³¹ Cf. fl. 2.

³² Cf. fl. 2v.

de Meliapor e Negapatão «e circunstanciar a importância de cada uma».

Da ilha de Ceilão tem um aprofundado conhecimento e, consagrar-lhe-á algumas páginas do seu manuscrito. É aliás um dos mais inflamados defensores da sua importância para a manutenção do Estado Português da Índia, pois, como escreve: «pela notoriedade de seus portos, estado e importância estou bem presente no que é»³³.

A Ásia do Sueste é talvez a região que Jorge Pinto de Azevedo parece melhor conhecer. De facto diz ter «andado devagar com armadas» nos mares de Malaca, «além de que depois os passei por vezes» como atesta. De Junc-Ceilão ao Japão - «que são algumas novecentas léguas de costa» - percorreu todos os reinos e portos desta rota pela parte do Norte e deles obteve «o conhecimento que basta para não ignorar as condições, tratos e natural de cada qual»³⁴. Em armadas portuguesas ou holandesas viajou por Samatra, Achém e mares circundantes, não se «descuidando de circunstanciar e examinar a essência do que via por todas estas partes»³⁵. Esteve também por diversas vezes em Manila e, pelas informações que obteve dos castelhanos «mais práticos e luzidos» e dos holandeses «maiores deste Oriente» soube o que eram as ilhas de Maluco, onde uns e outros resgata-
vavam as tão «estimadas drogas», o cravo, a maçã e a noz.

Embora não tivesse estado em Bornéu, Macassar, Solor e Timor, afirma ter bem presente a sua realidade, já que o trato que se fazia de Macau para tais ilhas lhe havia dado «bastante conhecimento do natural e condição das gentes e da estimação e importância de seus comércios»³⁶.

³³ Cf. fl. 2v.

³⁴ Cf. fl. 2v.

³⁵ Cf. fl. 2v.

³⁶ Cf. fls. 2v-3.

É, assim, com esta «experiência» que elabora o texto que envia a D. João IV, conjuntamente com o mapa da região de Macau que, ao que supomos, ele próprio elaborou «para melhor se entender o que convém»³⁷. Julga que a «lembrança e exemplo» de algumas coisas do tempo passado servirão de «abono e ajuda» para tratar o presente e prevenir o futuro. E, admitindo que em alguns factos existam outras «experiências mais cabais», Pinto de Azevedo está persuadido de que a sua não deverá ser excluída, «pois é tão universal que se pode desviar das impropriedades e implicações que provavelmente haverá em aquelas que o não forem»³⁸.

Sem pretendermos substituir a leitura do texto que a seguir se edita, acompanhemos o discurso do autor nas partes em que o dividiu:

- I. [Introdução] (fls. 1 a 3).
- II. *Como a continuação do governo português do Estado da Índia não foi em ordem ao fim para que se principiou e, por essa razão veio tudo não só ao miserável estado em que se vê, mas também ao risco de se perder de todo* (fl. 3).
- III. *Prova do erro da continuação* (fls. 3 a 7v).
- IV. *De como não só está esta obra em risco de não ter fim, mas também de se perder de todo a parte principiada* (fl. 7v).
- V. *Consideração do Estado Próspero* (fls. 7v a 8).
- VI. *Consideração de diminuição* (fls. 8 a 10).
- VII. *Miséria em que se vê do presente o poder do braço popular* (fls. 10 a 12v).
- VIII. *Reedificação* (fls. 12v a 14).
- IX. *Como é melhor o porto de Triquinimale para corte, do que outro nenhum deste arquipélago indiano* (fls. 14 a 19v).

³⁷ Cf. fls. 3 e 22v. Reproduzimos em anexo este mapa.

³⁸ Cf. fl. 3.

"Advertências" e "Queixumes"

- X. *Advertência separada sobre Macau* (fls. 19v a 20v).
- XI. *Como se podiam os de Macau conservar-se e crescer sem mais viagens que as do Reino da China, se tivessem liberdade para as fazer* (fls. 20v a 22).
- XIII. *Como a augmentação de Macau é o maior proveito do Estado Português* (fls. 22 a 23).
- XIV. *Como da China se pode restaurar o Estado Português se se perder* (fls. 23 a 23v).
- XV. *Como se alcançará esta faculdade* (fls 23v a 28v).

Vejamos alguns aspectos mais relevantes do seu conteúdo, seguindo cada uma das partes em que o autor dividiu o texto, apesar das repetições em que por vezes incorre e que, em alguns casos, se deverão entender como insistências nas várias propostas que vai formulando ao longo do seu discurso.

Numa primeira parte - que entendemos titular de *Introdução* - o autor começa por se apresentar, dando conta da sua muita experiência adquirida em vinte e quatro anos de permanência nas mais diversas partes do Oriente e que constituem a garantia da veracidade das suas afirmações. Ou, como escreve no início: «a experiência que tenho deste Oriente é o alicerce em que se estriba minha confiança e o fundamento que há-de realçar e acreditar as razões com que pretendo fazer infalíveis utilidades que não-de resultar destas advertências». E, no exercício das funções militares e da administração dos seus «particulares», havia adquirido «erudição e motivo» para tratar simultaneamente de «guerra e de mercancia»³⁹.

Depois de lembrar que o principal objectivo da expansão portuguesa no Oriente fora a conversão dos gentios à religião católica, Pinto de Azevedo observa que tal propósito, por falta de «mestres de experiência e o curto tempo que os não fez»

³⁹ Cf. fl. 1.

não havia prosseguido por culpa da «parte secular», correndo-se até o risco de tudo se perder⁴⁰.

Mas, como observa logo de seguida, «na continuação esteve o erro», já que «não se deve culpar os primeiros» que na Índia «tomaram pé e principiaram a obra», porque lhes «faltava o conhecimento das coisas para a poderem traçar como convinha»⁴¹. É então que começa a explanar aquilo que poderemos considerar um dos seus principais objectivos: demonstrar que Ceilão deveria ser a «corte e cabeça do Estado Português» no Oriente, pelas razões que a seguir apresenta:

1ª - Por ser terra de gentios, que se convertem mais facilmente ao cristianismo do que os mouros;

2ª - A sua realidade insular tornava-a mais facilmente defensável a ataques inimigos;

3ª - Abundar na ilha a canela, uma das mais ricas e preciosas especiarias «que em segundo lugar se pretendia adquirir com este descobrimento», viabilizando-se economicamente a «obra» a realizar no Oriente, até «por não ser Portugal tão rico que as escusasse para esse efeito»⁴².

4ª - Por se situar a ilha de Ceilão junto às costas do Coromandel, Pescaria e Massulipatão, terras de «gentilidade» e, por isso, de mais fácil conversão ao catolicismo, e também por se poder aí vender a areca e os elefantes de Ceilão, por roupas e até arroz e trigo «para prover Ceilão se disso carecesse»⁴³.

5ª - Por Ceilão ficar muito próximo de Cochim e dos demais portos onde se adquiria a pimenta, reduzindo assim custos de transporte e dispensando as armadas de remos que protegiam

⁴⁰ Cf. fl. 3.

⁴¹ Cf. fl. 3v.

⁴² Cf. fl. 4.

⁴³ Cf. fl. 4v.

os carregamentos contra os ataques dos «ladrões da costa do Malabar»⁴⁴.

6ª - Por a distância desta ilha a Bengala, Pegu e Malaca ser também bastante menor que a de Goa, podendo-se assim melhor aproveitar os «comércios» destas terras, indispensáveis para a compra da pimenta, cravo, maçã e noz.

7ª - A aproximação de Ceilão era também mais fácil, já que a costa não oferecia baixios e as condições climatéricas da ilha possibilitavam a estiva dos navios durante todo o ano, ao contrário do que acontecia em Goa. Porque - explica - «como é ilha, ou de uma parte ou de outra se acha a colheita a qualquer tempo que reine»⁴⁵.

8ª - Por a navegação para Ceilão não oferecer o perigo dos corsários, dispensando-se assim as armadas de protecção.

9ª - Do ponto de vista militar, também Ceilão permitiria concentrar aí maiores e melhores meios, pois como adianta «é de boa guerra que o poder unido é mais forte que o dividido», sendo «de boa razão e experiência que o forte avança ou resiste mais que o fraco» Aliás, o autor começara por lembrar que o «poder de respeito no Oriente» não se pode escusar, o que não se verificava na divisão das praças da costa da Índia «sem um soldado de presídio» e, por isso, ficara «o poder dividido e [a] gente consumida».

10ª - E última razão, mas «de que se deve fazer muito caso», é o facto de Ceilão ficar próximo da costa do Coromandel, «santuário das relíquias» do «corpo sagrado» do apóstolo S. Tomé, facto que deveria constituir «fundamento e alicerce» da presença portuguesa no Oriente, que exige «firmeza perdurável», não se coadunando com «divisões incapazes do abono necessário»⁴⁶.

⁴⁴ Cf. fl. 4v.

⁴⁵ Cf. fls. 4v-5.

⁴⁶ Cf. fl. 5.

Recorde-se que a ideia de fazer de Ceilão a sede do governo português na Índia remontava já aos primeiros anos do seu estabelecimento. Uma descrição da ilha consta da *Relação geográfico-comercial dos reinos do sul de Calecut*, que acompanha em apêndice o roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia e o interesse de D. Manuel foi desde logo evidenciado. Depois de em 1505 determinar a D. Francisco de Almeida que após despachar as naus do Reino mandasse um navio «descobrir» Ceilão, no ano seguinte, em carta ao mesmo vice-rei, releva as riquezas da ilha, a sua importância estratégica, e sugere-lhe que fizesse aí o seu «assento principal», por lhe parecer que ali estaria «no meio de todas as coisas», conferindo assim mais autoridade⁴⁷.

Jorge Pinto de Azevedo retoma assim os argumentos antigos. Não se contenta, porém, em demonstrar as vantagens que Ceilão oferecia para centro administrativo e económico do Estado Português do Oriente. Parecendo obcecado com tal ideia, aponta os prejuízos que advêm do facto de Goa ser a capital. E, reafirmando o «erro da continuação» das cidades e fortalezas se localizarem «em reino estranho e guerreiro», tornando-as «matadouros de tão desnecessárias guerras», lembra «o trabalho e dispêndio de gente e dinheiro» com que se adquiria em Goa a carga para as naus de Portugal, vinda de distantes partes, e o custo das armadas que as protegiam. Conclui que Goa nenhum proveito oferecia a Portugal, a não ser «alguma pouca roupa», que facilmente poderia ir para Ceilão, além de algum salitre, também existente no Coromandel, pois «tudo o que se acha nela é por ser corte, a cujo tráfico acodem todos os tratos, ainda que com trabalho»⁴⁸. Além disso, as deficientes condições do porto,

⁴⁷ Carta de D. Manuel a D. Francisco de Almeida, 1506, in *Arquivo Português Oriental*, ed. de A. B. Bragança Pereira, tomo IV, vol. I, parte I, Bastorá, 1937, p. 127.

⁴⁸ Cf. fl. 6.

a que se somava o encerramento à navegação nos três ou quatro meses da monção, causavam «grande detrimento e perturbação à negociação das armadas».

E, se as «prosperidades» oferecidas por Goa como corte, constituíram uma fonte de atracção de gente portuguesa, também «foram causa da ruína deste Estado»

Na parte IV o autor alerta D. João IV para o facto de estar em risco não só a continuidade da obra de «conversão dos infiéis» iniciada, como até de se perder todo o trabalho desenvolvido ao longo dos anos, pois estando em perigo «o poder do braço secular neste Oriente» terminaria «o benefício da conversão», já que «os efeitos se acabam com as causas»⁴⁹.

Antes de se debruçar sobre a situação então presente, que denominará de «miserável», Pinto de Azevedo explica, na parte V, a sua concepção de «Estado próspero», recordando, detalhadamente, a altura em que o Estado da Índia atingira tal condição, ou seja, e em resumo, quando era próspero o comércio com Portugal, Ormuz, Malaca, China, Bengala e Moçambique.

As considerações sobre o que denomina de «diminuição» do poder económico e político-militar dos portugueses no Oriente ocupam a parte seguinte das suas *Advertências*. E, enunciando as razões de tal situação, aponta como primeira o facto de Ceilão não ter sido «todo conquistado, sujeito e convertido» e transformado em «corte e cabeça» do Estado. É que assim a ilha poderia servir de «esquadrão tão forte e fechado» que afastaria dos inimigos a ideia de a conquistarem, permitindo também daí o lançamento de «poderosas mangas dos portugueses em armadas de alto bordo contra o mar». A dispersão por diversos reinos, o enfraquecimento do braço secular, e a impossibilidade de resistir à entrada das Companhias europeias no Oriente contam-se entre as consequências de tal erro⁵⁰. E, exemplifi-

⁴⁹ Cf. fl. 7v.

⁵⁰ Cf. fls. 8-8v.

cando, a perda das ilhas Molucas, de Ormuz, das feitorias de Bengala, o bloqueamento do estreito de Malaca, a conquista desta cidade são o corolário de tal diminuição.

Mas não são apenas erros estratégicos da responsabilidade da classe político-militar os delatados por Jorge Pinto de Azevedo. Denuncia também o desleixo e a impreparação na maneira de navegar, ou o que denomina de «indecência da navegação mercantil» e «insuficiência dos pilotos portugueses que na Índia navegam»⁵¹. O uso de embarcações sem as mínimas condições de defesa levava a que os marinheiros ao avistarem ao longe outros navios abandonassem logo os seus «sem brigar», fugindo covardemente para terra no batel, sem primeiro sequer os tentar identificar. Conta até que muitas vezes em Malaca tal acontecera. E chegados ao porto, «depois de passados muitos trabalhos», encontravam lá os navios com os marinheiros mouros que os haviam ocupado. Mas a ignorância dos pilotos era também uma das causas da «diminuição», pois que «sem o serem nem disso saberem nada» se metiam ao mar «com pouco temor de Deus e menos amor do próximo». E conclui: «tudo é chorar e lamentar perdas e ignorâncias de pilotos»!⁵².

A concorrência de ingleses e holandeses instalados em feitorias próximas das dos portugueses ou outrora por estes controladas, são também motivo do estado da decadência a que alude o autor. Com efeito, a proibição de comércio no Japão, a perda de negócios na China e a instalação de holandeses e ingleses no Coromandel, são apontados como exemplos das perdas do comércio português no Oriente. E porque «a pobreza a tudo se ajeita», refere a colaboração de alguns portugueses que, a pedido dos estrangeiros, mandam pintar panos em S. Tomé de Meliapor, para depois seguirem para Pegu e Malaca.

⁵¹ Cf. fl. 9.

⁵² Cf. fl. 9.

Com as perdas destes comércios e as da Fazenda Real afrouxara o «poder» que vinha de Portugal. E não chegando nada daqui, «nada será tudo o que cá há», o que o leva a presumir - não longe da realidade - que em primeiro lugar o que se pretendia era «adquirir fazenda», relegando para um segundo plano a «conversão»⁵³.

Para «remate de toda a diminuição» aponta a entrada dos holandeses na ilha de Ceilão, pois que «era só o que o Estado Português tinha neste arquipélago indiano», já que «nenhuma outra coisa tem nele em que possa pôr os olhos se não fôr nela, por todas as razões já referidas».

Na parte VII continua a inventariar e até a repetir o extenso rol de «misérias» que atingira o «poder do braço secular», aludindo às várias guerras de Chaul, Mangalor, Braçalor, Cambolim, Ormuz, as mortes ocorridas nas diversas armadas de Malaca, na Cochinchina, Camboja. Lembra que o mesmo certamente viria a acontecer na recente povoação de Macassar, pois que «edifícios sem alicerces edificados em terra alheia, de forçado hão-de arruinar depressa e perder-se de todo»⁵⁴. Aliás depois de enunciar várias cidades de onde os portugueses haviam sido expulsos nos últimos anos, acertadamente conclui que «de todas as partes em que havia dinheiro nos tem botado, e daquelas aonde o metemos não nos botam». E não havia que imaginar outras «causas» ou «filosofias» senão as do «interesse» que, em seu entender «é a que fecha todas as portas dos possíveis e desfecha as dos impossíveis»⁵⁵.

Mas o desânimo não parece dominar Pinto de Azevedo. Apesar das muitas lamentações, que poderão ser entendidas como um diagnóstico crítico à actuação portuguesa nas últimas

⁵³ Cf. fl. 10.

⁵⁴ Cf. fl. 11v.

⁵⁵ Cf. fl. 12.

décadas no Oriente e de afirmar que o «edifício está arruinado», de nada servindo os «esteios que se lhe aplicam», defende ser imperioso «reedificar de novo a obra e continuá-la» em ordem ao objectivo desejado, «se - adverte - é que a queremos ter»⁵⁶.

De facto o autor tratará nas páginas seguintes da «reedificação», advertindo logo de começo que «assim como para se rectificar de novo a obra de alguma ruína se deve ponderar o erro ou erros que dela foram causa [...] assim também convém ponderar os erros que foram a causa de vir o Estado Português de que se trata à ruína em que de presente está», a fim de se escolherem os mais acertados meios «para se não perder de todo, como pode suceder».

E, o primeiro e «mais principal, de que dependem todos os mais» é instalar-se o vice-rei em Ceilão, na parte leste ou nordeste e norte, pelas maiores proximidades do Coromandel e melhor comunicação com o Extremo-Oriente. Discorrendo de novo sobre as vantagens da capital se transferir para Ceilão, da sua abrigada costa, o autor também adverte o rei para a necessidade das embarcações do Reino e galeões de guerra serem de menor porte «ainda que os marinheiros delas digam o contrário, por trazerem grandes agasalhados». Cita o exemplo dos holandeses, cujas naus chegam a fazer vinte viagens à Holanda e poucas vezes iam ao estaleiro, sendo reparadas no mar pelos carpinteiros que, comenta, nunca estão «ociosos como os nossos»⁵⁷. Situação bem diferente acontecia com as naus portuguesas que além de «sempre estarem no estaleiro» só «duas viagens fazem e se perdem cada dia».

As vantagens de Ceilão e, muito especialmente, do seu porto de Triquinimale para instalar a corte do vice-rei, ocupam toda a parte IX do texto. Defende uma colonização da ilha através

⁵⁶ Cf. fl. 12v.

⁵⁷ Cf. fl. 13v.

da fixação de topazes e canarins⁵⁸ pobres, trazidos das diversas fortalezas portuguesas do Oriente, a quem seriam oferecidas terras para cultivar, com a condição dos seus filhos casarem obrigatoriamente com cingaleses. Assim nasceriam mestiços que, desconhecendo as suas castas e a «perplexidade dos que chamamos topazes», viveriam «obedientes sem presumir rebelião»⁵⁹.

A impreparação dos capitães das carreiras comerciais do Índico e, sobretudo, a sua falta de autoridade, a que se juntavam o mau artilhamento dos navios e a inépcia dos artilheiros eram também situações que importava corrigir, porque, escreve, «se tem visto muitas vezes querer brigar o capitão ou seguir o acertado e os mercadores o impedirem, e se perder tudo»⁶⁰.

Mas com os pilotos também o mesmo se verificava, clamando o autor para a necessidade de «acudir-se ao dano e desordem» deles exigindo-se que a profissão só fosse exercida por quem demonstrasse, em acto de exame, os conhecimentos suficientes para a desempenhar, pois que «esta ciência não consente imperfeições». Se possível, deveria até criar-se uma escola de pilotagem, onde só se admitissem alunos «de bom engenho», pois que se contasse os exemplos dos danos por tal incompetência, a sua prosa mais se pareceria com uma «grande lenda». Questiona-se mesmo porque razão não havia de ser castigado um capitão que, entregando um navio aos inimigos, deitava a perder uma cidade, merecendo «ser assado em um espeto e deitado aos cães para emenda de outros» e se não há-de tirar os olhos aos pilotos que batiam com os navios em parte de que se desvia um cego, para exemplo dos demais «quando tomam entrega de outros».

⁵⁸ Vejam-se no documento as explicações que demos sobre estes dois grupos sociais.

⁵⁹ Cf. fl. 15v.

⁶⁰ Cf. fl. 16.

A exigência de prévia licença para a realização das viagens de comércio e uma adequada distribuição destas tornavam-se absolutamente necessárias, evitando que os navios se juntassem todos em Moçambique, Mascate ou China, ou até mesmo na costa da Índia, cujo proveito seria «nada ganharem» ou «todos perde-rem», ou até mesmo «todos se consumirem e nunca fazerem nada», continuando a «sempre serem nada»⁶¹.

À necessidade de restabelecimento do comércio na costa do Coromandel - sobretudo em S. Tomé «para que se não acabe de todo» - e em diversos outros locais, o autor dá uma especial importância às ilhas de Solor e Timor devido ao enorme «proveito» do sândalo na costa do Coromandel, e recomenda vivamente que se não deixasse perder a ilha de Solor onde se construira a primeira fortaleza naquelas ilhas, e conviria até que uma nova, de taipa, fosse ali levantada.

Quanto a Goa, em seu entender ficaria apenas com um presídio reforçado, pago pelos foros das terras e outras rendas aí arrecadadas. O seu capitão sê-lo-ia também de toda a costa da Índia, ganhando assim experiência para poder vir a suceder ao vice-rei. Pois, adianta, «convém muito que o vice-rei que houver de governar, tenha já experiência deste Estado».

Mas havia necessidade de promover a mestiçagem começando pela «gente da terra nobre que possui fazenda», impedindo que os homens se casassem dentro da sua casta, mas sim com mulheres com alguma ascendência portuguesa. Quanto às «mulheres afazendadas» naturais, casariam apenas com homens genuinamente portugueses. Estava persuadido ainda, talvez erradamente, que este objectivo não seria difícil de conseguir, já que «os melhores deles» praticavam já tal uso. Recomendava por isso que esta exigência fosse de pronto feita aos cristãos. Assim se conseguiria, em poucos anos, uma miscigenação que os levaria

⁶¹ Cf. fl. 17.

a considerarem-se todos portugueses e, como tal, a unirem-se para a defesa da terra, até porque era sua convicção, que o sangue português lhes daria «a afeição das armas» e a necessária fidelidade a Portugal⁶².

Lembra também ao rei que «a opinião dos passados», sobre a escolha de Goa para capital, não deveria ser considerada no tempo presente, «ainda que fosse para o seu». É que tendo-se eles contentado com a costa da Índia, que primeiro acharam e lhes deu pimenta e roupa para levarem a Portugal, aí adquiriram logo «prosperidades», deixando para segundo plano do «interesse a conversão»⁶³. Por isso formula o desejo de que nenhuma causa «escureça» a de se acudir a Ceilão, tomando-o de uma só vez. A sua perda significaria a da canela, «que só traz à Índia os mareantes e enobrece e enriquece o Estado Português», e este ficaria assim sem «escudo» para se defender. E, recorda: «corpo sem escudo fica perigoso e é contra razão e pecado».

Depois de todas estas considerações e, sobretudo, de repetidamente ter insistido na importância de Ceilão e do que importava fazer para melhorar o comércio regional, Jorge Pinto de Azevedo esforçar-se-á por demonstrar que Macau e a China representavam a viabilização do Estado da Índia.

Ocupando-se de Macau e do que para esta cidade representou o comércio do Japão, infelizmente já perdido, defende que para a conservação e crescimento de Macau bastariam apenas as viagens à China, se lhe fosse permitido fazê-las, tais eram as riquezas que daí adviriam e que vai especificando ao longo do texto. Aliás, aumentar Macau - assevera - «é o maior proveito do Estado Português», acrescentando ainda que se se perdesse o Estado da Índia, da China se poderia restaurá-lo⁶⁴.

⁶² Cf. fl. 18.

⁶³ Cf. fls. 18v-19.

⁶⁴ Cf. fls. 23-23v.

Depois concebe um arrojado plano de conquistar Cantão que descreve minuciosamente, apresentando até um mapa pormenorizado da região, com informações várias que apôs na mesma carta⁶⁵. O conhecimento que tem da cidade, como de Hainão, são particularmente evidenciados, relatando até episódios da sua vida pessoal aí ocorridos⁶⁶. Recorde-se que também a ideia de conquista da China era antiga. Já Tomé Pires (1515) a defendera e voltará a aparecer de quando em vez, como agora acontece, até meados do século XVIII⁶⁷.

Antes de terminar o seu «memorial de queixumes», lembra a D. João IV que «o seu braço poderoso» se deveria «ocupar» do «aumento» das «três partes principais» que tinha no Oriente: a China de «que se conhece o bem referido», o Ceilão em segundo lugar e, por último, os rios do Cuama.

E, ao concluir, pede ao rei que lhe perdoe se incorreu na culpa de tardio ou no erro de ignorante. Mas, se tal aconteceu, que lhe sirva de desculpa «a tardança» dos «efeitos» que o enganara, por lhe parecer que ainda era oportuno o seu «memorial», fundamentado apenas no desejo que nutria de ver «tudo remediado e livre de riscos»⁶⁸.

*

Ao longo de todo o texto, ressalta a longa experiência que Jorge Pinto de Azevedo havia adquirido durante mais de duas décadas de permanência no Oriente e o conhecimento que obti-

⁶⁵ Reproduzimo-la em anexo, em tamanho real e em dimensões reduzidas no texto.

⁶⁶ Cf. fls 25v-26.

⁶⁷ Jorge Manuel dos Santos Alves e Pierre-Yves Manguin, *O Roteiro das Cousas do Achem de D. João Ribeiro Gaio: Um Olhar Português sobre o Norte de Samatra em finais do Século XVI*, Macau-Paris, Abril de 1955, policopiado.

⁶⁸ Cf. fls. 29-29v.

vera, quer do contacto com portugueses, quer até com holandeses em cujos navios havia viajado algumas vezes quer, sobretudo, do conhecimento das terras e das gentes onde permanecera ou simplesmente percorrera. O sentido prático da vida, expresso nos muitos ditados da sabedoria popular que a propósito cita, sobreleva também o mérito e a credibilidade do seu depoimento. Mas este escrito traduz, ainda, a sinceridade e o empenhamento de alguém que, ao que supomos, desinteressadamente, e com espírito patriótico, leva ao conhecimento do Rei um relato circunstanciado sobre a situação portuguesa na Oriente e a profunda crise em que se encontrava mergulhado. Todavia, é também evidente alguma ingenuidade na defesa de certas opções, como a da conquista de Cantão, a da colonização da ilha de Ceilão, ou até mesmo na facilidade com que se estabeleceria a capital do Estado da Índia, na ilha de Ceilão, ou o casamento entre naturais e portugueses do Reino.

Pensamos, aliás, que o texto que elabora para D. João IV valerá, sobretudo, pelos testemunhos que o seu autor dá sobre a situação política, social e económica do Estado da Índia em meados de seiscentos, do que pelas sugestões que apresenta para solucionar alguns dos problemas existentes. Não deverá também olvidar-se a situação de conjunto que Pinto de Azevedo tem de toda a Ásia, como já a tivera Afonso de Albuquerque e D. João de Castro no século anterior.

O mapa representando a Foz do Rio das Pérolas com a Península de Macau, se traduz a impreparação do autor para a sua execução, revela a consciência de tal facto, já que sempre o denomina de «retrato» ou de «pintura», assumindo alguma imperfeição ou mesmo incorreção, já que refere o modo «pouco mais ou menos» como o elaborou⁶⁹. Apesar da falta de perspectiva ou da desproporção com que foi desenhado, traduz todavia a

⁶⁹ A fls. 24v e 27.

preocupação de esclarecer e de precisar alguns dos aspectos abordados no texto. Daí o interesse na sua reprodução em tamanho real⁷⁰.

*

A transcrição do texto foi feita sem alterações importantes. Apenas regularizámos o uso das maiúsculas e minúsculas e introduzimos alguns sinais de pontuação para facilitar a sua leitura. Também com essa intenção entendemos fazer acompanhar o texto de notas que identificassem os lugares referidos e, sempre que possível, dessem ao leitor interessado na temática a relação de tais lugares com a História da Expansão Portuguesa no Oriente, fornecendo-lhe até bibliografia elementar e acessível.

Para tal, servimo-nos quase sempre da obra do Visconde de Lagoa, *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*. I Parte - *Ásia e Oceania*, 4 vols, Lisboa, Junta de Investigações Coloniais - Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1950-1954; Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols, Coimbra, I. da Universidade, 1919-1921. Mas sem a ajuda de alguns Colegas e Amigos na identificação de certos nomes e lugares, na transcrição de palavras chinesas e na indicação de bibliografia, as lacunas de anotação

⁷⁰ Este mapa, com 59,3x43,5 cm, tem vindo a ser reproduzido ultimamente em várias publicações. Veja-se *Macau: Cartografia do Encontro Ocidente-Oriente*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses - Fundação Oriente, s.d., p. 134, com reprodução em separado; Jorge Manuel Flores, «A História de Macau, Séculos XVI-XVII: Alguns inquéritos em aberto» in *RC. Revista de Cultura*, 19 (II Série), 1994; Rui d'Ávila Lourido, «A Portuguese Seventeenth Century Map of the South China Coast» in *Santa Barbara Portuguese Studies*, I (1994), pp. 244-271; Id. *A Rota Marítima da Seda e da Prata: Macau - Manila, das Origens a 1640*, Lisboa, 1995, dissertação de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), policopiada; Isáú Santos, *Macau e o Oriente nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1995.

"Advertências" e "Queixumes"

do texto teriam sido maiores. Deixamos por isso expresso o nosso reconhecimento aos Colegas Luís Filipe Thomaz e Roderich Ptak pelos muitos esclarecimentos que nos deram. Ao Senhor Embaixador Dr. João de Deus Ramos, agradecemos também a leitura cuidada que fez do documento e das anotações, as correções que nos sugeriu e os esclarecimentos e bibliografia que tão generosa e prontamente nos facultou.

*Aduertencias de muita importancia
ha Magestosa coroa del Rey Nosso Senhor
Dom João o 4º do nome, offerecidas e apresentadas
ao dito Senhor no seu Conselho do Estado da India,
em mão do Senhor Vice Rey Dom Phelipe Mascarenhas,
por Jorge Pinto d'Azeuedo, morador na China
em Março de 1646*

Como a experiencia que tenho deste Oriente he o alicerse em que se estriba minha confiança e o fundamento que ha de realçar, e acreditar as rezões com que pretendo fazer infalíveis vtilidades que hão de resultar destas advertencias (pois sem ella prouauelmente terião menos lustro do que requerem couzas tão arduas), necessariamente a manifesto em primeiro lugar, esperando que tão justa cauza me desculpe.

Vinte e quatro annos tenho da India, e dous cabais¹ não tiue de assistencia continua em alguma das cidades, fortalezas ou Reinos della, sendo que em todas estiue, e em muitas dellas por veses, ou fosse exercitando as armas em seruiço de Vossa Magestade por soldado e capitão, segundo minhas certidões, ou administrando meus aueres, e tratando de meus particulares,

¹ Entenda-se «dois annos inteiros».

com o licito e não estranhado modo que geralmente vzamos neste Oriente; e da experiencia que tirei de huma e outra couza, tiro erudição e motiuo pera tratar de guerra e de mercancia juntamente.

Estiue em Moçambique posto que de passagem, a nota que fis e faço junta com a noticia que me tem communicado a guerra e mercancia, me tem posto no conhecimento do que he, e do que são os rios de Cuama², Mombaça³, e Melinde⁴.

² Nome por que era conhecida a bacia hidrográfica do Baixo Zambeze, que dava acesso ao ouro do Monomotapa e à prata de Chicova. Sobre a penetração dos portugueses nesta região veja-se de Alexandre Lobato, *A Expansão Portuguesa em Moçambique de 1498 a 1530. I - Descobrimento e ocupação da costa 1498-1508*, Lisboa, A.G.U., 1954, pp. 51-102; Id., «Para a História da Penetração Portuguesa na África Central», in *Colonização Senhorial da Zambézia e Outros Estudos*, Lisboa, J.I.U., 1962, pp. 77-95.

³ Cidade localizada na costa Este da ilha de Mombaça, no Oceano Índico, junto à costa oriental de África (actual Quénia), e cujas coordenadas médias são 4° 02' lat. N. e 39 40' long. E. Dela deixou um curto relato Álvaro Velho no *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama (1497-1499)*, ed. com prefácio, notas e anexos de A. Fontoura da Costa, Lisboa, A.G.U., 1969, pp.32-33: «Esta cidade é grande e está assentada em um alto, onde bate o mar. E é porto onde entram muitos navios cada dia; e tem à entrada um padrão. E tem na vila, junto ao mar, uma fortaleza baixa [...]». Sobre Mombaça veja-se, de Charles Boxer e Carlos Azevedo, *A Fortaleza de Jesus e os Portugueses em Mombaça*, Lisboa, C.E.H.U., 1960.

⁴ Cidade situada na costa oriental de África (actual Quénia), em 3° 13' lat. S. e 39° 28' long. E., onde a armada de Vasco da Gama, na ida para a Índia, permaneceu nove dias, fornecendo-lhe o rei de Melinde um piloto que a conduziu a Calecute. «Esta vila de Melinde está em uma angra e está assentada ao longo de uma praia, a qual vila se quer parecer com Alcochete; e as casas são altas, e mui bem caiadas; e tem ao londo dela, da banda do sertão que está pegado com as casas, um palmeiral muito grande, e toda a terra deredor são lavouras de milho e outras legumes», assim a descreve Álvaro Velho na *obra cit.*, a p. 38. Sobre Melinde, leia-se o artigo de Maria da Conceição Flores, «Melinde» in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, vol. II, direcção de Luís de Albuquerque, coordenação de Francisco Contento Domingos, s.v. e a bibliografia aduzida pela autora.

“Advertências” e “Queixumes”

Fuy ao mar Roxo nos galeões de Nuno Alures Botelho⁵, e tenho alcançado que comercio he para as nações deste Oriente pellas prezas que lá se tomarão.

Fuy ao estreito de Mascate nos galeões do mesmo geral. Estiue em Dio tãobem com o mesmo. //

[2v] Da costa do Norte tenho experiencia e noticia com armadas de remo e d alto bordo, e de todas as fortalezas de Vossa Magestade nellas e das nasções suas vezinhas, e de seus tratos e condições.

Da costa do Canara⁶ e Malauar⁷ e costa da Pescaria⁸ em que andei com armadas de remo, tenho bastante conhecimento: por estar em todas as fortalezas dellas, e ter notado e examinado os tratos, calidades e condições dellas, e das nasções que se communicão. E pello conseguinte da costa do Choromandel⁹, por auer estado em São Thome, e Negapatão, e circumstanciar a importancia de cada huma.

⁵ Sobre a acção deste valeroso capitão na Índia, veja-se o ainda útil livro, *Nuno Alvares Botelho Capitão Geral das Armadas de Alto Bordo e Governador da Índia*, int. por A. Botelho de Sousa, Lisboa, A.G.C., 1940.

⁶ A costa do Canará compreendia o litoral situado entre o Canará e o monte de Deli.

⁷ A costa do Malabar, segundo Diogo de Couto, estendia-se de Cananor até ao cabo de Comorim, a sul.

⁸ Situada entre o cabo de Comorim e a ilha de Manar. A designação advém-lhe da outrora célebre pesca das ostras perolíferas.

⁹ Litoral leste da Índia, que se estendia desde a ponta de Calimare, em 10° 18' lat. N. e 79° 52' long. E., e as bocas do rio Krishna. Atravessava assim os actuais estados de Tamil Nadu e Andhra Pradesh, atingindo o seu termo na ponta de Godavari, a 16° 30' de lat. N. e 82° 50' de long. E. Sobre o assunto veja-se de Sanjay Subrahmanyam, «Coromandel», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, I. s.v. e a bibliografia aí indicada.

A Ilha de Ceilão corry em roda; estiue em Gale¹⁰, e Columbo¹¹, e Manar¹², e vy Jafanapatão, e o cais dos Alifantes¹³, e Batecalou¹⁴, e Triquinimale¹⁵, e pella notoriedade de seus portos, estado e importancia estou bem presente no que he.

Nos mares de Malaca tenho andado deuagar com armadas, alem de que depois os passei por vezes, e em tudo estou presente, porque desde Junçulão¹⁶ ate Jappão, que são algumas noucentas legoas por costa, quasi sempre tenho andado passando todos os Reinos deste caminho: que são Queda¹⁷, Pera¹⁸, Malaca, Jor¹⁹, Pão²⁰, Patane²¹, Camboja, Sião, Chápa²², Cochi-

¹⁰ O porto de Galle, em 6° 01' lat. N. e 80° 14' long. E., situava-se no litoral su-soeste da ilha de Ceilão.

¹¹ Actual Colombo.

¹² Ilha situada junto à de Ceilão.

¹³ Ilha do Cais dos Elefantes - ilha *Velanai*, a 9° 40' lat. N. e 79° 54' long. E. - situada junto ao litoral de Jafna, no extremo norte de Ceilão.

¹⁴ Situado na costa leste da ilha de Ceilão a 7° 43' lat. N. e 81° 44' long. E.

¹⁵ Porto de *Trinquinamale* ou *Tincomali*, em 8° 33' lat. N. e 81° 15' long. E., situado na costa oriental de Ceilão.

¹⁶ *Junc-Ceilão*, também designada por *Salang*, *Puket* ou *Junk-Ceylon*, em 8° lat. N. e 98° 27' long. E., junto à costa ocidental da Península Malaia.

¹⁷ Antigo reino da Península Malaia que incluía, na totalidade ou em parte, a actual região de *Kedah*, em 15° 45' lat. N. e 100° 40' long. E.

¹⁸ *Perá*: antigo reino malaio que abrangia o actual estado de *Perak*, em 4° 40' lat. N. e 101° long. E.

¹⁹ Antigo reino do extremo sueste da Península Malaia, que abrangia a actual região de *Johore*, com possível excepção da extremidade sueste, como assinala o Visconde da Lagoa, s.v.

²⁰ Antigo reino do Oriente malaio, que abrangia aproximadamente o actual estado de *Pahang*.

²¹ Antigo reino do extremo norte da Península Malaia, em 6° 20' lat. N. e 101° 20' log. E., e que abrangia a actual região de *Patani*.

²² *Champá*: antigo reino da Indochina austral, que abrangia grande parte da actual Cochinchina e o sul de Aname ou Annam, em 12° 18' lat. N. e 109°

china, Tomqui, a ilha de Ainão, China e Jappão; todos pella parte do Norte, e de todas as nasções destes reinos e seus portos tenho o conhecimento que basta pera não ignorar as condições, tratos, e natural de cada qual.

A ilha de Samatra corry em roda, e por vez do canal de Gompela²³ e barra do Dachem²⁴ té os estreitos, com nossas armadas e embarcações, e com os olandeses que de Malaca me leuarão a Jacarta; a corri pella parte de leste desde Singapura²⁵ té a Sunda e Jacarta, e com os mesmos olandezes a corri pela Sunda fora, não me descuidando de circunstanciar e examinar a essencia do que via por todas estas partes.

As ilhas Phelipinas tenho corrido pella parte de loeste, cem legoas do Norte para Manila, onde estieue por vezes, e pella commonicação que tenho dos Castellanos mais praticos e luzidos dellas, e pellos olandezes mayores deste Oriente, sei o que são as ilhas de Maluco e Ternate em que estas duas nasções pessuem o crauo, massa²⁶, e a noza²⁷ tão estimada.

As ilhas de Borneo, Macaçar, Solor, e Timor inda que não estieue // [3] nellas, estou bem presente no que são, porque o trato que em Machao temos para ellas, me tem dado bastante conhecimento do natural e condição das gentes, e da estimação e importancia de seus comercios. Porque não só me contento de exercitar as armas em seruiço de Vossa Magestade quando se me offereçem ocaziões, mas com eficaz applicação passo auante

10' long. E., na área central do actual Vietnam. Veja-se de Luís Filipe Thomaz, «Champá», in *Dic. de Hist. dos Descobrimentos Portugueses*, s.v.

²³ As ilhas de *Gamispolá*, também designadas por *Gomes*, situadas no extremo noroeste da ilha de Samatra, formam o estreito ou canal de *Bengal*.

²⁴ Reino de *Achém*.

²⁵ Singapura.

²⁶ *Maça*: é o que actualmente se chama *macis*, isto é, arilo da noz moscada.

²⁷ Noz moscada.

a examinar e estimar a importância destas colunas dos reinos tão necessarias pera a sustentação e aumento delles como as proprias armas; e assy com esta experiencia que breuemente tenho referido recopilarei algumas couzas do tempo passado, pera que a lembrança e exemplo dellas me sirua de abono e ajuda pera tratar do presente, e preuenir o futuro fim desejado (segundo as nção²⁸ de Aristoteles) e inda que em algumas couzas aja outras experiencias mais cabais, nem por isto esta minha se deue excluir pois he tão Vniuersal que se pode desuiar das impropriedades, e implicações que prouauelmente auera em aquellas que o não forem.

Como a continuação do governo portuguez do Estado da India não foi em ordem ao fim para que se principiou e por essa razão vejo tudo não só ao miseravel estado em que se ve, mas tão bem ao risco de se perder de todo.

Por ser certo e sabido que o principal fundamento com que os Serenissimos Reys de Portugal antecessores e avos de Vossa Magestade meterão neste Oriente seu poder foi quererem que por meyo delle e da lei evangelica viessem estas muitas gentelidades no culto de Christo Nosso Senhor Verdadeiro Deos, e por ser conforme a razão principiar se e conntinuar se qualquer obra com ordem ao fim que a de ter, para que venha a ser aquillo que se pretende, he deuido, e posto em razão, que este santo intento, ja principiado com ordem a este fim, se continue tão bem com ordem a elle, para que o possa vir a ter como se imaginou e esperou quando se principiou.

Foi principio desta Santa obra o memorauel descobrimento destas Indias; pois por via delle teue nellas entrada a verdadeira

²⁸ Entenda-se «a noção».

ley como vemos; porem como era obra tão grande que requeria mestres de experiencia, e o curto tempo que os não fez lha negou no tocante a parte secular, não foi por ella continuada com ordem ao fim que se pretendia, e assy auemos oje não só em risco de o não ter, mas de se perder de todo a parte principiada.

Proua do erro da continuação

Foy a costa da Jndia a primeira que se descobrio, e a primeira de que se fez cazo, e fundamento // [3v] pera o pretendido; sendo que he pera isto a peor de todo este Oriente, porque em todo elle podemos nauegar liures de Cosarios, e nella nunca nos foi possiuel por mais sangue que se tem derramado e dinheiro consumido; e boa proua desta verdade fazem as diuerças armadas que todos os annos se lançam desta corte de Goa em goarda das cafillas²⁹ e frotas que para ella trazem quazi todo o necessario de que carece³⁰.

Em toda ella não ha ouro nem prata. E todas as suas nações vendem os fruitos, obras, e roupas de seu trabalho, e não comprão nada de fora, porque para seu vestido se contentão com as suas; e sobre todos estes males tem o peor de não admitir a fé de Christo nosso Senhor há tantos annos nenhuma de suas nações, por serem todos mouros, ou quazi todos, e alguns christãos que há debaixo das armas, e do dominio Portuguez nas nossas cidades, e fortalezas, com tantos trabalhos, e traças dos vinheiros do senhor, posto que agora viue nella, e a profissão

²⁹ Navios de carga que viajavam em conserva. Do árabe *kafila*.

³⁰ De Goa partia anualmente uma armada fazendo o patrulhamento das costas do Canará e Malabar, que recolhia as cáfilas que vinham com a pimenta e mantimentos para as armadas e para prover Goa, escoltando também os navios vindos da China, Malaca, Maluco, Bengala e Coromandel. Cf. o nosso estudo, *O Estado da Índia nos anos de 1581-1588: Estrutura Administrativa e Económica. Alguns Elementos para o seu Estudo*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, p. 25.

alcançarão tanto bem ou por familiares nossos, ou por não escuzarem seus modos de viuer, nossa companhia ou subgeição.

Porem inda que assy seja, não se deue culpar os primeiros que nella tomarão pé e principiarão a obra, pois ainda lhe faltaua o conhecimento das couzas para a poderem traçar como conuinha. Na continuação esteue o erro, e no demaziado resto que nella se meteo depois de se conhecer, adquirir, e alcançar o mais vtil, e proueitozo para o intento.

Foy Deos seruido dar em breue tempo a tão bons intentos o Reino de Ceilão de oitenta legoas de diametro, e duzentas e trinta de computu, o qual he o melhor de todo este archipelago Indiano, e os portos de Paleacate³¹ e São Thome³² na costa de Choromandel, que he a melhor e a que mais conuinha para o que se desejava, e não se conheceo que esta merçe da mão diuina era não acazo feita, mas de preposito para que sendo corte e cabeça do estado Portugues (e com isto todo o christão) fosse alicerce e fundamento de tão certa e protentoza obra, como exemplo e abono de sua christandade, pois se não poz em effeito a mudança do gouerno, e meteo o cabedal que para este abono conuinha. O porque se não pergunte pera que se não notoree que o interesse particular constringe a conhecer se, ou abonar se por bom o que pareçera mau, se sem elle fosse julgado, que se bem inda não era grande o do empenho com que estauão na costa da India, podesse julgar isto pello desconhecimento que inda oje tem desta rezão aquelles que nella vemos empenhados com qualquer caza ou palmar, parece lhes que a segurança disto consiste em se fazer della mais cazo que de todo o mais. //

³¹ Cidade de *Pulicat*, ao norte de *Madrasta* ou *Madras*, situada junto ao extremo sul da ilha de *Sriharikota*, em 13° 25' lat. N. e 80° 21' long. E., no actual *Tamilnadu*.

³² S. Tomé de *Meliapor*.

[4] Parece que a continuação desta obra necessitava dos meyoos que a abonassem, pois não chegam a ser boas as couzas enquanto não são abonadas, e quanto mais abonadas e mayores são as bonas melhores ficão, como vemos em Christo nosso Senhor que sendo denunciado pellos Anjos aos pastores, por estrellas aos Magos, e por Anna e Simeão ao pouo, e por seus milagres em sua santa vida, o tornou a abonar o Padre Eterno não só no Jordão, mas tãobem no Tabor; e se assy necessitava de grandes meyoos que a abonassem, não ha duuida que muito conuinha termos hum Reino inteiro de christãos que no meyo deste archipelago testemunhasse, e abonasse esta obra por obra, e por verdadeira ley a todas as gentilidades delle, porque o testemunho e abono de hum reino inteiro sobreleua aos que dão os poucos christãos que tenho dito.

He Senhor o Reino de Ceilão para o que desejava o melhor de todo este archipelago. A primeira razão he por ser de gentios que recebem a fé com mais facilidade que os mouros, e a nos nos estaua bem que ouesse logo nasção que geralmente a recebesse e confessasse por verdadeira pera com seu exemplo a receberem, e confessarem os mais, com mais facilidade; e como era nossa não auia duuida neste effeito de ser todo christão geralmente tanto que fosse sogeito; e assy o temos visto na parte que chegamos a sogeitar, se bem nunca em nada ouue sobgeição em forma, pello erro de conquistar o pouco resto que se meteo avendo de se meter muito.

A segunda razão he por ser ilha que fica mais defenciuel, e liure dos poderosos exercitos dos Reis deste Oriente em que nos conuinha sempre ter, e asegurar Reino proprio com que nos seculos vindouros fossemos tidos por naturaes, e não por estranhos, e estar em meyo deste archipelago pera com mais commodo se aproueitar de todas as partes, e acudir com mais facilidade ao que se pretendia adquirir como adquiririo.

A terceira razão era por ter em sy a canella que he huma das preciosas especiarias, e riquezas que em segundo lugar se pretendia adquirir com este descobrimento, pera com ellas se

continuar esta obra com mais commodo e vigor por não ser Portugal tão rico que as escuzasse pera esse effeito.

A quarta razão por estar este Reino junto as Costas de Choromandel, Pescaria e Muçulupatão³³, que em segundo lugar // [4v] nos conuinhão mais ter que outra cousa deste Archipelago, por serem de gentilidade que recebe a fé de Christo nosso Senhor com mais facilidade que os mouros, e com nossa vizinhança mais propinquo este bem de se começar pello muito e facil, e não pello pouco e dificultozo, e gastar se, e comprar se nella as cousas da ilha de Ceilão, com tanto ganho como se sabe que rende lá a areca³⁴, sem a qual não podem passar aquellas gentes, e os alifantes que agora lhes leuão de Batecalou³⁵ os olandeses, que estas ocaziões de mercancias não perdem, e demais disto terem estas costas muitas roupas em grande abundancia que hera huma das couzas e riquezas que em segundo lugar (como digo) se pretendeo adquirir com este descobrimento, das quais tão bem necessitaua Ceilão pera sy e pera seus comercios, pois já se tinha conhecido que não os escuzauão os Portuguezes neste Oriente. E demais disto sam estas costas muito ferteis de arros e trigo pera prouer Ceilão, se disso carecesse.

A quinta razão era ficar este Reino tão perto de Cochym e dos mais portos da pimenta, que com mais facilidade e menos gastos podia ella hir pera lá em pataxos, do que era pera Goa em nauios de remo que requerem armadas que os acompanhe a respeito de ladrões da costa do Malauar.

³³ A cidade e o porto de *Masulipatão* ou *Masulipatam*, situado em 16° 9' lat. N. e 81° 10' long. E., na parte setentrional da costa do Coromandel, teve considerável importância no comércio marítimo do Oceano Índico nos séculos XVI e XVII. Sobre o assunto veja-se de Sanjay Subrahmanyam, «Masulipatão», in *Dic. de Hist. dos Descobrimentos Portugueses*, s.v. e a bibliografia aí indicada.

³⁴ A areca, fruto da arequeira (*Areca catechu*, Lin.), era um dos ingredientes do afamado masticatório oriental.

³⁵ Ou *Batticaloa*, em 7° 43' lat. N. e 81° 44' long. E., porto situado na costa leste da ilha de Ceilão.

A seista razão he ficar Ceilão muito mais que Goa perto dos comercios de Bengala³⁶ que tem muita roupa pera Portugal e os mais comercios, e muito asucar e mantimentos de que sempre caressem nossos portos, e juntamente pera Pegu que tem muito ouro de que se faz moedas nestas costas de que tenho tratado antecedentemente, e pera Malaca, e os mais reinos de tropico meridiano, ja referidos no principio, nos quaes se compra com dinheiro o que roupas se leua, e se acha muita pimenta, crauo, massa, e noz que erão as couzas que mais nos conuinha segurar. E não seguramos por só tratar com todo o resto do que menos conuinha na Costa da India como tenho dito.

A setima razão, de ser Ceilão o que mais nos conuinha e conuem neste Archipelago, he ficar a viagem de Portugal mais facil de ahy do que da costa da India, pella limpeza do caminho por não auer baixos como por dentro. E melhoria dos ventos por seruirem em // [5] occaziões que em Goa não seruem, e facultades aos temporaes por se poder tomar em todo o tempo, e não ser necessario pairar no mar, e esperar se abrão as barras como acontece todos os anos na costa da India; e o mesmo pera as mais embarcações de todos os comercios deste oriente, as quais só em monções separadas de Setembro ou de Mayo pode hir a Goa; e a Ceilão todo o anno; porque como he ilha, ou de huma parte ou de outra se acha a colheita a qualquer tempo que reine, como auante se ue melhor.

A oitaua razão he que pera virem as nossas embarcações mercantis buscar Ceilão e seus portos, quaesquer que sejam não

³⁶ Reino situado a norte do golfo do mesmo nome. Em 1537 Afonso de Melo é autorizado a estabelecer uma feitoria em Chittagong, dando assim origem ao estabelecimento de portugueses nesta cidade que, em 1598, ascendiam já a 2500. Também em Hugli se fixarão portugueses a partir de 1570. Sobre o assunto veja-se de Geneviève Bouchon e Luís Filipe Thomaz, *Voyage dans les Deltas du Gange et de l'Irraouddy* 1521, Paris, F.C.Gulbenkian, 1988, pp.105-205; Vitor Rodrigues, «Bengala», in *Dic. de Hist. dos Descobrimentos Portugueses*, s.v.

necessitão de armadas que as segurem dos cossarios, e em todo o tempo nauegarão liurementemente com mais facilidades, o que não se acha na costa da Jndia como fica dito, e se diz em melhor lugar.

A nona rezão he que o estado Portuguez não escuza poder de respeito no oriente, e este se não acha na diuizão das praças da costa da Jndia sem hum soldado de prezidio, senão em hum reino vnido, pois he de boa guerra que o poder vnido he mais forte que o deuidido, e de boa rezão e experiencia que o forte auança, ou resiste mais que o fraco.

A decima rezão, de que se deue fazer muito cazo, he que por ser esta santa obra semelhante a que Christo encomendou a seus discipulos quando lhes ordenou que fossem pelo mundo a denunciar e pregar sua ley, se deue seguir em sua continuação as pizadas dos Apostolos, e se se hão de seguir, e o Apostolo São Thome nos abalizou com o santuario das reliquias de seu corpo sagrado. Esta costa de Choromandel seguesse que nenhuma outra nos serue neste archipelago, que a elle e a nos agora coube pera o intento, mormente quando foi Deos nosso Senhor seruido dar nos tão pegado com ella hum Reino qual nos conuinha, e podiamos desejar pera fundamento e alicerce desta obra tão sumptuoza e magnifica que nesessita da firmeza perdurauel que se não acha em diuizões incapazes do abono necessario.

Bem se vio sempre claramnte que a costa da Jndia negaua e não prometia a firmeza que se requeria, por estarem diuididas as nossas cidades e fortalezas em reino estranho e guerreiro, cada huma sem oportunidade de se estenderem e crecerem suas Christandades, por falta de terras // [5v] proprias, nem faculdade de se poderem conseruar e defender em particular ou geralmente com poder no mar, pois dellas não sae vtilidade suficiente a isso, inda que em algumas aja as que com menos empenho de gente e dinheiro, e menos contumaçia de proezas sem proueito se podião lograr facilmente; de donde era rezão que estiuesse a maior força e o maior poder, e bem se ve isto possiuel nos olandezes que com suas feitorias, sem traba-

lhos e gastos semelhantes, logrão de tudo o que nos adquirimos com tantos.

Bem se tem visto o trabalho e dispendio de gente e dinheiro com que em Goa se adquirem a carga pera as naos de Portugal, esperando e procurando que da costa de Choromandel e Pescaria venhão as roupas pera ella, e de Ceilão a canela, e mandando só a esse respeito todos o[s] annos huma armada ao Cabo de Comorym³⁷ esperar as embarcações de São Thome, e Negapatão³⁸, e de Manar, e Tutucurym³⁹, e Ceilão, que trazem estas couzas pera as vir acompanhando, e liurar dos cossarios malauares, porque como isto he nauegar contra a corrente, pois vem buscar a corte do Vice Rey que lá hauia de estar, e contra os noroestes tão ordinarios nesta costa, poucos á que não tenham examinado estes escuzados gastos, e experimentado estes trabalhos sem fundamento.

Outra armada ha mister Goa pera de Cambaya⁴⁰ trazer roupas que de lá vem pera a mesma viagem do Reino, e Moçambique, e as mais que se fazião se não escuzão, as quaes roupas se podem tirar de Cambaya com a armada de Dio, que sempre ha, e os mesmos donnos as podião levar a Ceilão em pataxos⁴¹

³⁷ Situado a 8° 04' lat. N. e 77° 36' long. E., no extremo Sul da Península do Hindustão.

³⁸ Porto situado a 10° 46' lat. N e 79° 53' long. E., na parte meridional da costa do Coromandel, e de importância no comércio com a Ásia do Sueste. Sobre este porto veja-se de Sanjay Subrahmanyam, «Negapatão», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v.

³⁹ Actual *Tuticorin*, na costa do Coromandel, situado a 8° 48' lat. N. e 78° 09' long. E., no Tamilnadu.

⁴⁰ A *Cambay* da moderna cartografia inglesa, cidade situada em 22° 19' lat. N. e 72° 38' long. E., no extremo do golfo do mesmo nome. Os portugueses, contudo, designavam frequentemente todo o Guzerate pelo reino de Cambaia, por este ser o seu porto principal.

⁴¹ «Navio de dois mastros, com dois mastarés e pano redondo no de proa, e com um só mastaréu no de ré, onde arma pano latino». Cf. Humberto Leitão

com muita facilidade, e escuzar se esta armada, porque as cidades, e fortalezas da costa do Norte lhe não estaua mal isto; senão muito bem, em rezão de que cada huma com seus pataxos nauegaria com o que tiuesse pera Ceilão, e nelle por ser Reino de muita gente, acharia melhor escala do que em huma cidade ingreme em sua comparação delle, se fosse o que podia ser.

Necessita Goa em rezão de ser corte de mais tres armadas de remo, as quaes são huma que sempre vay a Cochim ou buscar pimenta, ou a leuar alguns nauios mercantis de remo, e outras muitas couzas que se offerecem. Outra que ordinariamente serue de trazer arros de que carece. E outra dos aventureiros que não escuza sendo corte, por rezão de acudir em todos os tratos ao trafego della, e os comercios não perderem // [6] estas occaziões, e não sendo corte todas estas, e as mais referidas escuzaua, porque os moradores desta costa, com seus pataxos bem petrechados, podião escuzar os nauios de remo tão perjudiciaes a fazenda real pellos gastos em que a poem, quanto se conhece que se o cabedal e gente que isso tem custado se metera em Ceilão, estiuera todo conquistado, e a conuerção dos infieis em muito mayor aumento, e nós por essa cauza liures das opeções e risco em que vemos este reino, porque precisamente estarião em Ceilão edificadas muitas cidades e fortalezas de muitos portuguezes, e a sobra dellas, e com seu respeito estarião pacificos os chingalas⁴², e sogeitos a igreja, e não aueria aleuantamentos e guerras que consumirão não só Portugueses que lá entrarão e os que delles auião de proceder, mas tão bem a Christandade que, como digo, auia de estar ja vnida connosco, pois dependia de nós seu interesse corporal e espirital; e lhe não ficaua occazião de deixar este por aquelle, como socedeo tantas vezes deixar a fee e igreja, por gozar da

e J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, 2ª ed., Lisboa, C.E.H.U., 1974, p. 398.

⁴² Naturais de Ceilão. O mesmo que *cingaleses*.

fazenda e interece corporal que perderião se não seguisse a parte mais forte que a seu parecer lhe prometia segurança, ou processão (ao menos), e bem se conhecem estes efeitos quando se considera o estado a que chegou a conquista de Ceilão em tempo de Constatino⁴³ desta, que se auia ja por conquistado todo o que não era Candia⁴⁴, e por falta de praças e cidades de Portuguezes que sustentassem o que estaua auançado, se perdeo tudo em huma só occazião, e nem o mesmo geral escapou.

Nada tem Goa pera Portugal, senão alguma pouca roupa que em hum pataxo ou dous bem petrechados podia hir pera Ceilão muy facil e suaueamente, e algum salitre que na costa de Choromandel ha de sobeijo, o que tão bem podia hir nos mesmos pataxos. Nem pera o apresto das embarcações e armadas tem couza alguma e tudo vem de fora como he notorio. E tudo o que mais se acha nella he por ser corte a cujo trafego acodem todos os tratos jnda que com trabalho.

Nem de porto he tão suficiente que não seja necessario carregar fora da barra as naos e galiões com algum risco e cautela, em rezão dos cossarios, e inda assy se fecha esta tres ou quatro mezes do anno, de feição que huma manchua⁴⁵ não pode sahir por ella; com o que dá tão grande detrimento e perturbação a negoceação das armadas de alto bordo e as naos do Reino de Portugal, que muitas vezes se perdem boas occaziões por não se poderem lançar a tempo oportuno e esperar o tempo em que hão de sahir do rio, no qual rio se tem perdido // [6v]

⁴³ D. Constantino de Bragança, 19º Governador e 7º Vice-Rei da Índia (1558-1561).

⁴⁴ Trata-se do antigo reino cingalês que abrangia a actual região de *Kanda Uda Rata* - o planalto central da ilha de Ceilão - e a sua principal cidade, Senkada Gala.

⁴⁵ Embarcação malabárica, de um mastro e vela quadrada. Do tamul-malaiala *manji*. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário...*, II, s.v.

alguns vindo sahindo; e por respeito disto foi Nuno Alures Botelho com perda de coatro galeões a inuernar tres vezes a Mascate com a armada de alto bordo⁴⁶, pera no cedo vir a costa do Norte esperar as naos inimigas que se chegão em Septembro, e tendo abrigado com ellas se lhe não poderão mandar de socorro tres galeões senão em Dezembro, por se não poderem aprestar mais cedo os que aquião sahido do rio em Septembro.

E demais de tudo isto he incapaz de poder botar groças armadas d'alto bordo, por não auer nella commodidade pera muita gente, e se desterrar por isso pera outras partes, em que fica ou cazada se he nossa a terra, ou ocupada em seu modo de viuer se he alhea, sem tornar mais nem ser de prestimo a esta obra, pois nem pera sy prestam estes modos, e nelles acabão as vidas como sabemos que muitos acabarão em estranhos Reinos a que só erão de vtilidade, ou com armas, ou com mercancia.

E posto com todas estas faltas, em propriedades que tem pera Corte, se adquirirão de Goa no tempo primeiro algumas prosperidades, nem por isso se deue entender ou cuidar que sem outros meyo e nouo estilo, inda podera vir a ser o mesmo, porque se nesse de prosperidades não foi possiuel impedir as nasções estrangeiras que nos não perturbassem e lancacem dos tratos e comercios que nos tem vzurpado, como agora que estamos mizeraueis, e ellas muito mais prosperas do que nos eramos, as auemos de lançar delles pera tornar a ser prosperos, perseue-rando inda nos erros que forão cauza deste danno.

O que se deue entender he que estas prosperidades forão cauza da roina deste Estado, atraindo a gente de Portugueza que auia de pouoar nouos Reinos (se neste erro se não insistira com tanta demazia), a estes matadouros de tão desnecessarias

⁴⁶ Constituída por navios grandes.

guerras como forão, são e serão pera sempre as desta costa (se não tomar nouo estillo na reedificação, conseruação, e augmentação deste Estado), e como se trabalhou debalde, pois ficou o poder deuidido e gente consumida, todo o dinheiro que do Reino veyo se meteo nos Reinos della, e os prosperou; e nós que eramos e somos seus feitores de leuar os fruitos de seu trabalho e trazer lhes em premio delle o dinheiro que do Reino tirauamos, nos ficamos como quem edificaua em terra alhea; e tudo isto se verifica bem quando se considera no que cá temos em geral, e no que possuímos em particular, ou no modo do remedio que ja vemos esgotado para huma e outra couza, ou seja por mar, ou seja na terra.

Se as couzas que vão pera Portugal sahirão de algum reino nosso, e a gente // [7] que vem com o dinheiro dellas se tornasse a meter nelle pera que fosse crescendo em gente e prosperidades, então hiria por diante o estado Portuguez, pois trabalhaua pera sy, e não em prol de outros; porem vir comprar na terra alhea e meter lhe o dinheiro em caza a custa de tantas vidas, he demenuir gente e dinheiro, porque inda que tenhamos os ganhos que nos parece, tudo se despende nos trafegos destas guerras; e por dinheiro, nem de dinheiro temos thezouro, nem de gente nous reinos, sendo que o ter isto era mayor grandeza, e mais seruiço de Deos que os extremos vãos de proezas sem proueito.

E se estas riquezas que na India se adquiririrão se empregassem em pouoar e forteficar como digo nous Reinos proprios, e não em demenuir as vidas que os auião de aumentar, buscando pera isso occaziões incertas com esperancas de venturas, quaes as que se emprenderão sem deixar atraz este alicerce e fundamento que digo, pera seu abonno e amparo, não entrarião cá as nasções estrangeiras pello grande poder que teriamos pera lançar armadas que socorressem todas as partes. E se cá não entrassem, não teriamos perdido essas riquezas como temos, antes cada vez serião mayores, e estariamos tão apoderados dos commercios e do mar deste Oriente, que o nome Portuguez fosse

nelle sobre todos respeitado e conhecido, e por esse respeito a ley de Deos mais aceita, e menos encontrada. Porque como as couzas grandes atrae assy as vontades, era certo que esta grandeza de respeito e conhecimento que digo, auia de atrair assy as faculdades necessarias aos agricultores della, e por este meyo os infieis ao conhecimento da mayor de todas que he a fee de Christo nosso Senhor.

Depois de Vossa Magestade ser Senhor destas Indias orientaes, o foi das occidentaes El Rey de Castella, e por achar nellas muita prata e pouca ou nenhuma rezistencia, he oje nellas Senhor de muitas terras, e com serem as vltimas dellas em muita distancia as ilhas Phelipinas (em que ha minas de ouro), em muito poucas partes dellas se desconhece a ley de nosso Senhor Jesus Christo e em qualquer mato cantão a missa os naturaes perfeitissimamente, sendo que cantão algumas trezentas legoas.

Que experiencia auera que desconheça as cauzas e rezões apontadas por huma e outra parte, ou contra ellas tenha que dizer, senão que o empenho da costa da India e o particular interesse que cada qual participaua // [7v] nella nos constringe a seguir os passos huns dos outros a carga serrada, por achar nisso mais propicia a facilidade do que inouar e emprender couzas arduas, mais proueitozas aos vindouros que aos presentes, esperando e entendendo que Ceilão se conquistasse pello modo que se seguia, porque o interesse proprio e presente excedendo ao futuro e alheo, faz parecer ou abonar por boas as cauzas com que se participa, e desconhecer e reprouar as melhores da futura idade que se não hande lograr, o que bem se infere da openião que inda agora neste estado mizerauel nos constringe a dizer que he tarde este remedio pera a nossa idade, e que quem vier detraz feicha a porta.

*De como não só está esta obra em risco de não ter fim, mas
tãobem de se perder de todo a parte principiada*

“Advertências” e “Queixumes”

He rezão que confessemos que da força e poder do braço secular que Vossa Magestade tem neste Oriente, mannão as facultades com que os agricultores da ley evangelica obrão na conuerção do infieis o bem que se sabe e se ve, ou seja pella nauegação e armas de que se valem, ou pellas esmolas de que se ajudão, e que por esse respeito fica sendo este braço secular causa desta dita obra da conuerção de que se trata. E como he certo que os effeitos se acabão com as cauzas, seguesse que acabandosse o poder do braço secular neste oriente, não podera deixar de se acabar o beneficio da conuerção.

Deue se agora considerar o estado prospero em que esteue o braço secular e a demenuição que teue, e a mizeria em que se vê de presente, pera se vir no conhecimento do risco a que está exposto.

Consideração do estado prospero

O estado prospero se deue entender que foi no tempo que de Portugal vinhão cada anno sinco, seis, sete, oito e noue naos, e em cada huma quinhentos, seiscentos, oitocentos, e mil homens, acompanhando isto, de duzentos, trezentos, quatrocentos mil cruzados de socorro por conta da fazenda real, alem de outro cabedal da pimenta, e de hum e dous milhões de patacas dos mercadores com que se fazião os empregos pera estas naos, e se facilitauão as viagens de comercios que sem ellas negão as comodidades e intereces de que são capazes. //

[8] Hera prospero tãobem quando em Ormuz auia pera os Portuguezes deste Estado o prospero comercio de que tirauão não só os grandes ganhos que os enriquecião tanto como se sabe, mas tãobem muita prata e ouro em moeda suficiente e corrente nesta costa da India, em que lhes era necessaria pera suas conueniencias, por carecer destes metais.

Prospero era quando em Malaca auia huma grandiosa escala de roupas em que se ganhaua muito dinheiro, e vinha de lá

e de Maluco muito crauo, massa e nóz, calaim⁴⁷, calamba⁴⁸, pedras de bazar⁴⁹ e de porco espinho⁵⁰, de que tirauão grandes ganhos os que o trazião, e os que pera Portugal lho comprauão.

Prospero era quando da China vinha quatro ou sinco galeões e huma nao de trato carregados de ceda de varios generos, e com lastro de tutunaga⁵¹, louça fina, lancoa⁵², e pao da China⁵³, e outros muitos brincos e obras feitas, em que ganhauão muito os que os trazião, e os que pera outras partes e pera Portugal lho comprauão.

Hera prospero quando nas viagens de Bengalla hauia tão grandes naos de viagens que alagauão esta cidade de Goa, Cochim e Malaca, de muitas roupas e mantimentos, e leuauão outras mercadorias em que se jntereçaua muito.

E pello conseguinte hera prospero quando em Moçambique se emtereçaua nas roupas que se leuauão os gastos que hoje não ha, em rezão de muitas que hoje se lhe mete por falta

⁴⁷ Estanho oriental.

⁴⁸ Lenho aloé aromático.

⁴⁹ Pedra bazar ou *bezoar oriental* é a que se encontra no estômago de *Capra aegagrus*, habitante da Lara, província da Pérsia.

⁵⁰ Também designada por *pedra de Malaca* ou *pedra de porco*. Segundo o Conde de Ficalho, cit. por S. R. Dalgado, s.v., «era um cálculo intestinal, como o bezoar, mas de animal diverso».

⁵¹ Cuja forma mais correcta é *tutanaga*, é o cobre da China, ou cobre branco.

⁵² Espécie botânica, a *Alpinia galanga*. Trata-se da *galanga*: rizoma da *Alpinia officinarum*, Hance, Scitaminea vivaz, indígena da China, antigamente de grande uso nas farmácias. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário...* s. v.

⁵³ Também designado por *raiz da China*. «A raiz ou *pao* da China são as tubaras formadas nas raízes fibrosas de *Smilax China*, Lin., Liliacea arbustiva, indígena da China». Muito usada na farmacopeia sob o nome de *Squina*, terá sido introduzida em Goa em 1535 e trazida para a Europa pelos portugueses, onde ganhou grande reputação em finais do século XVI. Atribuam-se-lhe efeitos sudoríferos e depurantes, semelhantes ao da salsaparrilha. Cf. D. G. Dalgado, *Classificação Botânica*, p. 27, cit por S. R. Dalgado, *Glossário...* s. v.

de outros commercios, e pella demenuição do ouro das minas dos Rios.

Consideração da demenuição

Como no Reino de Ceilão se não meteo resto e poder grande com que logo fosse todo conquistado, sogeito e conuertido, e não se fez corte e cabeça deste Estado com assistencia do Vice Rey delle, pera que com tudo nos seruisse de esquadrão tão forte e feichado que desterrasse aos inimigos os pensamentos de o cometerem, e lançasse de sy poderosas mangas dos portuguezes em armadas de alto bordo contra os do mar, e de Chingalas valentes e christãos em famoso exercito contra os da terra em fauor da fé, e nesta costa da Jndia em que tudo se meteo, se não adquirirão estas facultades em rezão de se guerrear sempre com muitos e poderosos Reis, consumindo gente e fazenda sem fruto capax dellas, pois ficou diuidido em diuerços Reinos o pouco que se // [8v] adquirio, ficou o poder do braço secular tão discomforme do que se requeria, tão desabrido e tão fraco, que nos não foi possiuel poder rezistir e defender a entrada neste oriente as companhias das nasções Europinas do Norte.

Tanto que estas nasções tiuerão entrada e nos forão perturbando os commercios, e com isso demenuindo os ganhos que tinhão escondido esta desordem, e pouca preuenção debaixo do saber com que se pessuião, e da facultade com que ajudauão a continuação della, começou a demenuir se o poder do braço secular, de feição que em breue tempo se perderão as ilhas do Crauo⁵⁴ de que não vemos morador nenhum dellas, nem descendentes seus, nem crauo nenhum, que a fazenda real e os vassallos deste Estado de hum vintem de interesse.

⁵⁴ As ilhas Molucas.

Tambem foi grande demenuição a perda de Ormuz e gente e proueitos com que a fazenda real e os vassalos se achauão aproueitados e prosperos em seu comercio felix.

Deminuição e perda foi grande as perdas e fim que tiuerão as grandes pouoações que em Bengalla auia em diuersos postos, de que sahião as poderosas e proueitozas naos que tenho dito, e em que os Portuguezes pessuião muita riqueza, e pello conseuinte as pouoações de Arracão⁵⁵, Pegu e outras paragens vizinhas.

Foy demenuição o grande impedimento que puzerão os olandezes a nao e galeões da China tomando a, e impedindo a no Estreito de Malaca, de feição que não se pode nauegar pera lá nem fazer se a tal viagem, senão em galiotas que cada anno se perdião e tomauão com tanta facilidade, que foi esta a mayor perda pera nos, e o maior aumento do olandez que ouue; e estando se vendo patentemente com muitos annos de experiencia que este dano era o alcatruz⁵⁶ que passaua o lago das riquezas do Estado portuguez ao do olandez, e que nos mesmos eramos os que viruamos a roda contra nós por nossa vontade, não ouue quem nos tirasse deste erro prohibindo nos esta passagem, e viagem tão perigoza e perjudicial, senão que todos nos fomos e uamos huns atraz os outros, sem aver quem vire e faça ter os que vem detraz.

Grande demenuição foi a perda de Malaca⁵⁷ e seu comercio proueitozo importante naquelle tropico meridiano, em que não temos outro de que ja não ha pessoa alguma, e apenas aparece

⁵⁵ Provavelmente a principal cidade de *Myo-Haung* ou *Arakan* das cartas inglesas, em 20° 36' lat. N. e 93° 15' long. E., na Birmânia.

⁵⁶ Vaso que fixado a uma corda ou corrente que passa pela roda da nora ou na própria nora, serve para tirar água do poço e a vaza na calha que a recebe. Cf. António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10^a ed., s. v.

⁵⁷ Ocorrida em 1641.

hum morador seu portuguez, por morrer tudo de mizerias e trabalhos; e os christãos da terra que ficarão com os // [9] olandezes, só a elles são de vtilidade.

Tãobem tem cido muito grande demenuição (e nenhuma ouue mayor e que mais ajudasse a arruinar este Estado) que a indecencia da nauegação mercantil, em embarcações que por incapazes de defença se entregauão logo aos inimigos a huma vista sem brigar; e muitas vezes succedeo em Malaca larga las a qualquer ramo que, longe no mar, parecia nao, hindo se os portuguezes pera terra no batel; e quando depois de passados muitos trabalhos chegarão a Malaca, acharão lá os nauios com os marinheiros mouros que nelles ficauão.

Muito grande demenuição ha çido tão bem a insuficiencia dos pilotos portuguezes que na India nauegão, porque como sem os serem, nem disso saberem nada, se entregão nos nauios com pouco temor de Deos e menos amor do proximo, de marauilha fazem viagem a saluamento, e tudo he chorar e lamentar perdas e ignorancias de Pilotos.

He demenuição muy grande a vizinhança destas nasções com suas feitorias junto aos nossos portos, porque na ilha Fermoza, que esta no archipelago chino, fizerão huma fortaleza e tomarão outra aos Castelhanos e nellas adquirirão o comercio da China, de feição que alem de nos tirarem as fazendas que corrião a Machao, e emcarecerem as cedas e ouro em muito grande grao, leuão a Jappão tão grandes cantidades de cedas, que foi isso muita parte da cauza em que se fundarão os Jappões pera nos prohibirem o comercio que com elles tinhamos em Machao que oje está em risco de se perder por isso e a todo este archipelago indiano e estreito de Eufrates abastasem de mercadorias da China, alem das que pera Olanda mandão.

Na costa de Choromandel em que tem estas nasções sete ou oito postos de que tirão as roupas e os mayores proueitos que se pessuem, fazendo os ingrezes huma fortaleza a tiro de peça da cidade de São Thome com a qual se fizerão senhores da roupa daquella cidade e dos pintores que pintão os que

seruem pera Pegu e pera Malaca e mais reinos do meridianno, de que tiraua grande proueito⁵⁸; e pera que tudo seja seu e nada nosso, dão tão bem muito dinheiro aos portuguezes pera que por sua via as mandem fazer, e não fique pintor que em seu seruiço se não ocupe; e com estas pazes fazem ja o mesmo os olandezes, e não falta quem lho aceite e lhas mande fazer, porque a pobreza a tudo se geita. //

[9v] Em Vingurla⁵⁹, junto a esta cidade de Goa, se vierão por sem custo nem conquista de guerra; e depois que aly estão, não decerão do Balagate⁶⁰ mouros mercadores como costumauão, a comprar as fazendas da China, nem ha em Goa sahida de nada; porque alem disto são tão grandes as machinas, que ja leuão todos os portos do rio Eufrates, que ja os preços por que la se vendia tem demenuido as duas das tres partes; e ja tem entrado e chegão com suas naos ou seus pataxos chamados naos a Baçora⁶¹, onde, por destruir os portuguezes, venderão suas fazendas com grandes perdas, auendo que inda perção hum ou dous annos, recuperarão tudo em hum que os portuguezes faltem e nos mais depois que de todo os botarão de lá, porque com facilidade sera isto assy em rezão de correr a sua mercancia por huma só mão que faz o que quer, e fica lá invernando vendendo quando acha ocazião, e os pobres portuguezes, cada hum com o seu pouco ou nada, valendo se

⁵⁸ Sobre este comércio veja-se de Sanjay Subrahmanyam, *Comércio e Conflito. A Presença Portuguesa no Golfo de Bengala 1500-1700*, particularmente o cap. II «O comércio entre o Coromandel e Malaca no século XVI», Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 35-63.

⁵⁹ Ou *Vingorla*, em 15° 51' lat. N e 73° 37' long. E., no Concão meridional, um pouco a Norte do território de Goa. Era o local onde se aprestavam as frotas da Companhia Holandesa das Índias Orientais, que iam bloquear a barra de Goa.

⁶⁰ Região para além dos Gates.

⁶¹ *Basra* ou *Bassorah*, em 30° 28' lat N. e 47° 51' long. E., no Iraque.

de coatro xerafins a responder que de forçado a de uir pagar e remediar sua molher e filhos, não podem deixar de se perder e vender pello que acharem, e morrer de pura dor e mizeria.

Com outros muitos dannon a todos notorios nos tem deminuido o poder do braço secular e de prepozito em detreminado emcarecer nos os preços das couzas que compramos, e abater os das que vendemos, só a fim de nos acabar de destruir de todo para ficarem sós no Oriente, entendendo que não lhes sera dificultozo pelo desaranjo de nossos modos de negoçar; e nisto destas estratagemas de mercancia que digo não a que duuidar, pois com meus ouuidos o ouuy a Cornelio Vanderly⁶² general que oje he dos Olandezes, em prezença de outros portuguezes conhecidos, e inda que a explicação das palauras trataua dos ingrezes, a tencão entendemos ser connosco em rezão de nos dizer isto por vezes em diferentes tempos que a nós nos conuinha entende lo por nós, e bem o uão mostrando a feitoria que agora fizerão junto a Tetucurym⁶³ e junto desta cidade e da parte do Sul onde chamão Caddauall⁶⁴; e os ingreses que tão bem nos fazem os mesmos danos.

Com estas perdas destes comercios e com a que recebeo a fazenda real e com sua falta, afroxou o poder que vinha de Portugal, de feição que ja não vem nada, ou quazi nada, e como de Portugal não vem nada, nada sera tudo o que cá

⁶² Trata-se de Cornelis van der Lijn, que foi governador-geral da Companhia Holandesa das Índias Orientais, exercendo tal função nos anos de 1645-1650, substituindo Antonie van Diemen (1636-1645). Cf. D. G. E. Hall, *A History of South-East Asia*, 4ª ed., Londres, Macmillan Education, 1988, p. 344.

⁶³ Tuticorin, em 8° 48' lat. N. e 78° 09' long. E., no distito de Tirunelveli, no Tamilnadu.

⁶⁴ Provavelmente será Kadiapattanam, junto a Nagercoil, nas proximidades do cabo Comorim.

ha, pois se fundou em alicerces que ficauão tão longe, // [10] quanto o modo nos dá motiuo pera se presumir que so se tratava de adquirir fazenda em primeiro lugar, e que a conuerção ficaua no segundo.

Foy remate de toda a demenuição a grande perda que recebeu e recebe o poder do braço secular com a entrada que os olandeses tem na ilha de Ceilão, infelice em nosso poder, pois em tantos annos e com tantas prosperidades, se não ve oje exceder a todas as felicidades e marauilhas do mundo como podera, e se ve o melhor della sometido ao querer dos herejes, e metido na confuzão com que os ministros de Luteros, Caluino e os mais hande perturbar as almas que guiadas pella ley uerdadeira christa, caminhauão ja pera o conhecimento do verdadeiro Deos, e pera sua bemaumentança, e tudo o mais em estado de se perder de todo, como ja o estiuera se no mayor risco lhe não acudira Dom Phelipe Mazcarenhas⁶⁵ com seu valor, fazenda e animo desemtereçado e christão, sem o qual nenhum bem se alcança. Não ha olhos que consintão, e com lagrimas não impedão escreuer se esta grande demenuição, nem papel que baste pera as rezões com que deue explicar a perda da ilha, e canella de Ceilão de que esta ja apoderado o olandez, e o mais que se conhece e entende que avançara com sua industria e com seu dinheiro; e assy pera se poder vir no conhecimento della se deue entender que a ilha de Ceilão hera só o que o estado portuguez tinha neste archipelago indiano e que nenhuma outra couza tem nelle em que se possa

⁶⁵ Filho de D. Manuel de Mascarenhas e de D. Francisca de Ataíde, serviu na Índia durante vários anos, altura em que foi nomeado governador de Moçambique, Sofala, Rios de Cuama e Monomotapa em 1633, declinando o cargo no ano seguinte. Em 1640 irá desempenhar o cargo de governador de Ceilão, em período particularmente difícil, face ao avanço dos holandeses na ilha. Aí se manteve até 1644, altura em que foi designado governador e vice-rei do Estado da Índia, exercendo a função até 1651. Sobre o assunto veja-se M. M. S. Blanco, *O Estado Português da Índia*, pp. 633-634, 652-653 e 669 e as fontes aí indicadas.

por os olhos se não for nella, per todas as rezões ja referidas.

Mizeria em que se vê de presente o poder do braço popular

Ha de constar o poder de braço secular de muita gente christã, e que tenha com que se sustentar com firmeza perduravel, e com que possa hir em crescimento a conuerção do infieis, pois he este o intento a que elle se emcaminha, e o respeito e condição com que os Summos Pontifices o considerão; e como assy seja se deue considerar que gente temos neste poder e que sustento firme pera ella e pera a conuerção.

A gente he tão pouca como he notorio, e cada vez sera menos, porque auendo se de gastar em pouoar e fortificar com todo o resto possiuel o Reino de Ceilão de que auião de sahir como digo poderosas armadas contra herejes, e poderozos exercitos contra paganos e infieis abstinados e contumazes, se gasta em o que não da esperanças de consideração como bem se conhece quando se considera // [10v] no fruto que se tirou das guerras do morro de Chaul tão faladas, e das que depois ouue tantas vezes, e ha sobre quaesquer dous moços que fugião pera os mouros. E sabido bem que se alcançou, só vemos huma serca dura com quatro portugueses cazados dentro, sem nenhum soldado de prezidio nem donde tirar dinheiro pera elles, nem Christandade vemos, nem rendas vemos, e só gente e dinheiro gastado vemos.

As guerras de Mangallor⁶⁶ que tanta gente custarão, Barcelor⁶⁷ e o Cambolym⁶⁸ que reinos adquirirão a conuerção ou

⁶⁶ Em 12° 50' lat. N. e 74° 51' long. E., na costa ocidental do Hindustão.

⁶⁷ *Braçalor* ou modernamente *Basrur*, em 13° 38' lat. N e 74° 45' long. E., no Canará.

⁶⁸ Antigo reino do ocidente indiano, situado nas proximidades de Braçalor, do outro lado do rio Gurget.

que alfandigas ao menos a fazenda real; só hum pouco de arros vemos que se escuzaua com rezão de Goa não ser corte, porque então não teria tanta gente, e por direito adquiriria o que ouuesse mister tendo pax com aquelles reis.

As guerras que depois de Ormuz tomado se fizerão ao Parsio⁶⁹, que reinos ou que alfandigas adquirirão, porque Mascate⁷⁰ ja o tinhamos, e com menos gastos e estrondo de armadas e de socorros sobre socorros, asaltos e mais asaltos, se conseruaria como conserua agora.

As armadas pera Malaca todos os annos em que morreo tanta gente, só a fim de acompanhar e liurar do olandez as embarcações da China que destroyão este Estado que fruto tirarão, nem por isso deixou o inimigo de leuar tudo, e não foi em huma so occasião não imaginada, senão em muitos annos de experiencia, que não bastarão pera mudarmos este estilo a outro de que tirassemos algum fruto.

Com os mesmos soldados e com o mesmo ou menos cabedal (aproueitando se dos fretes), metido em seis pataxos de vinte e vinte sinco peças de artilharia, com bons capitães e bom capitão mor podera passar a China o cabedal da frota sem risco nenhum, e com muita perda de coatro, sinco, seis ou sete pataxos inimigos, com vinte, trinta e quorenta, e quando muito sessenta homens em cada hum, que no Estreito fazião tanto dano; e se o inimigo esperasse estes pataxos que, digo, com grande poder, nem por isso nos era de grande danno, antes elle o recebia grande; porque como os nossos auião de ser auizados em as paragens a que sempre vinha o auizo, podião escuzar a passagem e derrota; e deixando baldado o seu poder que todos os annos não podia lançar, voltar pera a Costa de

⁶⁹ Persas.

⁷⁰ *Muscat*, em 23° 37' lat. N. e 58° 36' long. E., na costa de Oman.

Tanasserym⁷¹, Pegu⁷², Arracão⁷³ e Bengala a fazer mercancia e buscar os seus pataxos chamados naos, que pera ly andarão sempre com 40 homens e muita riqueza, e depois disso vir a costa de Muçulupatão⁷⁴ e de Choromandel onde de ordinario andão estas embarcações que, digo, com esta gente e riqueza; e todas as vezes que vem de Jacatara pera estas paragens, vem demandar sempre a ponta de Galle⁷⁵, [11] com prata e ouro infinito, com que fazem nestas partes que, digo, a mercancia de mais porte, e os dous pataxinhos em que eu vim pera a costa trazião coatrocentas mil patacas, em ouro, sandolo, cobre e outras couzas.

E se o poder grande os esperasse, a vinda da China voltar pera Jabe⁷⁶ e Palimbão⁷⁷, onde de ordinario andão naos suas com cabedal de porte e fazer pimenta, e onde vem ter as que de Jappão e ilha Fermoza e outras partes, e sair pera ella Sunda fora, ou por Balle⁷⁸, fazendo lhes assy pello mesmo fio esta mayor guerra que se lhe podia fazer.

⁷¹ Em 12° 06' lat. N. e 99° 03' long. E., no distrito de Mergui, na Baixa Birmânia.

⁷² Antigo reino que abrangia grande parte da Baixa Birmânia.

⁷³ Antigo reino da Baixa Birmânia que quase abrangia o território actual de *Arakan Division*, entre as latitudes de 22° 30' e 17° 15' N. e as longitudes de 94° 52' e 92° 11' E..

⁷⁴ *Masulipatão*, já anteriormente explicitado.

⁷⁵ *Point de Galle*, em 6° 02' lat. N. e 80° 13' long. E., na costa austral da ilha de Ceilão, à entrada do porto de Galle.

⁷⁶ Ou *Jabé*. É *Yabe*, em 33° 01' lat. N. e 130° 25' long. E., na costa oriental do golfo de Shimbara, na ilha japonesa Kiushiu ou Saikaido.

⁷⁷ Antigo reino de Samatra que abrangia parte ou a totalidade da actual região de *Palembang*, em 2° 59' lat. S. e 104° 45' long. E.

⁷⁸ A ilha de *Bali*, em 8° 20' lat. S. e 115° long. E., nas antigas Índias Orientais Holandesas.

Em Ceilão tantos annos de conquista se tem gastado, e gasta tanta gente como claramente se vê e conhece, e oje esta no estado prezente e notorio, porque como se lhe não meteo muito resto, e forão fazendo muitas cidades bem fortificadas e pouoadas em paragens, que se pode sem ajudar e socorrer humas a outras, e ouuesse multiplicação de portuguezes que podesse desterrar os pençamentos aos chingalas de se leuantarem, assegurando os do inimigo cujo temor os mouia a isso por conçeruaem seu remedio, e que no mar podesse ter poder sem dependencia de Portugal que ficaua tão longe; todo quanto se fez se tornou baldado como atras fica referido.

Nas armadas do costa da India ja referidas, e nas doenças de Goa se tem gastado milhões de gente; e com ser a parte do que se fez mais cazo e que se meteo todo o resto, não vemos nella couza que nos assegure este braço de que tratamos, nem geito de que poderá ter por ella esta obra continuação prestadia, inda que assy como está se conserue e se não perca; e como assy seja não temos gente nenhuma, e inda que a ouuera, o mesmo he que não na auer continuandosse estes effeitos.

O sustento que se acha oje no Estado Portugues da India se deue alcançar e inferir da demenuição referida atraz. Porque como della consta que estamos sem comercio nenhum, e as sercaduras em que os portuguezes viuem sem soldados de prezidio nem ordem nenhuma de milicia de guerra, não tem terras de que se sustentem, e só viuem, ou viuião do meneo do mar, fica claro que não ha sustento nenhum, alem de que he tão notoria a pobreza, e mizeria de todo este dito estado em geral, quanto com tres ordinaria preça, o vay ella consumindo. Porque a huns mata mostrando se lhe inexcuzauel e eterna; a puras imaginações, vendo se sem comercios, negando lhes o necessario sustento pera cahirem nas muitas emfermidades de que tão breuemente morrem. A outros leuando os aqui e aly, ja a Mascate⁷⁹, ja a // [11v] Moçambique, que somente temos,

⁷⁹ Porto de *Muscat*, em 23° 37' lat N. e 58° 36' long. E., na costa de Omão.

com engano de que ganharão o que ja muitas vezes não ganharão, percipitando os com isso nas perdas que lhes vemos lamentar e nas magoas que ellas cauzão, pera nellas os consumir e acabar, qual corpo sem cabeça que saltando aqui e ali sem tino e sem conselho, espira inremiziuelmente. A outros muitos leuando os por estranhos Reinos e guerras deste Oriente, donde nunca mais aparecem, nem ao Estado Portuguez são de vtilidade alguma, e bem certo se acha isto quando se considera no fim que tiuerão as muitas pouoações que se fizerão em Bengala, em Arracão, em Pegu, de que não ha oje nada; e quatro homens que escaparão de tantas roinas e paga nos golpes, desemganhos de que sem braço real terão cedo fim, o estado pedindo oje quaes outros de Machao e de Negapatão.

No Reino da China teue fim outra cidade de portugueses que nelle ouue por treição dos chinas que a todos os della matarão em Cochynchina, ouue ja pouoação de portugueses e christãos, e ja não ha. Em Camboja tãobem ouue, e em Jappão que era a principal de tudo em que auia mizericordia de jappões e uereadores, tão bem se acabou. E o mesmo vira a ser a pouoação que agora se vay fazendo em Macaçar⁸⁰, porque como são couzas semelhantes, edificios sem alicerces, edificados em terra alhea, de forçado hão de arruinar depreça e perder se de todo.

De que serue pouoação no Macaçar, se naquelle Reino não ha que tirar senão o que de outros acode ao trato que nelle temos. Parece que melhor fora fazerce em terras nossas, e que a elles fossem as nasções fazer semelhantes tratos; como neste

⁸⁰ Antigo reino situado no extremo sudoeste da ilha das Celebes, que abrangia a região e porto de *Macassar*, *Makassar*, ou *Macáçar* em 5° 08' lat. S. e 119° 24' long. E. Sobre o assunto veja-se de Charles Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo e os Portugueses em Macassar e Timor na Época da Restauração 1640-1668*, Macau, 1940 e o recente artigo de José Alberto Leitão Barata, «Macáçar», in *Dic. de Hist. dos Descobrimentos Portugueses*, s.v. Repare-se ainda nas informações que adiante o autor dá sobre Macáçar, no final do fl. 13v.

Reino temos os portugueses introduzido de nada, tendo tão perto Solor, onde se só rezidissem, auião de atrahir a mesma escala dos naturaes.

Se naturalmente experimentamos nestas naturezas repugnar e não consentir mayoria, como nos parece que poderão durar nossas pouoações em Reinos estranhos, senão emquanto forem de pouco momento a rezão de nos desejarem algumas nasções em seus Reinos, he tão somente pera lhos fomentar e aproueitarmos com nosso dinheiro. E aquelles que isto não querem, não nos desejão nelles. E isto se alcança de ver nos que de todas as partes em que auia dinheiro nos tem botado, e daquellas aonde o metemos não nos botão.

De Meca vem dinheiro, prata e ouro, e ja nos botarão e não consentirão, tomando nos a // [12] fortaleza que tinhamos em Dofar⁸¹, com que podiamos lograr de huma e outra couza, sem que estiuesses muito dentro do estreito.

De Ormuz nos botarão, e de lá traziamos prata e ouro. De Bengala nos botarão, e tãobem tem prata, quizermos trazer, e nos não forão de melhor conueniencia as roupas, asucar, manteigas, arros e outros mantimentos de que sempre carecemos. De Pegu nos lançarão, e de lá traziamos muito ouro. De Malaca e mais Reinos do meridiano nos lançarão com tantas guerras as nasções delles e não os olandezes; e nelles não entrauamos com dinheiro senão com fazendas, e tirauamos as drogas de mais consideração e proueito, que de todas as mais partes como atraz fica dito. De Jappão nos lançarão porque tem muita prata, e o que por ella querem, que são cedas, lhes leuão os chinas mais baratas. Não se imagine outras cauzas, nem outras philosophias, porque a do interece he a que fecha todas as portas dos possiueis, e desfecha as dos impossuiéis. Outros serão os

⁸¹ Actual *Dhofar*, em 17° 10' lat. N. e 54° 20' long. E., no litoral do Hadramaute.

que se derão pera formar e afeiar culpas, ou pera desculpar acsões que publicão erros, mas só esta do interece he a que obriga mais a sofrer por elle e não sofrer sem elle.

E como assy esta o poder do braço secular consumindo se cada vez mais sem parar a miseria que disso he cauza, nem hauer esperanças humanas de que pare, pois faltão os commercios proueitosos que se não recuperão, nem aonde recuperar pello modo do que segue, por ser o mesmo com que se perderão (como está dito). Fica claro, que não só está em muito grande risco de não tornar a felicidade que se requiere pera o intento desejado, mas tão bem no de se perder de todo. E com elle o beneficio e conueniencia da conuerção, por ser effeito da mesma causa (como fica prouado), e assy ficarmos sem a parte principiada de que se trata.

E se assy como entendemos acertar de ser quando menos cuidarmos, pois estas estartagemas de mercancia que, digo, nos prejudicão de sorte que fica dito, pode com estas pazes recrecer o danno a atrahir a opulencia do olandez a nossa gente christã da terra em demazia (quando mais não seja), e a derramar a pouca portugueza que há pellas partes do mundo que mais a seu proposito achar (como ja vemos alguns principios disto na muita gente nossa que em suas terras esta), como atraz se refere (parte) e nos muitos portugueses que, apertados de mizerias, deixando molher e filhos perecendo a pura fome, se forão por estranhos Reinos. Como // [12v] atraz digo, não ha duuida que se agora com este poder que temos nos achamos impossibilitados pera atalhar este risco, que mais o ficaremos sem nada pera tornar a recuperar o perdido, e que o Reino de Portugal e a igreja catholica ficarão sem a gloria que logrão e pretendem lograr.

Parece logo que se não deue esperar cousa tão agra, antes pondo se diante dos olhos a facilidade e breuidade com que se perdeo o que fica dito, e o estado do Brazil tão vizinho de Portugal por se não preuenir o futuro no presente, metendo se lhes com mais rezão a gente que se meteo em Flandes,

se deue romper por todos os respeitos, intereces e bens particu-lares que destes erros forão e são cauza, e acudir deveras (e não por demais) ao bem geral que fica sendo cauza de todos elles, e os comprehende e abarca, de tal modo que nenhuma felice fora d'elle, e de todos acabão com elle como effeitos seus, ou na presente idade, ou na futura decendencia de que poucos escapão. Porque, Senhor, parece que estão tantos annos mal gastados, tantas vidas sem proueito, tanto dinheiro mal empregado pera justificação e desengano, de que se não obra conforme se requiere pera os intentos e condição certa deste descobrimento e pcessão de commercios e que bastão o estado em que estamos pera se entender que ja o edificio esta arruinado, de modo que não valem pera o soster os esteos que se lhe applicão, e que basta, Senhor, a ruina pera se conhecer que he necessario reedificar de nouo a obra, e continua la com ordem ao fim desejado, se he que a queremos ter.

Reedificação

Assy como pera se rectificar de nouo a obra de alguma ruina, se deue ponderar o erro ou erros que della forão cauza, e fugir delles na continuação da reedificação, assy tão bem conuem ponderar os erros que forão cauza de vir o estado portugues de que se trata a ruina em que de presente esta, pera que, fugindo delles, se possa vir no conhecimento dos acertados meos com que conuem acudir deveras ao bem de se não perder de todo, como pode soceder. E se os erros forão os que ficão referidos, segue se que os meos que os prouão são os com que se deue acudir a este bem, e que de nenhuns outros serão iquivalentes pera o effeito do remedio.

E como assy seja, conforme a rezão que pera não serem desconhecidos ou reprouados a instancia de interesse particular, se vse de tal castigo, que o interesse de não ser casti-

gado excedendo a todos os mais, os faça conhecer e abonar, // [13] e juntamente que logo se ponhão em effeito, começando se pello mais principal de que dependem todos os mais; o qual he passar se o Vice Rey a Ceilão, e faser sua assistencia da parte do leste, ou nordeste e Norte, porque ficão de aly as viagens breues aos vassallos mercadores pera o Choromandel, por ser dous dias de caminho, e o mais importante comercio, que pode e deue ter o Reino de Ceilão, e o Estado Portuguez e o em que mais conuem perturbar o trato aos europeos do Norte, com a muita gente que ha de adquirir o trafego e trato da corte, e pera Muçulupatam⁸² e Gergelim⁸³, Bengala, Tanacerym e Pegu e pera todos os mais portos da costa de Malaca, e ilha de Samatra, Jaua, Macaçar, Solor, Borneo, Camboja, Sião, que são Reinos e comercios de consideração, e que nos conuem ter e procurar, por se comprar nelles o que se leua de roupas que não tem, e darem de sy drogas de considerauei proueito, as quaes são pimenta e sandalo, pera a costa do Choromandel, maça, calaim e nós e crauo que adquirem aquellas nasções por sua via, e juntamente pedras de bazar⁸⁴ e de porco espinho⁸⁵, calaba⁸⁶, e aguila⁸⁷ pera a

⁸² Masulipatão, já atrás identificado.

⁸³ Nome por que também era conhecida a costa da baía do Bengala. Cf. Col. Henry Yule e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson, a Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases...*, John Murray, Londres, 1886, p. 373.

⁸⁴ Também conhecida por *bezoar oriental*, é a que se encontra no estômago de *Capra aegagrus*, habitante de Lara, província da Pérsia.

⁸⁵ Também designada de *pedra de Malaca*, ou apenas de *pedra de porco*. Segundo S. R. Dalgado, citando o Conde de Ficalho, «era um cálculo intestinal como o bezoar, mas de um animal diverso». Cf. *Glossário...*, s.v..

⁸⁶ Espécie de arma de arremesso, semelhante à fisga, usada na Malásia.

⁸⁷ Segundo S. R. Dalgado, de *Aquilaria Agallocha*, Roxb., é um pau usado como incenso. Camões designa a águila de «pau cheiroso».

viagem de Portugal; e pera Moçambique, Mascate, Sinda⁸⁸ e Dio, fica a viagem sofriuel e com pouca differença, e vay muito em que a corte fique em meyo dos comercios e senhorios, pera com mais facilidade se acudir a todas as partes, e se mercanciar com mais commodos.

E fica tão bem desta paragem muito facil a viagem a China, em rezão do que se pode partir em Março pella Sunda, que he mais breue viagem, em resão do vagar e dilação da passagem do estreito de Malaca, em que se gasta 40 e 50 dias, esperando ventos de Samatra e marés, e alem do risco dos daschens⁸⁹. E chegando se cedo a China, fica aos mercadores mais tempo pera negocearem, e se poderem partir de lá em a boa monção de Outubro, em saindo por Malaca chegarem a corte antes do Natal, que he tempo em que achão inda as embarcações de Portugal e pera Moçambique, pera lhes venderem o que trouxerem e se aproueitarem das ocasiões de proueito, sem a demora e perda de esperar hum anno com as fazendas, porque como não he necessario hir a Goa forra se o trabalho, risco e tempo deste caminho que a respeito dos noroestes he muito detençozo.

E inda que esta paragem que digo seja terra de menos fruto e condição, a assistencia e frequencia das gentes, a farão mais prestadia. E quando isto não for possiuel, nem por isso se deue recuzar este bem tão importante, tão excelente e tão conueniente. E pera isto não faltão portos, mormente o de Triquinimale⁹⁰, em que antigamente ouue uma grande cidade de muitos contratos com as nasções vezinhas // [13v] de Choromandel, a qual esta em boa paragem, e tem tres braças de agoa; e quando não seja suficiente pera as grandes embarcações do Rei-

⁸⁸ Ou *Cinde*. Era um antigo reino indiano que abrangia, na totalidade ou não, o território da actual província de *Sind*, em 25° lat. N. e 58° long. E., na região de Bombaim.

⁸⁹ Habitantes do reino de Achém.

⁹⁰ Na ilha de Ceilão, já atrás identificado.

no que até agora forão nossa destruição, accomodem se, porque mais vale que sejam coatro accomodados, que duas disformes, inda que os marinheiros dellas digão o contrario, por trazerem grandes agazalhados⁹¹. E bom forão virem a quartel⁹² como os olandezes, cujas naos fazem 20 viagens a Olanda, sendo mais rigurozo caminho, e muy poucas veses vão ao estaleiro, por se fazerem quazi todos os concertos da agoa pera riba andando a vella, e não estarem os carpinteiros nunca ociozos como os nossos. E as nossas naos alem de sempre estarem no estaleiro, só duas viagens fazem, e se perdem cada dia; e os olandezes que são muitos bons homens do mar, se não quizerão seruir da nao que tomarão em 641, por muito grande em demazia⁹³. Comprem se Senhor as naos aos estrangeiros, ou se mandem faser lá, porque huma nao de 30 peças de artelharia em que andei eu, custou em Olanda quatro mil florins, que são duas mil patacas; e a obra e perfeição dellas não se pode comp[a]rar com ella as das nossas. E se em meu dito e experiencia palpauel ouuer contradição, façasse exame em os cascos de cada qual ao lume da agoa.

Tãobem os galiões de guerra muito disformes, como não sejam capitania e almiranta, não são de muita vtilidade, e de mais o serão dous de 30 peças cada hum, que hum de 60, assy pera a força como pera o respeito que oje val muito; porque se se acerta de queimar hum, não se demenuie poder tanto, nem o inimigo cobra tanto animo com a perda do pequeno, alem de que sempre o grande he mais buscado pera

⁹¹ Determinadas quantidades de mercadorias que era permitido às guarnições dos navios transportarem a bordo, para negociarem por sua conta.

⁹² Navegarem com vento na alheta. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, s.v..

⁹³ Trata-se da nau *Nossa Senhora da Quitação*, comandada por Sancho de Faria da Silva que, nas proximidades de Goa, foi atacada por oito navios holandeses. Após combate, o capitão seria morto e a nau tomada pelo inimigo. Cf. Simão Ferreira Paez, *As Famosas Armadas Portuguesas 1496-1650*, Rio de Janeiro, Ministério da Marinha, 1937.

queimar, e os muitos são mais respeitados e não tão buscados pera atracar, e de mais credito com as nasções que de presente lanção seus juizos, fazendo mais cazo do que vêm que do que ouuem. E não he inconueniente carecer a ilha de algumas mercadorias, porque como os portuguezes as troxerem aly, logo acudirão todas as nasções a compra las, ou as leuarão os mesmos a outras partes, porque antão quando os ganhos destas mercadorias se metão no Reino pera que va em aumento de mais portuguezes, logo a mercancia fica de vtilidade aos nossos, e se pode faser, e he bom fazer se.

A ilha de Macaçar não tem em sy nada de mercancia, e por industria daquele Rey e sem gasto seu, ha oje nella mayor escala do que há em todo o Oriente, // [14] porque ali tem pouoação dos portuguezes com viagem pera Machao, feitoria dos olandezes com bons cabedais, feitoria de ingrezes com seus que tem, feitoria dos castelhanos com patacas, dinamarcas tão bem vão, e os jaos, solos, timores, borneos, e todas aquellas nasções do meridiano, de modo que vem todos juntos a fazer huma feira. E huns a outros comprão e vendem, e cada qual acha sua conueniencia. Assy tão bem sera em Ceilão como lá estiuier o Vice Rej, por ficar facil a todos a escala, inda que a pagarem não seja de boa terra, como sejam bons os portos.

Toda esta costa de Ceilão desta parte que, digo, pera dentro he incuberta aos ventos mareiros que são sul sudueste, oeste noroeste, e os mais lhe ficão por riba de terras, e inda que longe, nunca causão grandes mares; e por esse respeito he bonançosa, e por toda ella se pode surgir quazi todo o anno, como em porto muito seguro, e os Olandeses em todo tempo andão nella confiados; e assy sempre se pode carregar e descarregar qualquer embarcação por grande que seja, de Capelo de Frade⁹⁴ pera dentro até o Caes dos Alifantes, inda que não

⁹⁴ Localidade também designada po *Capucho do Frade*, situada no litoral leste de Ceilão, nas imediações da actual *Valaichchenai*, em 7° 52' lat. N. e 81° 30' long. E.

“Advertências” e “Queixumes”

estejão dentro em rio, quanto mais que a baiya dos Arcos⁹⁵ que esta desta paragem pera fora he suficiente pera grandes e muitas embarcações, com resguardo dos ventos todos, segundo a vós conua dos que dentro nella estiuerão.

*Como he melhor o porto de Triquinamale pera corte
do que outro nenhum deste archipelago indiano*

A ilha de Ceilão lança do sul sudueste pera o nor nordeste, e tem a ponta de Gàle ao sul sudueste em 6 graos, e a ponta das Pedras⁹⁶ em dez graos, ao nor nordeste. Vem as naos do Reino de Portugal com os oestes em Julho pella ponta das ilhas de Maldiuia da parte do sul, e entrando a ponta de Gàle pela parte do leste ficão como em hum rio, e em Goa e Columbo he necessario vir parando de Moçambique pera cá, e matando a gente, fazendo a viagem mais comprida, por não chegar senão no fim de Agosto, em rezão de se não perder na costa com a força do tempo. Pello conseguinte vem em Mayo com o Sul estaos⁹⁷ naos demandar pella mesma ponta das Maldiuas a ponta da Gàle, e inda que venhão tarde, não ha o risco que dá motiuo aos pilotos não quererem vir em Mayo, por se não perderem chegando tarde; e o mesmo soscede as embarcações de // [14v] Moçambique, as quaes pello pouco tempo que tem da terra pera se negocearem, não podem partir cedo lá.

De Mascate partindo no fim de Agosto com a monção ordinaria, podesse demandar a ponta de Gàle com os varios ventos de entre monção e monção, e lá se achão ventos sul e sudueste pera entrar pera Triquinimale, em resão de que na ponta de

⁹⁵ A baía de *Tricomali*, em 8° 33' lat. N e 81° 14' long. E., no litoral nordeste de Ceilão.

⁹⁶ Também conhecida por ponta da *Pedra*, é a ponta *Pedro*, em 9° 50' lat. N. e 80° 15' long. E., no extremo setentrional da ilha de Ceilão.

⁹⁷ Corrupção de «estas».

Gàle e a costa de Choromandel sempre reina o sul entre monção e monção; e em Março indo com noroestes até ponta de Gàle, pode dobrar com o Sul, de Abril e Mayo que lá reina pera Triquinimale, e estas mesmas faculdades se achão pera as embarcações da costa da Jndia.

Do boqueirão da Sunda podem vir a Triquinimale as embarcações daquelle tropico em fim de Mayo e Junho, indo com varios ventos buscar os primeiros oestes a mesma cabeça de Maldiuas o que não pode ser pera Goa nem pera Columbo. E outra vez podem vir em o principio de Outubro com os Suduestes de Setembro como vem a Goa e a Columbo; e tão bem por este boqueirão da Sunda pode vir a Triquinimale em fim de Mayo as embarcações da China, sem lhes ser necessario vir por Malaca partindo da China, e no fim de Feuereiro, e vir tomar Abril na Sunda pera fazer a derrota que fica dito o que não pode ser pera Goa se inuernar em Solor.

A as (*sic*) embarcações que forem pera os portos que ficão ao nordeste e leste de Triquinamale, que são o estreito de Malaca, Junçulão⁹⁸, Tanecerym, Pegu, Arração, e Bengala podem hir pera lá em Setembro com a despedida dos oestes, a entrada dos suduestes e suis, e virem em Feuereiro ou Março, e tornar a voltar pera lá em Mayo com os suis, e vir com a vara⁹⁹ em Nouembro. E assym ficão fazendo duas viagens no anno, o que não pode ser de Goa, nem foi nunca por ficar muito longe, e não pode vir em Nouembro como não vierão nunca.

A as (*sic*) embarcações da costa de Choromandel não podem vir a Goa mais que huma vez no anno, que he como a vara em Janeiro depois de partida as embarcações pera Portugal (se

⁹⁸ Também *Junçalam* e *Junc-Ceilão*. É a ilha *Salang*, *Puket* ou *Junk Ceylon*, em 8° lat. N. e 98° 27' long. E., junto à costa ocidental da Península Malaia.

⁹⁹ Temporal relativamente curto. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s. v.

como he bem partirem em Dezembro), e pera Triquimale¹⁰⁰ que lhe fica ao sueste podem hir emquanto durar o desguerrão¹⁰¹ a saber ou 6 vezes se tantas quizerem, e tornar a hir com o desguerrão, e vir pera a costa em Setembro com os ventos de entre monção e monção, e com a vara de Novembro podem tornar outra vez pera Triquinimale, e voltar em fim de Março com os primeiros [15] suis, de modo que podem faser 7 ou 8 viagens se for necessario; e como o melhor porto pera corte he aquelle que mais acomodado he a nauegação e a mercancia, seguesse que o porto de Triquinimale he pera corte o melhor de todo este archipelago, pois não ha outro com estas facilidades.

Em segundo lugar he conforme a rezão que se meta em Ceilão todo o resto possiuel, e se mude o estilo de o conquistar porque mais vale que se vá pouoando de uagar com vida e multiplicação de gente, do que conquista la muitas vezes a custa de tantas vidas (como aconteceo até agora) e não o ter nunca, fazendo se pelo certão algumas cidades em paragens que possão ajudar e socorrer a humas a outras, metendo lhes toda a gente pobre que em outras escuzadas está perecendo a fome, e dar lhes em seus destritos bastantes terras pera seu sustento, porque não he inconueniente os matos que ha, pois a terra he fresca, e tudo vence a necessidade e industria; e não he rezão que tão pouca gente como ha em Colombo, como tantas terras como as de Ceilão sem as poderem sustentar e defender, e todos os soldados com quem se prezidiarem estas praças tinhão em seus distritos terras de que se lhes pague seus quartéis de que se sustentem sem miseria, porque a miseria desterra a gente ou a mata. E he melhor nomear a cada praça os foros de que se ha de sustentar pera sempre, do que

¹⁰⁰ O mesmo que *Triquinimale*.

¹⁰¹ Trata-se certamente de um vento muito forte, mas desconhecemos a sua direcção e o período em que habitualmente se fazia sentir.

ficar em dependencia de faltar a paga, e do que hir as mãos dos capitães que os sustentão com a muita miseria de que morrem ou fogem.

E metendo se deste modo muita gente duas cidades cada anno de 300 moradores sem quartel¹⁰² e 200 soldados de presidio (pois só de Portugal virão mil cada anno quando menos, e não ha de auer tantas armadas com este modo), em breues annos auera gente e praças com que os chingalas se não atre-uão a rebelar, e com quem fazer fumo a olandez quando for tempo, porque elle não tem gente pera pouoar, em rezão de que aquella com que se serue he de varias nasções, e não fia della semelhantes pouoações, alem de que como toda a mercancia he pera a companhia, não pode auer pouoações de europeos sem mercanciarem os moradores dellas; e tão bem por serem hereges só tratão de ter o que lhes basta pera a mercancia, fiados em o sustentarem com o grande poder que tem no mar.

E pera se fazerem estas fortalezas não se ha mister pedra, senão que de terra // [15v] solta e alguma cal ou chunnambo¹⁰³ de chipo¹⁰⁴ da pescaria misteixada¹⁰⁵, se podem fazer tão fortes muros que os não aruine ballas nem chuvas, a modo dos de Macao, em 5 ou 6 mezes, com gente bastante, sem mais custo que o de cal e dos mestres que hão de traçar a obra,

¹⁰² Sem pagamento de foro.

¹⁰³ Cal obtida pela calcinação de conchas de mariscos. Do malaiala *chunnambu*. É de *chunambo* que deriva a palavra *Chunambê(i)ro* empregada em Macau para designar o antigo sítio, próximo da fortaleza do Bom-Parto, no extremo sul da baía da Praia-Grande. Nesse local havia antigamente fornos de cal de ostras. Cf. *Ta-ssi-yang-Kuó*, II, III, 3, cit. por S. R. Dalgado, *Glossário...*, s.v. e Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988, p. 144.

¹⁰⁴ Ou *chipe*. Ostra petrolífera. Do tamul-malaiala *chippi*, «concha»; *muttu-chchippi*, «ostra de pérola». Garcia de Orta chama-lhe *cheripo*.

¹⁰⁵ Desconhecemos o significado.

porque pera pilar de toda a gente que ouuer, serue assy grandes como pequenas em razão de que não são os pilões como os que se uzão na Jndia, senão como bastões hum pouco compridos, a qual terra se tirara do lugar em que ha de ficar a caua pera com hum só trabalho fazer ambas as couzas juntas. E do mesmo modo podem os moradores com muy pouco custo faser as suas casas em breues dias, arruadas, de modo que não perjudiquem a defenção de cidade, como costumamos faser em todas as nossas.

Tambem se podem adquirir muitos topazes¹⁰⁶ e canarins¹⁰⁷ pobres em todas as nossas Cidades, e mete los no Reino de Ceilão, e dar lhes terras em que laurem seu sustento, porque inda que elles não sejam acostumados a trabalhar, como de lá os não deixarem sair, a necessidade os obrigará a cultuiar e ordenar que os filhos machos destes topazes e canarins não cazem com as mulheres de sua casta, senão com as filhas dos chingalas, e as femeas com os filhos, para que venhão a desconhecer as suas castas, e a seguir a perplexidade dos que chamamos topazes, os quaes não sabendo de que casta são viuem obedientes sem presumir rebelião.

Na cidade de Batauia, que os olandeses tem na Jaua por cabeça de seus tratos, auera 200 olandezes, casados pouco mais ou menos, e muitos delles são cazados com moças pretas que nos tomarão em nauios de mercadores; e demais disto tem feito

¹⁰⁶ Nos séculos XVII e XVIII era sinónimo de *mestiço* e designava os que pretendiam ser descendentes de portugueses, falavam português, trajavam à portuguesa, professavam a religião católica e serviam habitualmente como soldados. Os cristãos naturais, que falavam o português, eram também denominados de *topazes*. O próprio autor assinala no final do parágrafo a «perplexidade dos que chamamos topazes».

¹⁰⁷ Como refere S. R. Dalgado, *canarim* é o «habitante do Canará». Mas os portugueses desde cedo aplicaram erroneamente a denominação ao povo de Goa, que, geograficamente, é concani, etnicamente, é indo-ária e, glotologicamente, é indo-europeu. Também por *canarins* se entendem os cristãos naturais e, algumas vezes, é usado com sentido pejorativo.

huma grande cidade com a gente preta que nos tomarão cazando os moços com as moças que auia, e os que sobejarão com molheres malayas; e pellos não deixarem sair de lá, aprenderão officios e modos de viuer com que se sustentão, e pagão foros a Companhia dos chãos das cazas em que viuem. E se assy se puserem nossas couzas, em principio virão a ter melhor ordem do que he natural e voluntaria, que cada hum de nós segue neste e outros semelhantes particulares; tão qual nos escapa tudo por mão, e pouco vemos em ordem a rezão.

Conuem Senhor, e he muito necessario acudir ao danno da nauegação mercantil, atras referido com toda a preuenção possiuel, porque se se não remediar, por mais que nos desuelemos e cançemos em adquirir augmentação de Estado, se não a de surdir auante, não aja nauegação senão em nauios de alto bordo, artilhados com 16, 18 e 20 peças, de 8 e 10 libras pera riba, que da // [16] China pode vir em bom preço, e essas com artilheiros necessarios, e examinados pelo condestable mor do Estado, e soldados bastantes pera se defenderem, que serão tãobem marinheiros se poder ser, vizitado tudo por ministros de porte, e sobretudo o capitão seja homem de guerra confirmado por V. Magestade ou seus ministros, para que do nauio de omenagem como se fosse real, e ser castigado pellas fraquesas, com rigor, mas dando se lhe poder. E o regimento que ha de seguir pera que os moradores lhe obedeção como a capitão do nauio real, e possa castigar com rigor de respeito, porque se tem visto muitas veses querer brigar o capitão, ou seguir o acertado, e os mercadores o empedi-rem, e perder se tudo por isso.

Tão bem conuem muito acudir se ao danno e desordem dos pilotos, ordenando com grande penna que ninguem exercite a arte de piloto sem ser examinado por quem bem o entenda, ou por hum piloto mor que pera isso pode auer. E se for possiuel auer escola desta arte, e que nella se não admittão senão sojeitos de bom engenho, e estudantes do curso sera de muita vtilidade, visto que esta sciencia não consente

imperfeições, e a muita experiencia que todos os deste Oriente tem disto, pois em suas bolças, e vidas a tomarão, e tomão, me basta pera a proua disto e me escuzza da grande lenda que cauzarião os exemplos de danos que poderia referir.

Jnteirados os olandeses de sermos nisto muy desordenados, puzerão por condição nas pazes que em Olanda capitularão com o embaixador Tristão de Mendonça¹⁰⁸, que não nauegariamos senão em naos de tantas toneladas e tantas peças, para que se não aproueitesse o inimigo cossario. E quando eu li isto, logo entendi que das muitas prezas que elles nos tomarão neste Oriente, e principalmente em Malaca, tirarão experiencia para estrouar proueitos semelhantes aos Castelhanos.

Com que resão Senhor não ha de ser castigado hum capitão que por botar a perder huma cidade entregando hum nauio destes aos inimigos, merece [ser] açado em hum espeito, e botando aos cães, para emenda de outros e pilotos que dão com os nauios em parte de que se desuiar ja hum cego, porque se lhe não ão de tirar os olhos, para os mais verem bem no que se metem quando tomão entrega de outros.

Consideresse quanta cantidade de nauios de remo e // [16v] galiotas¹⁰⁹ sem remo trazem no mar os vassallos deste Estado, e por mais que se canção, sempre vão em demenuição de bens; porque como todos se occupão em couzas e em tratos de pouco momento, nesta costa da Jndia não lhe lux nem aproueita o

¹⁰⁸ Tristão de Mendonça Furtado fora um dos conjurados da revolução de 1640. Sobre a sua embaixada à Holanda veja-se de Edgar Prestage, *As relações Diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda, de 1640 a 1668*, tradução de Amadeu Ferraz de Carvalho, Coimbra, I. da Universidade, 1928, particularmente o cap. II «Relações com a Holanda. Reinado de D. João IV», a pp. 191-203.

¹⁰⁹ As galeotas eram embarcações do tipo das galés, embora com dimensões mais reduzidas. Em regra não armavam mais de vinte remos por borda e, cada um, movido por um só remador. Podia armar dois mastros com pano latino e ter um tendal à popa. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s.v.

trabalho, inda que aos donos dem elles proueito particular que os obriga a arma los, do qual se deue fazer menos cazo que do geral, em que todo o Estado vay entereçado, e que do gasto e trabalho em que põe a fazenda ministros reais pera os liurar dos cossairos, tirando a e diuertindo os de outras couzas mais importantes, como he certo, e se sabe que todo o mayor cuidado do Vice Rey, Veedor da fazenda, goarda mor, mocadão mor¹¹⁰, capitães mores, milhões de capitães de nauios, he tratar de aprestar as armadas que atras ficão referidas, ja mandando fazer nauios, ja mandando os concertar, ja fazer marinheiros que tanto custão, tirando os das lauoras pera de fora comprar o arros que elles poderão semear em Goa ou em Ceilão, leuando os lá ja em faser muitos capitães mores, e muitos capitães com grandes ordenados, pera demenuição da fazenda Real, os quaes ouuerão de andar ocupados em outras obras mais apropriadas, em ordem e conuerção ou em Ceilão ou aonde o pedisse a necessidade pera merecerem com mais resão os despachos que por isso se lhes dão.

Com o cabedal que nestes muitos nauios mercantins se gasta, se podem fazer pataxos¹¹¹ de alto bordo (como atras fica dito), que sejão de muito mais proueito ao Estado geralmente, porque sem tantas perdas como as que elles lhe tem dado, poderão fazer com mais facilidade os comercios que a semelhantes embarcações como aquellas se negão sem respeito, e a tais como a estas de respeito socedem. E de quando mais disto se offerecer ocazião de socorrer huma praça, nelles se fara com mais presteza, pera que não aconteça o que muitas veses vimos, perderem se as praças por não auer com que lhes acudir a tempo. Se na Jndia ouuera estes nauios, não viera

¹¹⁰ Arrais-mor ou patrão-mor.

¹¹¹ Navio de dois mastros, com dois mastaréis e pano redondo no de proa, e com um só mastaréu no da ré, onde arma pano latino. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s.v.

o inimigo tanto a sua vontade, por ser na barra de Goa com outros semelhantes, pois poucos delles excedião a esta marca que digo, e se ouuer contradição a esta minha openião, mandesse medir qualquer de suas naos ordinarias assy de boca como de pontal¹¹² como eu fiz a huma nao de 25 peças / / [17] em que andei, sendo a mayor que auia em Malaca, e achar se que não são mayores que os nossos pataxos grandes, inda que apareção por terem grandes obras mortas¹¹³ com que cobrem a sua artelharía e gente, por melhor comodo de poderem aturar a continuação do mar em que andão sempre. Fação se assy os nossos pataxos com pontes¹¹⁴ feichadas, e logo parecerão e serão náos; e admitão se por marinheiros delles os Christãos da terra, topazes que o souberem ser, porque ha muitos que o sabem ser (como fazem os castelhanos em Manila, que muitos marinheiros e grometes são Indios da terra), porque os tais asombrados portugueses que ouuer, logo se farão semelhantes e bastantes, e com o exemplo dos primeiros aprenderão os mais, pera que assy os christãos e não os mouros se aproueitem deste meyo e creção com elle, pois as mizerias os demenuem.

He conforme a rezão que o Vice Rey tenha tanto cuidado como de todo o mais gouerno, de inçitar e persuadir os mais ricos vassallos deste estado a armarem estes pataxos que digo, e emsinandos, e aduerti los a se descontrarem huns dos outros nos comercios, e diuidindo os por diferentes partes, por que não vão ajuntar se todos em huma, e dar com isso o proueito a outras nasções, ficando com o trabalho baldado; ordenando tão bem que ninguem faça viagem sem ordem sua

¹¹² Distância que vai da parte superior da quilha, na região da casa mestra, à primeira coberta. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s.v.

¹¹³ A parte do casco que fica situada acima da linha da água.

¹¹⁴ Cobertas.

pera os repartir nas lisencas que lhes der, porque se isso não fizer, todos se ajuntarão em Moçambique pera nada ganharem, todos em Mascate para menos ganharem, todos na China pera todos perderem, todos nesta costa da India pera todos se consumirem, e nunca fazerem couza boa, e sempre serem nada.

He conforme a resão que o Vice Rey precure persuadir alguns homens de pocas que armem alguns pataxos bem petrachados, pera que com roupas vão com capitães de porte e preuenção já dita, a correr muy hespacio os portos dos Reinos do merediano ja referidos, abrindo nelles escala em nome de Vossa Magestade para seus vassalos, e vendendo e trocando alguma couza em cada hum (pois não são capazes nenhuns delles pera todas as roupas de hum nauio, e he necessario correr muitos pera lhe dar despendiencia); e partindo de Ceilão em Março, se recolherão em Outubro pella Sunda com o ganho, o que não // [17v] hão de achar na feira de Macaçar (ja referida), porquanto ocorrem os Olandeses, Ingreses e Dinamarcas a ellas com muitas roupas; e ual lá menos do que custa, e as drogas que se hão de trazer muito mais caras do que nos proprios portos em que se crião, e nos conuem nesta parte desuiar do olandez pello danno e modo ja referido com que nos pretende empobrecer. E por lhe faser o mal de leuarmos as roupas as nasções que lhes hauião de hir a comprar a Malaca, ou a Jacatara, ou ao Macaçar, ou a Amboino¹¹⁵, por ser o mesmo, com que elles nos destruirão o comercio de Malaca muito antes de a tomarem.

He conforme a rezão que em Bengala, Pegu e Arracão e Junçulão, tenhamos comercio assy pellas rezões de proueito que tenho dito que ha nestas terras como pera perturbar o trato

¹¹⁵ Esta ilha, também designada por *Ambon*, situa-se a 3° 40' lat. S. e 128° 20' long. E., no mar das Molucas. Sobre o assunto consulte-se de Hubert Jacobs, «The Portuguese town of Ambon, 1567-1605» in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa. Actas*, ed. organizada por Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro, Lisboa, I.I.C.T., 1985.

ao olandez, assy como elle nos faz. E assy sera bom persuadir os ricos a que armem hum ou 2 pataxos dos que digo, pera andar por estes portos de que se pode tirar muito proueito.

He conforme a resão acudir se a cidade de S. Thome pera que não acabe de todo¹¹⁶, e se possa conseruar, e Negapatão, e Tetucurym, e que se adquira tudo o mais que por aquella costa de Choromandel, Pescaria e Muçulupatão se podera ver, e fizesse mais caso della que desta da India, pera que auendo muita gente nella adquira em bom preço todas as roupas della, pera as vender aos de Ceilão pera os comercios do merediano, em que se gastão as pinturas estimadas daquela costa e daquela cidade de S. Thome, a aos de todo este Estado Portuguez cujas molheres, filhas, e criadas não gastão outra que a de S. Thome, inda que lhe custe muito, e a compre aos mesmos olandeses como eu ja tenho visto.

De Solor se deue fazer muito caso, pois naquella parte nos não ficou outra couza (Deos sabe porque), e esta na melhor paragem que há em toda ella, e que Malaca, em rezão de ter Christandade, que Malaca não teue nunca, e São Francisco Xavier descalçou os çapatos nella e os sacudio; e ficar perto do crauo, maça, e da noz, e pimenta, que hão de trazer aly todas as nasções daquelles Reinos, assy como leuão ao Macaçar, por hirem e estarem aly portugueses; e sobretudo ter o sandolo que pera a costa do Choromandel he a melhor couza, e o melhor ganho que pode vir daquellas partes, e fica daquella paragem tão facil viagem pera Ceilão, que em // [18] vinte ou 26 dias se pode vir em Agosto.

¹¹⁶ Sobre este assunto, veja-se de Sanjay Subrahmanyam, «O Comércio aos Pés do Apóstolo: A Povoação Portuguesa de Meliapor no Século XVI», cap. III de *Comércio e Conflito...*, já cit., pp. 65-83/1605» in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa. Actas*, ed. organizada por Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro, Lisboa, I.I.C.T., 1985.

E he conforme a resão que o Vice Rey persuada aos ricos a que armem hum ou dous pataxos, e os mandem lá com aquilo que lá serue (como sabem os mercadores), porque só de sandolo que vinhão carregados, tirarão muito proueito não sendo pequenos.

Tãobem he conforme a resão que se não deixe perder a propria ilha de Sollor em que estaua de primeiro a nossa fortaleza, porque os capitães a tem desemparado com assistencia que fazem na Larantuca¹¹⁷ procurando sem proueito do sandolo, porque cuidou segundo ouuy, que os olandezes a procurão sitiar, e se algum dia se quebrarem pazes, de ali nos tomarão aquelles boqueirões de Sollor e de Balle, por onde ja sabem que sahimos¹¹⁸. Que como ja tem o de Malaca e de Sunda, e pretendem despedir nos de todo daquelle tropico e archipelago chino, não hão de deixar de o procurar. É assy Senhor, muito bem fora fazer se aly huma fortaleza de taipa que digo, e procurar que o capitão assista aly, inda que se gastara nisso alguma couza, escuzandosse de outra parte, ou com alguns direitos que podem pagar estes nauios que forem, e os mais sustentar alguns soldados de prezidio, pois sem isso sempre fica exposta a se não pouoar e a se perder.

Goa pode ficar com hum prezidio reforçado que se sustentara dos foros das terras de seu distrito, que são Salcete, Bardes, Chorão, Piedade¹¹⁹ e as mais, e com as mais rendas

¹¹⁷ Povoação da ilha das Flores, uma das do arquipélago de Solor e Timor, a 8° 35' lat. S. e 120° 40' long. E.

¹¹⁸ Sobre o estabelecimento dos portugueses em Solor veja-se de Humberto Leitão *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*, Lisboa, 1948 e o nosso estudo *Timor Português 1515-1769. Contribuição para a sua História*, Lisboa, F. Letras de Lisboa, 1974.

¹¹⁹ Sobre o valor dos foros em finais do século XVI veja-se o nosso estudo «Sistema Tributário e Rendimento Fundiário de Goa em Finais do Século XVI» in *Las Relaciones entre Portugal y Castilla en la Época de los Descubrimientos y la*

que tem, e seus pataxos de roupas pera Ceilão, porque sempre as auera bastantes para se guarnecerem os paços competentes¹²⁰, a defenção das terras, e a gente da terra nobre que pessue fazenda, ordenar lhe que os homens se não cazem com gente de sua casta, senão com molheres que tenham parte de nação Portugueza; e as molheres afazendadas, pelo conseguinte, com homens em que haja sangue so portuguez, porque como os melhores delles vzão ja oje isto, não sera dificultoso, emcarregando se o cuidado do comprimento aos parochianos; e deste modo em poucos annos se mesclarão de feição, que todos venhão a ter se por portugueses e vnir se pera a defensão da terra, com que a afeição das armas a que o sangue Portugues os ha de inclinar e incitar; e o capitão de Goa podera ser geral da costa da India, pera todos os annos vizitar as praças della, e tomar experiencia pera poder suceder ao Vice Rey. Porque conuem muito que o Vice Rey que ouuer de gouernar tenha ja experiencia deste Estado. Porquanto os que vem feitos do Reino, como entrão as escuras, e lhes falta a noticia que hão mister os // [18v] meyo e traças das cousas, inda que tenham muito zello não fazem pouco em conseruar a boamente o que achão, pellos paços de seus antecessores.

A Cidade de Cochym e as fortalezas de Couão¹²¹, Cananor¹²² e

Expansión Colonial, ed. de Ana María Carabias Torres, Ediciones Universidad de Salamanca, 1994, pp. 271-292.

¹²⁰ Passo: Passagem de rio, onde se pagavam direitos.

¹²¹ Actual *Quilon*, em 8° 54' lat. N. e 76° 37' long E., no litoral malabar, próximo de Tranvancor. Afonso de Albuquerque estabeleceu, em 1503, uma feitoria onde, mais tarde em 1519, construiu uma fortaleza. Cf. *Regimentos das Fortalezas da Índia*, estudo e notas de Panduronga S. S. Pissurlencar, Bastorá (Goa), 1951, pp. 230-231. Sobre este assunto veja-se de José Manuel Vargas «Couão» in *Dic. de Hist. dos Descobrimentos Portugueses*, s.v.

¹²² Antigo reino do Malabar, que abrangia, segundo João de Barros, o litoral situado entre a foz do rio Kassergod, em 12° 28' lat. N., e o porto de Puthupanam ou Puthupattanam, em 11° 35' lat. N. Confinava ao norte com o reino do Canará

Mangalor¹²³, Barcelor¹²⁴ e Onor¹²⁵ da costa do Malauar, e as cidades e lugares da costa do Norte que são Chaul¹²⁶, Baçaim¹²⁷, Damão¹²⁸,

e ao sul com o de Calecute. Em 1505 João da Nova levava instruções para construir uma feitoria, o que efectivamente fez, protegida mais tarde por uma tranqueira erguida por Vasco da Gama. Lopo Vaz de Sampaio, em 1526, empreenderia obras de ampliação desta fortaleza. Em 1663 seria conquistada pelos holandeses. Sobre este assunto veja-se de Carlos Carrasco «Cananor», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v.

¹²³ A 12° 50' lat. N. e 74° 51' long. E., na costa ocidental da Índia. A fortaleza de Mangalor foi construída em 1568, por D. Antão de Noronha.

¹²⁴ Ou *Braçalor*. Actual *Basrur*, em 13° 38' lat. N. e 74° 45' long. E., no Canará do Sul. Esta fortaleza foi ocupada pelos portugueses em 1569, que aqui permaneceram até meados do século XVII. Sobre o assunto consulte-se o artigo de João Paulo Costa «Barcelor», in *Dic. de Hist. dos Descobrimientos Portugueses*, s.v.

¹²⁵ *Honavar* ou *Honawar*, em 14° 17' lat. N. e 74° 29' long. E., no litoral do Canará. Desde 1569 que o Estado da Índia dispôs de uma fortaleza em Onor, até ao ano de 1654. Sobre esta fortaleza veja-se de S. Subrahmanyam, «Onor», in *Dic. de Hist. dos Descobrimientos Portugueses*, s. v.

¹²⁶ Outrora importante porto do comércio regional português na Índia, situa-se em 18° 33' lat.N. e 72° 55' long. E., no distrito de Kolaba e na margem esquerda do rio Kundalica. Em 1521 seria construída uma fortaleza em Chaul. Sobre este tema veja-se de Luís Frederico Dias Antunes, «Chaul», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v. e a bibliografia aduzida pelo autor; e de J. Gerson da Cunha, *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, Bombay, 1876, reimpresso por Asian Education Services, New Delhi, Madras, 1993.

¹²⁷ Actual *Bassein*. Cidade da costa ocidental do Indostão, situada em 19° 21' lat. N. e 72° 50' long. E., no distrito de Thane, em Maharashtra, ocupada pelos portugueses de 1534 a 1738. Foi a capital da denominada «Província do Norte», que além de Baçaim integrava um vasto território que abrangia Assarim a partir de 1556 e Damão, em 1559. Sobre esta fortaleza veja-se, além da obra atrás citada de J. Gerson da Cunha, o artigo de João Paulo Costa, «Baçaim», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v e Mário César Leão, «Baçaim e a Província do Norte do Estado da Índia» in *De Goa a Macau*, Macau, Grupo Cultural de Macau, 1995, pp. 5-11.

¹²⁸ Cidade da costa ocidental da península do Hindustão, situada a 20° 25' lat. N e 72° 58' long. E., à entrada do golfo de Cambaia, na foz do rio Sandalcalo ou Damamgangá. Sobre a presença portuguesa em Damão, que remonta a 1534 e se estende até 1961, veja-se de Luís Filipe Thomaz «Damão», in *Dic. de Hist.*

Tanná¹²⁹, Caranja¹³⁰, e os mais com seus pataxos bem petrechados se negociarão e commonicarão. E não aja nauios de remo, porque como os não ouuer, não auera Malauares cossairos, e como não ouuer cossairos não hauera armadas de remo, não se gastara sem necessidade gente e dinheiro que pera Ceilão se ha mister; e nestes pataxos hira de Cochim a pimenta pera Ceilão com mais facilidade do que pera Goa, e as roupas de Balagate tão bem hirão nelles de Goa com a mesma facilidade.

A fortaleza de Dio he deuido que se prezidie com mais ventagem do que esta, e que nella aja sempre a sua armada conueniente pera que poça trazer a Dio as roupas de Cambaya que a Goa vem, pera que de Dio vão, em pataxos, pera Ceilão. Porquanto em aquelle emseada não podem entrar os pataxos, hão mister armada os nauios mercantis de remo.

He Senhor chegado o tempo que nos obriga a conhecer os erros, e a ocasião que nos conuida com este remedio mais fauorauel, menos custoso e dificultozo; acrescentem se por este modo este reino de Ceilão, porque crescendo, o contrario chigala sera sogeito sem derramamento de sangue Portuguez, e o Olandez se não fara Senhor de todo elle e de sua canella como se estende que o vira a ser, se com extraordinarios modos se lho não impedir; e pera se conhecerem estes modos, se deue considerar que os olandeses tem muito dinheiro, por-

dos Desc. Portugueses, I, s.v. É ainda de grande interesse para a história de Damão a obra de António Francisco Moniz, *Notícias e Documentos para a História de Damão, Antiga Província do Norte*, 3 vols., Bastorá 1900-1910 e A. B. Bragança Pereira, «A Fortaleza de Damão» in *Arquivo Português Oriental* (nova edição), t. IV, vol. II, parte III, Bastorá, 1940. Veja-se também de Livia Baptista de Souza Azevedo, «Tenents, Rents and Revenues from Daman in the late 16th Century», in *Mare Liberum*, 9 (1995), pp.139-148.

¹²⁹ Cidade situada a 19° 12' lat. N. e 73° 02' long. E. no extremo leste da ilha de Salsete, nos arredores de Bombaim.

¹³⁰ Ilha situada nas imediações de Bombaim, a sueste, em 18° 53' lat. N e 72° 58' long. E.

que tem todos os commercios, e que a gente que mata não he de sua nasção, senão de muitas e diuerças, e nenhuma perda tem em lhe morrer, senão ganho por resão de ser muito della vadia, e não se lhe conhecer erdeiro que solecite a cobrança das pagas que tem vencido, e ficarem por isso a Companhia. E eu com minha intercessão tirei de entre elles hum portuguez do porto que nenhum seu parente sabia que elle andaua com elles; e se morrera antes de eu o tirar, era certo que se auia de ficar a Companhia com boa quantidade de patacas que lhe derão quando se sahio delles, porque não auia de hir a Olanda nenhum erdeiro seu a pedi las. E muitos que lhe morrem estrangeiros são assy e nem por isso lhes falta gente pella pobreza della, e porque pagão bem, e comcerteza aos que escapão ou tem erdeiro, que cobrem, e estas pagas fazem no cabo do tempo, e só pera vestidos vão dando alguma cousa, e tanto podem as boas pagas que adquirem e conseruão tanta gente sem outro interesse de honras.

Não he boa, Senhor, a openião dos passados para este tempo, inda que fosse pera o seu; e se elles tiuerão por boa a de assistir o Vice Rey em Goa, foi porque como se auião contentado // [19] com a costa da Jndia que primeiro acharão, por ter roupa e pimenta pera Portugal, e nella adquirirão prosperidades, deixando em segundo lugar do interece a conuerção, se forão atraz ellas deixando a emenda a quem fosse necessaria; e como por este modo se fez sempre fundamento nesta costa da Jndia, se achou que conuinha tão bem que o principal porto de Ceilão estiuesse desta parte della, como esta em Columbo por resão de ser mais facil o socorre la e trazer a canella, e fazer se o mais trato mercantil inda que tão limitado, porque tudo isto ficaria mais dificultozo se se ouuesse de passar a ponta de Gale. Assy não nos deue confundir a resão de se uer conhecido ate agora por bons os fundamentos com que se conseguio e continuou esta assistencia do Vice Rey em Goa, pera que se deixe de fazer o que a resão nos mostra de presente, mormente quando a experiencia que temos he muitas vezes mais

perfeita que a sua, pois inclue o seu tempo e seus efeitos, e a sua nem de seu tempo nem de seus efeitos teue desenganho, como nos temos dos nossos.

Nem perturba cousa tão importante a resão de ser Ceilão falto de arros, porque esta he friuola quando se considera e entende que onde ha terra, agoa e gente não falta que comer. E quando se sabe que esta he muito fresca por chouuer sempre nella, e foi sempre habitada de mais gente do que auemos de ter nella em muitos annos, e juntamente quando se conhece que desta gente he morta as duas partes nas guerras que connosco tiuerão, tem, e terão pera sempre (se por este meyo que digo se lhe não fizer nouamente com muito calor e vigor) e por esse respeito com sua falta estão muitas terras dezertas pera se poderem dar aos portuguezes, e as que se derão com larguesa de condados se repartão com menos limite; e assy tudo o mais como o tempo emsinar pera este effeito, de mais de que não se pode dizer que he falta d'arros a terra que esta tão vezinha da costa de Pescaria e da costa de Choromandel tão fertis de mantimentos, tendo fruitos que lhes vender pera pagar e desempedido o caminho de cossairos.

Não aja, Senhor, causa nenhuma que escureça a de se acudir a Ceilão de modo que se segure huma vez, porque alem de se perder com sua perda a canella que só traz a India os mareantes, e emnobrece e emriquece o Estado Portuguez, fica este da India sem escudo com que se defender; e corpo sem escudo fica perigoso e he contra resão e peccado, poem perigo sabido cousa de tanto porte como a conuerção; e hum estado tão nobre, tão rico, e tão prezado, quando com estes meyos tem remedio tão certo, quanto com elle se ha de uer em poucos annos segurando tudo, e arruinar o olandez, em rezão de que não pode pouoar como fica dito, e a nossa gente crescendo lhe, ha de perturbar os comercios que elle oje goza a sua vontade só, e tanto // [19v] que não tiuer grandes ganhos pera poder com os gastos, ha de perder e cair de forçado, porque esta troca de bolas que com estes meyos se faz,

nos poem anos em poucos gastos de gente e dinheiro, e a elles em menos ganhos. E como tiuermos muita gente ja ficamos de riba, em rezão de que a muita gente no Oriente he a que preuallesse, que embarcações não hão de faltar se com este modo de pataxos nos formos aumentando.

Deixa los Senhor mercanciar a sua vontade, porque tudo metem em Olanda quando cá não pouoem, como não hande pouoar, e a gente que trazem, e que lhe acode he porque nos não acha dentes, e como no los achar, lhe não he de acudir por se liurar do perigo da morte que a todos faz virar o rosto. E façasse paz por tantos annos com o chingala, inda que seja cortando por nos, pera que não aja gastos de gente nem dinheiro; e tudo se vá intezourando e depositando em cidades fortes e prezediadas, porque essas hão de ser as que nos hão de ser boas a seu tempo.

E porque he força que em muito do que digo, me faltem palauras e resões eficazes pera o dar bem a conhecer, pois não sou trilhado nellas; peço a Vossa Magestade de merce que as digo, e alego se ponderem com a demora que adquira os que faltarem, e se não faça destas aduertencias estima de cousa minha, senão a do que contem pera que não suceda auer se por momentaneo o que tanto importa.

E se no boqueirão de Sunda¹³¹ se poder auer do Matarão¹³² hum porto em que se faça escala de roupas, e as embarcações que de Portugal e da Jndia pação a China achão abrigo e refresco, sera muito melhor que em Malaca. E por ficar tão bem em boa dereitura pera Solor, de que nos conuem muito

¹³¹ Estreito de Sunda, a ocidente da ilha de Java, em 6° 20' lat. S. e 105° 45' long. E.

¹³² *Matarom*, antigo reino javanês que, segundo o Visconde de Lagoa, João Baptista Lavanha demarca na carta de Java que juntou à *Década IV de João de Barros*, contíguo à margem do rio Chiamo e a leste dele, o que possibilitou ao Visconde de Lagoa situar este reino na região de Cheribon, a 6° 41' lat. S. e 108° 33' long. E.

asegurar e augmentar aquella Christandade, e o sandolo pera Choromandel, por não vir ao poder dos olandeses que o procurão com muita instancia, e ficar esta paragem muito perto dos portos das mais drogas pera que as nasções delles no las tragão, e com estas pazes com que os olandezes se metem em Tutucurim¹³³, sera bom procura lo, pois o matarão; he nosso amigo e tão inimigo dos olandeses, que tera por boa dita termos ali, pois a Malaca mandaua sempre seus embaxadores e muito mantimento de socorro.

Aduertencia ceparada sobre Macao

A Cidade do nome de Deos a China situada em Machao creceo com a viagem que tinha pera Japão. E quanto mais foi crecendo a Cidade, mais foi o cabedal que na viagem se foi metendo. E como os olandezes e os Chinas tãobem leuauão muito, e a viagem de Manila empatou alguns annos com o muito que se lhe meteo e, por ambas as // [20] resões, ouue alguns annos não só pouco ganho, mas tão bem perdas; veyo a conhecer que com ser tão bella a viagem de Jappão, não podia sustentar Machao, por ser ja tão grande que só de confissão dizem se lhe acharão em seiscentos e quorenta e tres, quorenta mil molheres e oje ja auera mais as que não erão de confissão e as que nascerão.

Em resão disto avizarão os moradores a Vossa Magestade e lhe pedirão que de Lisboa se fizesse viagem pera Machao; erão suficientes pera os gastos e cabedal della, hauendo que os contratadores de Lisboa folgarião de se aproueitar de tão boa occazião de ganhar o muito que se conhece das couzas que podião levar, e que a fazenda real estaua bem faze la por sua conta, como pera Manila e Japão.

¹³³ Actual Tuticorin, em 8° 48' lat. N. e 78° 09' long. E. no distrito de Tirunelveli, no Tamilnadu.

E como de Goa se não acudio a isto mais que com huma prouisão pera de lá se fazer se podesse ser, e os de Machao não romperão dificuldades pera por em effeito este bem, socedee quebrar o comercio de Japão e ficar com isso a Cidade, de sorte que huns mal dizião sua estrella, outros morrião apreçadamente, outros perdião o juizo, e todos juntos com estes e outros tormentos de pennas, chorauão não só a presente perda, senão tão bem a que ao diante os esperaua, por ser ruina total e irremediauel por humanos meynos.

Tratarão logo de dar despedencia as fazendas que os Japões lhes mandarão ja em Ceilão por a metade do custo, ja pera Cochichina¹³⁴ por a metade do custo, ja pera Tonquim¹³⁵ pello mesmo, ja pera Manila pello mesmo; e quando dellas se virão liures passados annos, acharão tão bem sem dinheiro, em resão de serem os gastos dos riscos, e os ganhos nenhuns, por falta de comercios de que se aja de fazer fundamento.

Tanto que os Chinas vizinhos em Cantão conhecerão o estado em que estauão os de Macao, logo (como avizados) se recearão delles, e fazendo petição ao Rey em que dizião que os de Machao erão como tigres, e que esfaimados sem viagens lhes auião de entrar a Cidade, alcançarão prouisão que não fosse mais a Cantão faser a costumada feira em que comprauão as cedas, nem embarcação sua entrasse nos portos daquelle Reino, sob penna de ser queimada, e a gente degolada. E que só se lhes leuasse a vender arros e vinho, e que esse não fosse

¹³⁴ A Cochinchina abrangia o Norte do actual Vietnam (Tonquim e as províncias setentrionais do Anão), até ao cabo da Varela, em 12° 55' lat. N. e 109° 27' long. E., ao sul do qual se situava o Champá. Na segunda metade do século XVI, acompanhando a conquista de Champá, estender-se-á até ao limite sul do actual Vietnam. Cf. Luís Filipe Thomaz, «Cochinchina», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, I, s.v. No mesmo artigo veja-se ainda os contactos dos portugueses com a Cochinchina.

¹³⁵ Situado a Norte do actual Vietnam, fazendo parte do reino da Indochina.

muito, por que se não emsoberbecessem. E alem de huma cerca com que lhes tinham impedido o mantimento, e as entradas nas Aldeias vizinhas, por estar Machao em huma ponta pera isso acomodada, lhes fizeram outra na ilha do Samym¹³⁶, que defronte fica em huma paragem por onde vinha algum arros escondido, e assy tem tapados os de Machao, // [20v] sendo que se lhes tuessem liberdade pera entrar e mercanciar pello Reyno, poderão conseruar se e crescer sem mais viagens pera Jappão, nem pera Manilla, por resão de ser tal a Monarchia da China que não necessita de comercios estranhos pera sustento dos vassallos, e os de Machao estão lá tidos por vassallos tão bem, e como tais pagão seiscentos taeis, que são alguns 1500 xerafins de foro do chão¹³⁷ em que esta a Cidade, e medi-

¹³⁶ Deverá tratar-se da ilha de *Shamian*, situada nos arredores da cidade de Cantão.

¹³⁷ A origem deste foro é descrita pelo Senado de Macau, num manuscrito posterior a 1602, deste modo: «E se algum quizer saber a antiguidade e solemnidade deste foro, passou assim: desdo tempo que foi entregue este porto e peninsula aos Portuguezes, logo alem dos direitos ou ancoragens, pagarão certa quantia de prata com titulo de foro; mas por alguns annos não se punhão no thezouro del-rey; porque como os Portuguezes o entregavão ao Aitao por ser principal governador, e protector da terra, elle o consumia e gastava, e por isso se chamava a peita do Aitao, e durou isto por espaço de alguns dez ou doze annos; athe que no anno de 71 ou 72, hindo os Portuguezes à feira, e sahindo os Mandarins, como costumavão, à porta grande vestidos de vermelho para receber os direitos que levavão os Portuguezes, depois em sinal de respeito conforme a sua uzança de os Mandarins lhe darem hum boyão de vinho e alguns bolos, como era costume, disse hum Pedro Gonçalves que servia de Girubaça [*Intérprete*] e era mestiço, fallando com o Aitao: como tambem aqui trazemos os quinhentos taeis que paga a Cidade de foro: o Aitao, como se disse aquillo diante dos outros Mandarins, vendo que corria perigo seo estado, acodio logo, que esses entregasse ao Leencei, porque são para o thezouro del rey para serem do fogo [*entenda-se foro*], que a cidade paga: e desde este tempo cá ja 10 annos se paga e entezoura pera el-rey, e como não he de direitos nem de campos, nem vargeas, senão de sitio que se occupa a cidade, claro está que he foro de sitio, e ella tam senhora delle, como os Chinas que pagão foro do sitio das terras que possuem, e se alguem duvidar desta historia pergunte a verdade della a Antonio Garcez que se achou prezente e está vivo». Cf. B.A., 49- V- 5, fls. 350-350v, transcrito por

ções dos nauios que vão ao porto de Machao, e direitos de suas fazendas que tirauão de Cantão.

*Como se podião os de Machao conseruar se e crescer
sem mais viagens que as do Reino da China
se tiuessem liberdade pera as faser*

Podem os de Machao hir ao Chincheo¹³⁸ comprar em muito bom preço muita ceda crua e retros. E muito ouro porque lá vay ao Olandez da ilha Formosa¹³⁹ (o que tudo serue pera todo o mundo) vender tudo em Machao aos moradores do archipelago da India, e aos Castelhanos que ao pagodinho de Cantão¹⁴⁰ que são 7 ou 8 legoas de Machao, podem vir meter se com hum pataxo sem danno nem risco de cousa nossa, nem agrauo do olandez, consertando se isto no Macaçar, de mercador a mercador, com licença de Vossa Magestade, pera que no mesmo pataxo ou em huma praya (como os primeiros fação em Samchão¹⁴¹) fação com elles negocio.

António da Silva Rego, *A Presença de Portugal em Macau*, Lisboa, A.G.C., 1946, p. 37. Sobre o assunto veja-se C. A. Montalto de Jesus, *Macau Histórico*, trad. port., Macau, Livros Oriente, 1990, pp.51-53.

¹³⁸ Actual *Zhangzhou* (*Changchow*), situado na margem do rio que desagua no porto do mesmo nome, a oeste e a curta distância de Amoy. Situa-se na província chinesa de Fuquiem (Fujian), fronteiroço da ilha Formosa em 24° 50' lat. N. e 118° 40' long. E. Sobre este topónimo veja-se de Luís Filipe Thomaz, «Chinchéu», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v.

¹³⁹ A ilha *Formosa* ou *Taiwan*, em 24° lat. N. e 121° long. E., no mar da China.

¹⁴⁰ Não conseguimos identificar o local.

¹⁴¹ *Shangchuan*, também referida por *Sanchoão*, é registada nas cartas antigas por ilha de *Shang Chuang*, *Chang-Chwen* ou *St. John*, em 21° 40' lat. N. e 112° 46' long. E., no mar do Sul ou Nan-Hai, nos arredores de Macau e onde morreu Francisco Xavier em 3 de Dezembro de 1552. G. Schurhammer, *Francis Xavier, His Life, His Times*, vol. IV, Apêndice III, p. 662, traz uma lista em três páginas dos nomes dados em textos ocidentais a Sanchoão, de 1552 a 1973-74.

Pode tãobem os de Machao trazer do Chincheo muita roupa branca de que se vestem os Castelhanos a que chamão nonos¹⁴² e cangas¹⁴³ e vendella aos mesmos castelhanos em o pagodinho. Tratão tão bem do Chincheo muita louça que de lá tirão os olandeses e a venderão aos da Índia. E como tudo vier a Machao, não leuarem os Chincheos a Manilla o que leuão pera tirar o ganho aos de Machao, nem ao olandez da ilha Fermoza, nem Jappão como auante melhor se proua a certeza disto, nem virão ganhar com os de Machao o muito que com elles ganhão, no que lhes trazem disto de lá a vender.

Podem os de Machao hir a Naquim¹⁴⁴, e trazer muita ceda batida e crua pera vender aos Castelhanos. E muito ouro barato e almiscar¹⁴⁵, e rubis pera vender aos da Índia em bom preço, e muitas sayas elins¹⁴⁶, azougue¹⁴⁷, vermelhão¹⁴⁸ pera vender aos

¹⁴² Segundo A. Bocarro trata-se «roupa branca de linho». É uma espécie de ganga, mas de qualidade superior. C. Boxer refere que, segundo informação de J. M. Braga, a palavra «nuno» ainda se usava em Macau, para designar «um tecido ligeiro de algodão, usado para mosqueteiros enquanto a palavra ganga se aplica a um material de algodão geralmente azul» Cf. C. R. Boxer, *Macau na Época da Restauração*, vol. II de *Obra Completa de Charles Ralph Boxer*, Lisboa, F. Oriente, 1993, p. 46. Graciete Nogueira Batalha em *Glossário do Dialecto Macaense*, s.v., regista também o vocábulo.

¹⁴³ O mesmo que *ganga*.

¹⁴⁴ Cidade da província chinesa de Kiang Su (Jiangsu), em 32° 07' lat. N. e 118° 47' long. E.

¹⁴⁵ Segundo António de Morais Silva, trata-se de uma secreção muito odorífera de uma bolsa que possuem entre o umbigo e as partes genitais os machos das chamadas cabras almiscaradas (*Moschus moschiferus*). Cf. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, s. v. O almiscar era um dos produtos mais importantes exportados da China. Sobre o assunto, leia-se o artigo de José Manuel Vargas, «Almíscar» in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s. v.

¹⁴⁶ Será *ôl* ou *ôli*, espécie de manto branco, de tecido fino, apertado na cintura? Cf. Ana Maria Amaro, *O Traje da Mulher Macaense. Da Saraça ao Dó das Nhonhonha de Macau*, Macau, I.C.M., 1989, pp. 36 e 39 e A. B. Bragança Pereira, *Etnografia da Índia Portuguesa*, vol. II, Bastorá (Goa), 1940, p. 80.

¹⁴⁷ Designação por que é conhecido o mercúrio.

¹⁴⁸ Substância tintória, obtida por trituração do *cinábrio*, sulfureto de mercúrio natural Shg. Cf. A. de Morais da Silva, *Grande Dic. da Língua Portuguesa*, s.v.

olandeses em Machao, pera que leuando os a Jappão por nossa mão caros, que pella dos Chinas que isto lhes leuão a ilha Fermosa venhão os Jappões a conhecer, que melhor ganhauão com os de Machao, e a aborrecer e desterrar o olandes por leuar as fazendas delles, // [21] como fizerão agora nouamente os Chinas que de Machao leuarão algumas, e fazer tãobem com os olandeses hum trato de respondencia, a tantos por cento pera Jappão, depois das fazendas vendidos, segurando a Companhia o risco dos Jappões, por que não aja alguma inuenção falça, e não metendo nisto muito cabedal. E não se cuide que isto he perder a viagem de Jappão, porque não he senão ganha la, em resão de que como os Jappões que virem dos de Machao apoçados do comercio da China, comem a viagem, vendendo as fazendas aos olandezes e impedindo aos Chinas a viagem pera lá, como auante se mostra, hão de vir a reuoluer huns com outros obrigados da careza por que hão de comprar, e do interece que tinha com os de Machao, de modo que os hão de tornar a admitir, e excluir aos olandeses, por não terem a facultade de lhes vender barato que os de Machao; porque Senhor, o interece proprio tem tanta força que tudo isto se deue esperar delle com certeza.

Podem hir os de Machao a Consay¹⁴⁹ e trazer muita louça fina e groça pera vender aos da Jndia pera seu seruiço e seus tratos, e tão bem trazer muita ceda pera vender aos Caste-lhanos, e pera a Jndia, ou aos Ingreses e Olandeses; e leuarão de Machao pera Consay e pera Nanquim as drogas da Jndia; vão pera lá ganharem o que ganhão os Chinas que a Machao as vem buscar pello barato preço que querem.

¹⁴⁹ Trata-se de Quinsay (*Xingzai*), capital de Zhejiang, chamando-se hoje *Hanzhou* ou *Hangchow*. Ibn Battuta chama-lhe *Hansa* ou *Kansai*. Esta designação Quingsai já deu origem a um livro A. C. Moule, *Quinsai with other notes on Marco Polo*, Cambridge, University Press, 1957. Ao Senhor Embaixador Dr. João de Deus Ramos, agradecemos esta informação.

Podem os de Machao hir a Ainão buscar grandes nauios de arros pera Machao e Cantão, e toda a rota com que em toda a China (em que não ha outra) se seruem pera emfardelar os deluuios de sal e de asucar que de Cantão vay pera as mais prouincias. E os esteos de ceda¹⁵⁰, e caixões de peças, e fardos de roupas, e outras muitas cousas e juntamente, trazer os cocos, e toda a areca¹⁵¹ que na China se come com betre¹⁵², e que muito se vza em homens e molheres, e resgatar os aljofres¹⁵³ que dizem que lá ha, porque so na China os vy e não lá, por hir de perdição e não a procurar, e pello conseguente muitas outras cousas que desta ilha vão pera Cantão, onde as podem levar os de Machao.

Podem os moradores de Machao hir as aldeas buscar o pao da China¹⁵⁴, e vendende o em Machao aos da India pera a costa do Choromandel, e pera o Reyno e mais partes, e aos ingreses pera Inglaterra, e aos Olandeses, pois elles o tem por outras vias; e tãobem podem trazer das aldeas muita madeira pera os concertos das embarcações que ouuer e aly forem, e telha e madeira pera as casas, por não comprar isto caro os Chinas que aly o trazem; tão bem podem trazer muito arros pera a terra mais barato do que nella se compra aos Chinas das aldeas. //

¹⁵⁰ Peças de seda.

¹⁵¹ É o fruto da arequeira (*Areca catechu*, Lin). A areca é um dos ingredientes do afamado masticatório oriental, a que são atribuidas muitas propriedades higiénicas.

¹⁵² Ou *bétele*. É a folha do *Piper betle*, Lin. e que constitui o envólucro, em forma de canudo, de um muito afamado mesticatório da Índia e da Indochina, que não só contém areca, mas também cato, cal das ostras e, por vezes, substâncias aromáticas.

¹⁵³ Ou *aljôfar*: pérolas miúdas.

¹⁵⁴ Segundo D. G. Dalgado, *Classificação Botânica*, p. 27, cit. por S. R. Dalgado, s. v., «A raiz ou *pao* da China são as tubaras formadas nas raizes fibrosas de *Smilax China*, Lin., Liliacea arbustiva, indígena da China». Estas rizomas eram usadas na farmacopeia portuguesa sob o nome *Squina*.

[21v] Podem os de Machao hir a Cantão cada vez que quizerem comprar, e mandar fazer em bom preço muitas e varias peças de ceda pera vender aos da Jndia e de Manilla, e aos Ingreses e Olandeses, e ganhar nisso o que ganhão os Chinas que de lá as trazem, e em Machao as vendem pello que querem. E tãobem podem trazer muitas cangas e nonos pera vender aos de Manilla. E tãobem podem traser o ouro que aos de Naquim, Consay e Chincheo escapar, e de mais disto podem trazer muita tutunaga¹⁵⁵ pera os da Jndia, e lancoa¹⁵⁶, e outras muitas cousas, e meudezas, e brincos de muita importancia, porque como isto he perto, e por rios, por pouco que se ganhe vem a ser muito.

E a resão por onde digo que he bem vender isto em Machao aos Castelhanos e olandeses e ingreses, he porque tanto se ha de ganhar com elles em Machao se os portugueses lhes venderem, como em Jacatara, em resão de que como lá colhem os portugueses, comprão pello que querem por não auer mais compradores que a Companhia, e em Machao huma vez que lá estiuerem, hão de hir sem fazendas, pois as não hão de achar em outra parte, alem de como os de Machao hão de comprar em bom preço, por hir comprar na mão dos tecelões, e não ha de auer Chinas regatões que vendem como agora, sempre negociarão melhor na terra com segurança, e os caste-lhanos em que isto tão bem se acha não podem ter com os de Machao esta conueniencia em nenhuma outra parte; em resão de que se forem a Manila, se escandelizara o Olandez, e os hira esperar, como fez a nao ingreza que tomou indo pera

¹⁵⁵ Ou *tutanaga* (forma mais correcta): cobre da China.

¹⁵⁶ Ou *galanga*: rizoma da *Alpinia officinarum*, Hance. Segundo D. G. Dalgado, Garcia de Orta foi o primeiro europeu que distinguiu a *galanga menor* ou da China, da *galanga maior* ou de Java. As galangas tinham antigamente largo uso nas farmácias, aparecendo ainda no período contemporâneo conserva chinesa de *galanga maior*.

a China com drogas dos de Goa em 1643, e no Macaçar, alem de ser dous meses de caminho e noue de detença pera elles, e pera os de Machao com muito risco, não vão lá os castelhanos com cabedal de consideração, senão com huma galezinha que deue ser do capitão de Ternate, pois as de guerra de Manilla que não fazem mercancia; a qual vay ali, aventura de boa ou ma sorte com os olandeses. E em Cochynchina he costume tomar o Rey todas as fazendas pello que quer, e não se pode por isso faser trato com elles aly; nem em Camboja pello mesmo respeito, e por impedirem os olandezes aos de Machao aquella viagem daquelle Reino seu inimigo, indo elle a Jappão que o he nosso, e ao d’Achem¹⁵⁷ e a Percia que tambem são nossos inimigos, e a Pegu¹⁵⁸, e a Arracão¹⁵⁹ donde ajudarão a lançar os Portugueses com morte de muitos, e derroição notauel em 643.

E isto de vender por este modo aos olandeses e Ingrezes não he em danno do Estado Portugues, senão em muito

¹⁵⁷ Antigo reino do extremo noroeste de Samatra, cujas fronteiras demoravam aproximadamente em Barus, a ocidente, e em Batubara, a oriente. Tinha por capital a cidade do mesmo nome, em 5° 56’ lat. N. e 95° 26’ long. E. Sobre a história deste sultanato, consulte-se de Jorge dos Santos Alves, «Achém», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v. e, do mesmo autor, *A Hegemonia no Norte de Samatra: os Sultanatos de Pacém, Achém e os Portugueses (1509-1579)*, Lisboa, 1991, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII), apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado.

¹⁵⁸ Antiga capital dos reinos mons da Baixa Birmânia, em 17° 20’ lat. N. e 96° 29’ long. E. Sobre esta cidade leia-se o artigo de Ana Marques Guedes, «Pegu», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s. v. e a obra de Luís Filipe Ferreira Reis Thomaz, *De Malaca a Pegu. Viagens de um Feitor Português (1512-1515)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 1966.

¹⁵⁹ A cidade Myo-Haung ou Arakan das cartas inglesas, em 20° 36’ lat. N. e 93° 15’ long. E. Sobre as relações de Goa com Arracão consulte-se a obra de Maria Ana Marques Guedes, *Interferência e Integração dos Portugueses na Birmânia ca 1580-1630*, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, pp.106-110.

proueito, porque se elles avião // [22] de achar estas fazendas mais baratas na ilha Ferosa e em Jacatra (pois lá lhas leuão os Chinas, não tendo os de Machao esta facultade de todo o trato da China) e por este modo as hão de comprar mais caras aos de Machao, que não tem nenhum proueito dos empregos que elles oje fazem, ficão com lhes vender a elles, tendo o que desta facultade se conhece; seguesse que não he danno ao Estado Portuguez, senão de muito proueito, pois se lhe acrescentão proueitos com isso e se tirão aos olandeses, alem do grande proueito que se lhe acrescenta, e aumentar Machao que he o mayor proueito do mesmo Estado.

Tão bem adquirem muito proueito o Estado Portuguez de venderem os de Machao aos Castelhanos por tres resões: a primeira he que auera prata sem a qual se não podem negociar em forma de aumento, porque da India não pode hir couza considerauei, e os olandeses e ingleses tão bem hão de leuar pouca, por querer leuar algumas drogas, e a Machao quanta mais prata for mais groço ha de ser o trato pera os de Machao, e quanto mais groço for, mais gente a de adquirir, e quanta mais adquirir em mayor aumento hira. A segunda resão he que adquerindo Machao esta prata da Noua Espanha, a tira de hir as alfandegas dar o rendimento dos empregos de roupas e cedas que com ella se fazem pera a Noua Espanha, pois he certo que hão de vestir. A terceira resão he que inda que por Manilla tenham vazão as roupas brancas da China e as cedas, por grande que seja (quanto mais que não he muito o que os Castelhanos comprão), não virão por isso menos cedas nem mais caras pera Goa, em resão de ser a Monarchia da China tão disposta e capaz pera as criar, e tão poucada de gente que tanto mais dinheiro acode a Machao mais cedas ha, e mais baratas valem, por acudir a voz deste dinheiro com grande abundancia, e esporearem os proueitos de huns a grangeo dos outros; e pello contrario fugirem da falta do dinheiro e descuidarem se com isso de as criar com mayor cuidado de quando e a dinheiro e muita saida, isto he couza experi-

mentada. E no tocante as roupas brancas, essas não vem pera Goa.

*Como a augmentação de Machao
he o mayor proueito do Estado Portuguez*

Por coatro resões he a monarchia da China a melhor de todo o mundo, pera os intentos e condição do Estado Portuguez no Oriente. A primeira he porque está em boa altura de 19 graos te 29 que conserua melhor as naturezas dos Portugueses que nascerão na mesma, e faz os seus decendentes seus semelhantes em serem robustos e valentes com muita multiplicação, por serem tão bem // [22v] os mantimentos de calidade, e sustancia dos de Portugal, e por ser a gente branca como em Portugal, e ficar por isso mais propinqua a geração pella felicidade com que se cazão os Portugueses com as Chinas, e nascem de ambas as castas filhos brancos que melhor se conseruão do que na mais parte deste Oriente, havendo muita gente portuguesa se asegura melhor o Estado.

A segunda rezão he porque toda a gente della e dos Reinos vezinhos he gentia e vay fazendo christã lá pello interior da terra com facilidade. E se se ouuer continuação uiguroza com muita gente Portugueza que auera breuemente, pode le o a ser toda a monarchia com felicidade; e se a não ouuer, e se acabar, não se fara nenhum christão, e todos os que ha retrocederão com a falta da doutrina que os sustenta, e esforça como a uargontas¹⁶⁰ nouas o arjão¹⁶¹, e sendo este Reino todo christão o serão logo os vezinhos do Tonquim em que ha muitos mais que na China; e só falta fazerce o Rey christão pera o

¹⁶⁰ Entenda-se «vergõntea»: ramo de árvore.

¹⁶¹ Prumo de latada, estaca.

ser todo o Reino. E o de Cochinchina em que também há alguns ainda que oje perseguidos (dizem que por culpa de huns Jappões que aly viuem, porque querem com isso tornar ao trato de Jappão, de que estão excluidos e desterrados), e a exemplo destes Reinos o podera vir a ser o de Jappão; e como estes o forem não ficara Sião seu vassalo do China, nem Champa¹⁶², nem Cam-boja, nem Patanne¹⁶³, nem o grande Borneo¹⁶⁴, nem nenhum do merediano que o não seja, porque como as grandes couzas atraem as vontades, todos estes hão de querer seguir aquelles com a diligencia dos agricultores da ley verdadeira, que se não hão de descuidar e com o grande poder do estado christão neste archipelago de que trato.

A terceira rezão he que os de Machao se podem conseruar e crescer pello modo que fica dito sem dependencia dos futuros contingentes em que tudo o mais se ve (o que se não acha nas mais partes do Estado sem muito poder) e sem este modo infaliuamente se perderão de todo quando menos se cuidar com alguma costumada treição dos Chincheos que dentro fazem este trato, e logrão os proueitos que os Portuguezes auião de lograr se tiuerão a faculdade que elles tem de andarem pello Reino, ou ao menos se hirão despejando de gente, e demenuindo de sorte a terra, que breuemente se acabem e com toda ella todas as Christandades da China, Tonquim, Cochynchina, Camboja, Sião¹⁶⁵, e os Laos, como effeitos desta mesma

¹⁶² *Champá*: antigo reino da Indochina austral que abrangia grande parte da actual Cochinchina e ao sul do Aname.

¹⁶³ Antigo reino do extremo norte da Península Malaia, em 6° 20' lat. N e 101° 20' long. E., que abrangia a actual região de *Patani*.

¹⁶⁴ Ilha do arquipélago malaio em 7° N - 4° S e 109 - 119° long. E. Sobre esta ilha veja-se de Jorge dos Santos Alves «Bornéu», in *Dic. de Hist. dos Desc. Portugueses*, s.v.

¹⁶⁵ Actual Tailândia. Sobre a permanência portuguesa nesta região consulte-se o livro de Maria da Conceição Flores, *Os Portugueses e o Sião no Século XVI*,

causa, e juntamente as conueniencias incomparaueis que o Estado pode receber della. //

[23] A quarta resão he que tanto que Machao se perder logo que as cousas da China (ja referidas) não acharem a saída que tinham em Machao, hão de buscar outra, alem de que ja vão tendo pera Jacarta, ilha Ferosa, Manilla e Jappão, com mayor abundancia da de antes quando a Machao hião, e como lhe não hão de faltar opozitores, he certo que qualquer dos tres que seja, ou Castelhanos, ou Ingreses, ou Olandezes, se hão de aproueitar da oportunidade e das conueniencias (atras referidas e incomparaueis), de modo que as não percão mais. E se for o Olandez, a de feichar os boquerões do meridiano, de tal sorte que na mesma pax, se a ouuer, a de dizer que elle he Senhor delles, e que não quer que passemos pello senhorio. E assy não só se perderão aquellas grandes christandades, e as mayores que se esperão e as conueniencias de proueito com que ha de crescer o Estado Portuguez, mas tão bem sera tanta a oppulencia do Olandez que de todo quebrandosse a pax nos bote do Oriente com grande poder no mar, e com grande poder de gente metido em Ceilão e esta he huma das resões por onde digo que no boqueirão da Sunda¹⁶⁶ que he facil de defender pella breuidade de se passar (o que não he o de Malaca) tomemos algum pé ou ao menos conseruemos o de Solor, e lho não deixemos tomar. Não falo Senhor isto sem fundamento, senão que falo o que o meu entendimento fraco alcançou dos mayores governadores desta companhia de Olanda neste Oriente, nem Vossa Magestade faça disto pouco cazo, se for seruido tudo se perca e não a China, porque da

col. Mare Liberum, Lisboa, Com. Nac. para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

¹⁶⁶ Estreito de *Sunda*, a ocidente da ilha de Java, em 6° 20' lat. S. e 105° 45' long. E.

China se pode restrauar tudo quanto seja cazo, que todo o Estado Portuguez se perca em Portugal e mais partes.

*Como da China se pode restrauar
o Estado Portuguez se se perder*

Como a monarchia da China não depende de nenhuma outra, nem de outro Reino pera se conseruar, por ter em sy todo o necessario em diferentes prouincias em que tem seus Vice Reys, a que chamão Tutões¹⁶⁷, e de humas pera outras comercearem os vassallos prouendo a humas com a de outras, não consentido que sayão do Reino // [23v] a outros, e os Portuguezes, em rezão disso pello modo que fica dito, sem necessidade de outros comercios se podem conseruar e crescer com a faculdade das molheres brancas, e fecundidade do clima, e segurança da forte cidade, e fraquesa da nasção bizonha em armas, necessariamente hão de crescer, e crescendo se hão de hir estendendo com a faculdade de andarem pello Reino (quando mais não seja), onde poderão hir fazendo pouoações com as ditas faculdades, ou ao menos nos lugares vezinhos a Machao, cazandosse com as molheres delles, pois a tudo isto esta exposto o trato commonicauel que ha de auer andando entre elles, como bem se experimentou em Jappão, que ja auia grande Cidade sem nenhuma molher portuguesa, a quem competem os Jappões e as Chinas. E estendendo se os Portuguezes, prouauelmente hão de atrair outros de donde quer que estiuerem, com as facilidades que os fazem crescer; e assy com os que atrairem e todos multiplicarem, pode crescer o Estado Portuguez

¹⁶⁷ Vice-rei ou governador militar. Do chin. *tu-l'ang*, ou *dutang*, «é uma referência colectiva aos oficiais dos altos comandos ou altos funcionários. Cf. *A Dictionary of Official Titles in Imperial China*, Stanford, Stanford University Press, 1985, p. 543, n° 7293.

"Advertências" e "Queixumes"

outra vez de feição, que pode restrañar o perdido e avançar, e esperando esta certeza nos não promete nenhuma cousa dos de cá, pello risco a que anda exposto como fica dito e he notorio.

De modo Senhor, que podendo os de Machao vir a estas felicidades, sem cabedais de groças armadas nem de guerras continuas, se estão oje em mayor aperto do que o referido, se se lhe não acudir por algum meyo que facilite a faculdade e liberdade de andar pello Reino da China, ou a de ter que comer nelle sem dependencia dos comercios do mar tão feichados oje pera elles, e tão impossibilitados elles de cabedais, que inda que agora fação viagem pera Portugal, lhes não he por isso de vtilidade capax por requerer grandes cabedais.

Como se alcançara esta faculdade

Que meyo Senhor se pode buscar, quem a tanto como ao da lo se há de atreuer, se algum premio só quem amar a Deos e a Vossa Magestade sera tão liberal de sua honra e de seu proueito, que se despenhe no risco de ser reprouado, ou no de ficar sem proueito particular, dos quaes todos vejo fugir. Eu, Senhor, sou liberal que por amor de Deos e de Vossa Magestade, me ponho nestes riscos tão grandes, fiado em que hum e outro amor me hão de corresponder ao que a tanto // [24] me obriga.

Sempre os Portuguezes de Machao forão perseguidos de forças que os ministros del Rey da China lhes fazião, a fim de lhes leuarem dinheiro; e não tão pouco que não fosse cada anno 30 ou 40 mil taeis¹⁶⁸, que são alguns 90 mil xerafins de

¹⁶⁸ Moeda de conta do Extremo Oriente, que equivaleria a cerca de um cruzado.

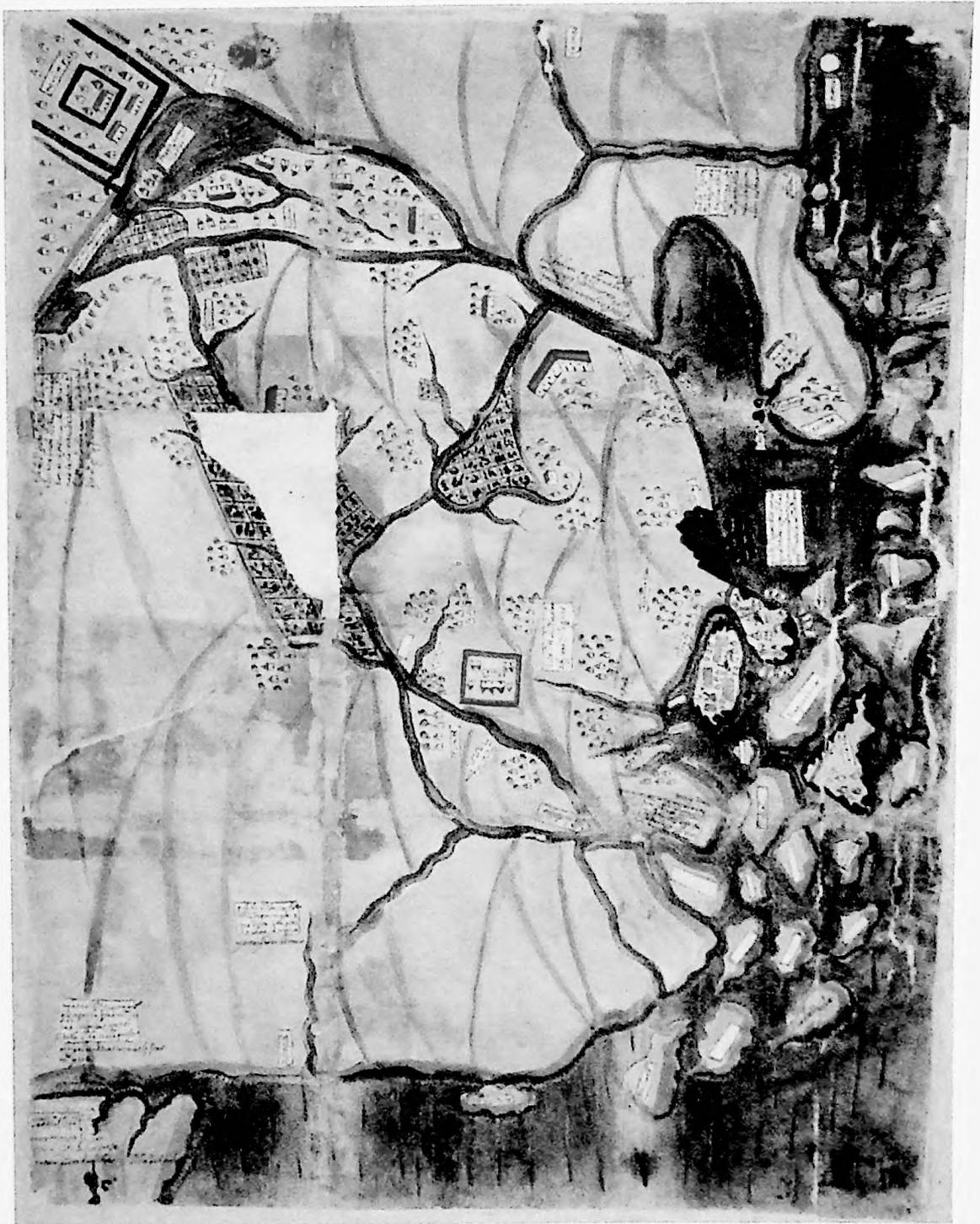
peita¹⁶⁹, afora seus direitos e costumes ordinarios; e entendendo que bem se poderião eximir delles se quizessem, nunca quizerão chegar a isso, por não perderem o trato de Cantão de que tirarião muitos proueitos em Jappão e em Manilla com que se sustentauão (e assym dizia hum velho que muito encontrou a Dom Francisco Mascarenhas¹⁷⁰: fazer lhe guerra, comamos este bocado descançados em quanto Deos nos empresta esta vida), e como estes grandes proueitos se não auançou mayor redito que a Cidade de Machao ao Estado Portugues pera a segurança da conuerção, premetio Deos priua los de todos os comercios a fortuna, pera que obrigados de necessidades, possessem auançar, o que não auançarão no bonança.

O Rey da China, que não aceitaua embaixadores de nenhum Rey, pellos não auer mister, foi entrado em seu passo real de hum leuantado, que sendo ja Senhor de cinco prouincias lhe roubou o grande Thesouro que auia trezentos annos ajuntaua, leuando em carros as perolas e robis, e com medo do asalto se comutou por não vir as mãos do vassalo. O tartarou que não se descuidou, vendo recolhido o ladrão, entrou de improviso, e se fez senhor da prouincia e cidade de Paquim¹⁷¹ em que o Rey viuia, correo a fama da reuolta; ouue logo outros leuantados por varias partes; e na cidade de Nanquim que primeiro foi corte, se coroou por Rey hum parente do morto. E como tudo está reuolto, e elle sem muita parte da monarchia, he prouauel que não esteja tão vfano, e que deseje socorro

¹⁶⁹ Tributo.

¹⁷⁰ Trata-se do primeiro capitão-geral de Macau, que exerceu o cargo de 1623 a 1626. Sobre o assunto veja-se de C. R. Boxer, «O Primeiro Capitão-Geral» in *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, trad. port. de Teresa e Manuel Bairrão Oleiro, Macau, Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990, pp.103-117.

¹⁷¹ Entenda-se «Pequim».



portuguez, que conhecem por valerosos, ou ao menos os não queria ter por inimigos nesta conjunção¹⁷².

Ex aqui os Portugueses atribulados por não ter comercios ou terras de que comão, dependentes del Rey da China, e el Rey atrebulado com aleuantamentos, dependente dos portugueses pera se conseruar. Boa mestura farão os de Machao com el Rey da China, e o mesmo Rey com elles, se ajuntarem, e vnirem, os portugueses pera o conseruar no Reino, e elle pera os conseruar em Machao, consedendo a Vossa Magestade pera isso os tratos do Reino atras referidos, e os foros e dominios da ilha de Anção¹⁷³ em que esta a Cidade de Machao (de que // [24v] offereço a Vossa Magestade o retrato pouco mais ou menos, com a de Ainão e rio do Sal¹⁷⁴, pera melhor se entender o que conuem; e juntamente as nasções, digo, medições dos nauios que entrão em Machao boas pera o seu prezidio, e os mais se os ouuer[]).

Boa occazião parece esta pera entrar com elle a partido e pera lhe mandar embaixada. E indo logo este anno embaixador com coatro centos homens (se não ouuer quinhentos em 15 galiotas), e com fama que veo de Portugal pera isso mais

¹⁷² Trata-se dos acontecimentos que ocorreram no final do período da dinastia Ming e o período de instalação da dinastia Manchu. Sobre o assunto veja-se de C. R. Boxer «Portuguese Military Expeditions in aid of the Mings against the Manchus, 1621-1647», originalmente publicado em 1938 e agora na *Obra Completa de Charles Ralph Boxer*, vol. I, *Estudos para a História de Macau séculos XVI a XVIII*, 1º tomo, Lisboa, Fundação Oriente, 1991. Uma síntese destes acontecimentos pode também ler-se em Wolfram Eberhard, *A History of China*, trad. inglesa de E. W. Dickes, 4ª ed., London, Routledge & Kegan Paul, 1977, pp. 280-290.

¹⁷³ Este nome encontra-se nos textos portugueses coevos e corresponde à ilha *Xiang-Chan*, em 22° 15' lat N. e 113° 32' long. E., em cuja extremidade meridional fica Macau. Hoje constitui um distrito oficialmente designado por Chong Shan (Zhongshan), «montanha do meio». Agradecemos ao nosso colega Prof. Luís Filipe Thomaz esta informação.

¹⁷⁴ Segundo o Visconde de Lagoa, fundamentado em Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, trata-se do rio *Han*, que desagua em 23° 20' lat N. e 116° 44' long. E., no mar do Sul ou Nan-Hai.

authoridade, e com esta gente por lhe dar em que entender pera que aceite a embaixada temido do futuro, ou cobiçozo de ajuda, porque a gente ha de hir com voz de que o vay socorrer acompanhando o embaixador.

Prouauelmente aceitara o Rey a embaxada que assym for, e considera o que digo e prohibira tão bem aos seus vassalos os tratos de fora do Reino conforme suas leis que os não deixão nauegar, pera que a Macao ocorra tudo; e dando nos licença pera lho impedirmos tão bem por nossa via, ajudando nos contra o aleuantado e no que podermos; em rezão de que temem tanto os Chinas aos portugueses, que tendo huma vez pagos 150 contra o tartaro, se atemorizarão tanto de os ver marchar pella terra dentro, que do caminho os emuiados outra vez pera Machao; e pera virem o pretendido, se lhe pode alegar que de não nauegarem os seus tera grandes dereitos em Cantão, e que El Rey de Cochym tão bem nos da terras de que comer, pello bem que lhe uão de os sustentarmos ha tantos annos no Reino como a elle faremos, e assy o mais que pera isto se requiere, e pera em falta de tudo procurar o que lá parecer mais acertado.

Dado cazo que não aceite a embaixada, o que não temo pella facilidade de sahir a Nanqui por rio arriba e pello estado em que esta, ou não conseda o que baste pera augmentação de Machao, mandar huma noite botar ao mar todas as manchuas¹⁷⁵ dos de Macao, que são boas¹⁷⁶, e quarto de lua atracar com as embarcações dos pescadores de Macao, e com as mais que ouuer das aldeas, e prender todos os Chinas marinhei-

¹⁷⁵ Barco pequeno de remos, usado na costa do Malabar, que normalmente armava com um mastro e vela quadrangular. Segundo S. R. Dalgado, os portugueses levaram o termo para outros lugares da Ásia e applicaram-no a barcos de outras descrições.

¹⁷⁶ O autor na margem esquerda anotou: «leá o leitor conforme os numaros», pelo que a partir de agora seguimos a numeração indicada.

ros de dous em dous, com bragas¹⁷⁷ que hirão feitas de aqui muitas por disimulação, e sem ninguem de cá saber, por não correr voz mais que de socorro ao Rey, e metendo se nas ditas embarcações muita gente de Machao, fazer remar os Chinas em seguimento das // [25] galiotas em que tão bem ira gente de Machao a partir pera Cantão, com galeotas e manchuas que os escrauos remão; e aly no rio ao romper da manhã tomar todas as embarcações que podessem, sem huma gota de sangue, prendendo logo com bragas aos marinheiros, por que não se lancem ao rio pera a terra, e meter nellas a gente das de pescadores de Machao, e os mesmos pescadores com as bragas sendo necessario. E com o tomarem estas embarcações a que chamão chos¹⁷⁸, e passagens bellas pera tudo e manda las por de cargo no meyo do rio, com dez soldados em cada huma, em vigia dos marinheiros com armas nas mãos, e ao rosto, e com promessas de boas pagas; e isto feito estão vencidas todas as dificuldades pello risco de se abzentarem se logo se não tomarem em primeiro lugar. //

[26] Emquanto isto se faz, commeterão algumas poucas embarcações (que aos experimentados de Cantão parecer), a porta do muro que esta junto ao pagode que chamão de Taquecy¹⁷⁹. E arrombando a com algum instromento que pera isso se leuara (por que não aja tempo de se imtopir com alguus tizoulos ou outra couza) e operarão nella pella mais gente, fasendo des-

¹⁷⁷ Argola de cadeia de ferro com que se prende alguém pela perna à cinta ou a outra pessoa, como acontecia neste caso.

¹⁷⁸ É o aportuguesamento do termo cantonense «t’o», cujo significado é, normalmente, «barco grande, de carga», embora também por vezes signifique «embarcação pequena», como aparece referido na «Carta do Desembargador Sebastião Soares Paes para a Princesa Margarida, Duquesa de Mântua» de Janeiro de 1637, editada por C. Boxer, *O Grande Navio de Macau*, trad. port., Macau, 1988, p. 261. Sobre este tipo de barcos veja-se de A. L. Barbosa Carmona, *Lorchas, Juncos e outros Barcos usados no Sul da China*, Macau, Museu Marítimo, 1990.

¹⁷⁹ Desconhecemos a origem ou razão de ser do nome.

terror daly alguns soldados Chinas, // [26v] se isso esperarem; e como for tempo buscar por dentro do muro a escada delle e subir arriba algumas peças de artilharia, inda que não sejam muito grandes, e alguma gente pera que do alto muro sendo terreiras as cazas deuassem o que passa nas partes vizinhas.

E sendo o muro por riba tão largo como nas portas (como cuido que he), todo elle seruirea em qualquer parte de valentes baluartes. A artilharia de Machao ira nas embarcações de pedra com que se embarca nos nauios. E de larga rua as fileiras de soldados. E assy deixando guarnecida e forte a parte do rio como entenderem os de experiencia, marchar comfiadamente (não pellas ruas a fazer doanno que nos desacredite e exclua das vontades que queremos adquirir) se não pello mesmo muro, ou junto a elle a tomar todas as portas por onde pode fugir a gente, e guarnecer os postos que de passagem se achar necessario. De modo que tão somente se trate de fortificar ou guarnecer o primeiro muro em forma que entendão, vejão, e oução os de dentro que só queremos o dominio da Cidade e sua obediencia.

Fortificadas as partes principaes do primeiro muro em ordem que se possão socorrer humas a outras e descobrir a Cidade de entre o muro e mar e os arrebaldes, e tomadas as portas, que não saya gente com as riquezas pera outras terras (o que com pouca gente se fara pois a não ha de acometer nada), marchar comfiadamente pera o segundo muro, e rombando a primeira porta que se achar com o instrumento que digo, ou sobindo com grandes escadas de grandes entenas que aly ha, a abri la por dentro com o respeito de alguns mosquetes¹⁸⁰, entrar a buscar as escadas do muro vimte ou trinta soldados, e tornando com avizo, subir no segundo muro a artilharia que

¹⁸⁰ Arma de fogo, com semelhanças à espingarda, mas muito mais pesada, de modo que para servir tinha de ser apoiada numa forquilha.

for necessario pera se guarnecerem as partes principaes que descubão a Cidade de dentro e a do meyo, entre muro e muro, marchando com ella por cima do muro (pera mais facilidade e menos bulha) indo diante alguns mosquetes ao rosto pera desterrar algum aventureiro escondido, não fazendo conta do alarido da gente, porque tudo são lamentações, ou estartagemas.

E isto neste estado mandar chamar os ministros do Rey com bom modo, e manda los pera o Sanqui¹⁸¹ ou Toutão, com auizo do feito por sem milhões que em Cantão nos tem tomado por força, em huma das muitas embarcações que aly ha, por que não desemquiem os animos dos mais. E depois mandar chamar com bom // [27] modo os que chamão aposentados¹⁸², e pedir lhe a obediencia com muitas cortezias, como sabem os de Machao, e com muitas promessas de bom tratamento, e poucos tributos. E apoz estes os cabeças das ruas, todos aos quaes se mandara que vão trazer todas as armas que ouer na Cidade, sob pena da morte que a todos se dara com a Artelharia. E pello conseguinte se fara o mesmo com os mayores arrebaldes da Cidade. E sendo cazo no intere de algumas destas obras anouteça, não aja nenhum receyo, tendo boa vigia nas principaes partes, inda que oução os diluvios, porque tudo he inuenção da industria.

Como tudo estiuer em ordem, e os marinheiros desimaginados do risco de serem castigados pello ministros do Rey, procurando nouas de Tutão, e seus detenhos, tratar por no mar o poder que ouer, deixando prezidiado a Cidade com trezentos portugueses e cem topazes (que tão bem são bons soldados), deixar estar o tempo que for necessario pera os desemganar, ou o que parecer, fazendo de conta que só aquella cidade

¹⁸¹ Parece-nos tratar-se de um título honorífico, mas cujo significado desconhecemos.

¹⁸² Não sabemos de que grupo social se trata.

e aquelle rio temos que defender, e que defendendo isto somos senhores de tudo o que abrangem os rios e mar da pintura que apresento (pouco mais ou menos), alem de outros rios mais que eu não vy, pera que melhor se conheção os possiueis e impossiueis e dos seus tratos e dos mais do Reino, pois com medo no los hão de conceder, e juntamente de tudo o mais que ficar vizinho. E como ouuer mais portugueses o seremos de toda a prouincia de Cantão e de toda a China, se se puzer por obra isso; e que Machao onde isto esta só seruire de fonteira aos inimigos do mar com as armadas que as grandes rendas hão de sustentar, e de escala as nasções estranhas, por não deuassarem os rios de dentro, e por comprarem nas mãos dos portugueses que de Cantão lhe trarão tudo comprando o lá aos Chinas que este trato não deuem faser, pois podem faser os de dentro do Reino e das Aldeias, e os portuguezes não pella meudeza della.

E inda que esta cidade se pode tomar por outros muitos modos, este me pareceo ser o que mais instara aos soldados, que de outros inimigos tem experiencia e destes não, pois de se lhe facilitar mais se seguirão o po los em duuida.

Como este rio he de tanta importancia ao Reino, que sem elle não podem passar em rezão // [27v] do sal e asucar que de leuar pera todo o Reino logo hão de faser pazes, e a de correr a mercancia de feição que não hão de faltar rendas nem christãos, porque os padres farão logo igrejas, e os christãos de Machao, Chinas, e outros que aly ha, e os de Nanquim que aly hão de vir mercanciar, logo hão de começar a dar exemplo frequentando assy igrejas; e como comessarem a crescer, fassilissimamente sera tudo o que for nosso christão; e como o for todo o que for nosso, toda a monarchia o a de ser infalivelmente, porque não cola mais senão em perderem o pejo que huns dos outros tem, vendo que a quem acomullar afronta na mudança da fee.

Como tudo estiuer seguro, começara a armada a correr os rios, ficando sempre no de Cantão poder bastante ao que se

colegir hir a Cidade de Anção tirar os ministros do Rey, e por lhe capitão nosso com algumas peças, ou no muro, ou em hum morro alto, em que esta a verella¹⁸³, pera de aly descobrir tudo e escuzar muita gente de prezidio e faser que bastem sem homens como bastão e sobejão pera segurar aquelle posto, e com manchuas ou tioins¹⁸⁴ e passagem (que são humas embarcações) fazer pellos rios que são as estradas d aldeas obedecer as terras, e pagar os foros que não serão os direitos mais dos que se pagão ao Rey, e antes serão menos por melhor adquirir as vontades e a obediencia daquelles que por tributos demaziados se leuantão cada dia com seu Rey natural.

Ha de saber que esta gente da Cidade de Cantão e das mais terras que se alcanção da pintura, se não pode hir dellas inda que tenha vontade, porque não tem pera onde, por ser a China tão pouoada de gente, que não cabendo no Reino vão pouoar as terras como pouoarão Iappão, Patanne, e tinhão ja quazi pouoado Manilla, os Chincheos se não ouuera nelles tres aleuantamentos com que morrerão muitos as mãos dos poucos castelhanos de Manilla e agora em Jacatra ja vão entrando.

He mais saber que tanto que isto estiuer sojeito, não pode ser recuperado pelo China Rey porque se vier com gente a Cantão não pode tomar a Cidade por ter dous muros, e caua, e não poder passar do primeiro quando sej[a] caso que a elle chegue (o que nego), em resão da artelharia do segundo muro que caua tudo sendo muito alto, e as cazas todas terreiras de tizolos e de // [28] telha que cada bombardata matara milhões de Chinas, e os de dentro por não chegarem a estes dannos, hão de ser contra os de fora, porque neste segundo muro ha de ser alojamento da nossa gente nas partes necessarias, e o

¹⁸³ Presumimos que se trate da palavra *varela*: pagode ou mosteiro dos budistas na Indochina, China e Japão. Do mal. *barhala* (jav. *brahala*).

¹⁸⁴ Pequena embarcação chinesa.

capitão na principal, desemtereçado pera que não occupe os pensamentos em adquirir bens que não sejam de honra, e sempre se ha de estar com cuidado pera que não haja alguma treição na artelharia, que vizitara todos os dias, e compostas não só nas partes principaes senão tão bem em todas as portas, e não como em Machao que só se vigia e faz corpo de guarda na porta do geral e não na de muro como se vza na milicia castelhana, e nas mais, olandeza e Ingreza que tenho visto; quanto mais que nem auer o primeiro muro hão de chegar os Chinas com qualquer assalto que lhes estroue algum ardil que nelles auera, se os não estrouarem. E Anção não pode hir porque nos rios auemos de ter armada que elles não hão de ter, e inda que tomem iunção (o que nego), não o podem sustentar, em resão das nossas armadas, e armas diferentes das cauzas que só são paos, frechas, e languinatas¹⁸⁵, cal e pedras, e outros ardis.

Esta cidade Senhor he o que neste oriente, mais conuem e importa aos estados portuguez pera sua segurança, e dado effeito da conuersão.

Indo se largue (a bem de falar) e aqui se meta pera secula seculorum, como os mesmos Chinas fizerão depois de auerem trabalhado, e conquistando muito, emgeitando tudo, se apoderarão desta melhor parte do mundo em a qual se incluem todo o precizo de todas as mais como bem se alcança da narração que delle (atras referida) so gente Portugueza falta, e todo o mais sobejo.

Isto neste estado mandar em Macao que todas as moças chinas que chegarem a vinte annos de idade, e tiuerem seruido quinze sejam forras, cazando se antes disso com homens christãos de outra casta, pera que possa auer muita gente pois destas sempre auera em Machao dez ou doze mil pera des-

¹⁸⁵ Ou *nanguinatas*: lanças japonesas, alabardas. Do jap. *naginata*.

truição de seus amos em gastos excessiuos, sendo que conforme ao pouco que custão, sera bom que bastem os quinze annos de seruiço por assy nos não // [28v] malquistar o modo de comprido seruiço que lhe damos, custando nos pouco, e sendo nos christãos, em que se deue achar medida nas cousas, e juntamente, pera multiplicar, e não reter a geração christã dando se esta gente a mercancia meuda de mantimentos, e outras cousas pera poder viuer, e fazer pouoações em algumas paragens mais conuenientes. É tão bem muito necessario que se prouejão aquellas Christandades de hum Bispo que dellas tenha cuidado como he bem, porque sem elle esta tudo muito desemparrado e com pouca ordem.

Conseruado isto assy algum tempo que parecer, estando sempre sobreavizo com armada contra o Ycoão¹⁸⁶ (que logo se deue adquirir por amigo se tornar a a fee de que anda esquecido, pode ser que por se conseruar no lugar do senhor de aquella costa Lamao¹⁸⁷ no que podemos ajudar seos padres a acharem capas de conseruar na fee) despachar sete ou oito chos pera o rio do Sal que fica de Macao 20 ou 25 legoas a faser alguma força, ou seruindo elles de força por direitos nelle, ou como

¹⁸⁶ Trata-se de Zheng Zhilong (1604-1661), pai do famoso Coxinga das nossa crónicas. Zheng Zhilong foi jovem para Macau, onde foi baptizado com o nome de Nicolau Gaspar, mas ficou conhecido como Nicolau Iquan. Aos vinte anos foi para o Japão, onde casou com uma japonesa, mãe de Coxinga. Juntou-se aos piratas em 1624. Uma boa biografia desta figura pode ver-se em Hummel, *Eminent Chinese of the Ch'ing Period*, p. 110. Informações sobre esta figura poderá ver-se em R. C. Croizier, *Koxinga and Chinese Nationalism*, Harvard Univ. Press, 1977. C. R. Boxer também publicou em 1941 um artigo «The rise andfall of Nicholas Iquan (Cheng Chi-lung)» in *T'ien Hsia Monthly*, XI, 5, Shangai, 1941. Estamos gratos ao Senhor Embaixador Dr. João de Deus Ramos por estas informações que generosamente nos transmitiu. A fl. 25v diz-se que os soldados chineses do Icoão eram «gente da costa do mar e ally temida».

¹⁸⁷ Segundo o Visconde de Lagoa, é o nome dado por Fernão Mendes Pinto à extensão do litoral chinês que vai do cabo Good Hope ou Boa Esperança, em 23° 12' lat. N. e 116° 48' long. E., à ponta Jokako, em 23° 35' lat. N. e 117° 26' long. E.

parecer. Ou tomarem os de Machao hum contrato nelle, e leua lo a Cantão aos mercadores de Nanquim e de Comsay, e os mais. Este sal cria o sol da agoa salgada, que com agoas viuas fica nos campos, emquanto não vem outras agoas viuas sem mais trabalho de gente. //

[25] E como for possiuel se despacharão dez chos pera a ilha de Ainão que fica sessenta legoas ao sul, em demanda de algumas embarcações da armada que aly andão, e se ja não forem fugidos toma los sem nenhum risco, assistindo continuamente estes dez chos nesta ilha, tomando pé em algumas das fortalezas de tizoulos que aly estão dezertas, e açoutando as aldeas té que paguem os foros e conheção dominio, e admittão ao trato os portuguezes que logo hão de hir com os chos infini-tos que se hão de tomar; e assy se hira entrando conforme o tempo offerecer a occasião e a gente que hera tudo pera isto, com aduertencia que melhor he tomar Cantão primeiro, do que esta ilha de Ainão, em resão de que podera vir tempo em que o olandez, ou outra nação, por nos tirar o trato da China cometa esta com poder grande, e dentro nos rios de Cantão, de Anção, e de Machao não pode connosco, pellas melhores embarcações que temos, alem de que se não foremos senhores dos Rios, fara nelles o China grandes armadas pera nos prohibir a liberdade de andarem por elles algumas nossas que forem sós embarcações (como agora faz), e pello consequente outras muitas resões de crescer a conuerção que diante a de hir pera vencer todas as dificuldades.

Não pareça este modo de falar muito facil porque nem hé mais nem menos de aquilo que pode succeder ponde se em execução, e a mayor dificuldade que tem he sustentar Cantão, e os rios, com armada, e vigiar algum fogo em alguma poluora, por ardis que tem, e digo Senhor huma e muitas veses que se em consciencia se pode isto pôr por obra pera a segurar e crescer a conuerção, sem embaixada que he muito melhor e que Vossa Magestade grande Senhor, e o podera ser mayor em breues annos, porque tudo o mais que Vossa Magestade

temta, fica a perder da vista, [25v] e se perde por falta de resulação christã e de gente que esta por diante do interece, tudo sahira a medida do desejo. E eu pera o mais difiçil me offereço.

Nem pareça dificuldade a prizão dos marinheiros Chinas em bragas, porque essa não ha de ser senão emquanto elles se não certeficão da posseção nossa, e das boas pagas suas, porque não só negarão por ellas a fé a seus pais e a seu Rey, mas tão bem os matarão, como temos visto em Machao hirem por pagas nos chos as aldeas contra vontade dos mandarins, rompendo por armadas do Rey, e brigando com ellas, sem se lhes dar mais que das pagas pera a barriga, com as quaes lhe não podemos faltar pella muita renda que a de adquirir a fazenda real com estes meyoys referidos, ou seião os de por bem, ou seião os de por mal.

E pera que se não duuide da timidão dos Chinas, que este modo increhiuel (na facilidade) nos asegura, porei dous exemplos della. Auendo me huma noite perdido de Pulucissy¹⁸⁸, hum ignorante piloto hindo pera Manilla, chegamos a Ainão 40 portugueses, alastrados em huma batelinho. E entrando em hum rio, por quererem tornar pera fora contra vontade minha que conhecia ser estilo do Reino não deixar sahir quem nelle entrassem primeiro aos que governão, se ajuntarão mais de duzentos chinas tocando grandes baticas¹⁸⁹ de cobre a seu modo com suas frechas e languinatas, e vindo nos esperar a boca do rio estreito como uma caza com grandes floreyos repartidos por

¹⁸⁸ Ou *Pulu Sisi*. É a pequena ilha de *Pulo Cecir de Mer*, no mar da China, junto à costa vietnamita, em 10° 32' lat. N. e 108° 57' long. E. Junto à ilhota localizavam-se os baixos de *Pulu Sisi*. O nome *Pulu Sisi* é malaio e significa «ilha do lado, ilha ao lado». Devido ao facto dos portugueses terem utilizado nas suas primeiras explorações do Extremo Oriente pilotos malaios, a toponímia malaia perpetuou-se em muitos casos até aos nossos dias, sobretudo na cartografia náutica. Agradecemos esta informação ao nosso colega Prof. Luís Filipe Thomaz.

¹⁸⁹ Bandeja.

humana e outra parte delle, nos forão frechando a mão tente¹⁹⁰ enquanto nauégamos em fugida; mas como sinco frechas que em mym empregarão me obrigarão a incitar os mais, e todos sahimos com sete espadas, e os remos do batelinho e adagas, não so fugirão os da parte em que sahimos mas tão bem os da outra; tão ligeiros que impossivel fora pode los alcançar. E estes de Ainão são mais valentes que os da terra adentro, por serem das fraldas do mar cuja gente sempre he mais guerreira que a do sertão.

Em outra ocasião estando eu em huma rua de Cantão fora dos muros, vy que toda a gente desemparava suas tendas e logeas de roupas, e corria pera a cidade, afogando se nas portas, e perguntando eu o que hera, soube que os soldados Chinas do Icoão (gente da costa do mar e aly temida) erão aly chegados de Souqui¹⁹¹, corte de Tutão, ind[o] de caminho pera Chincheco, e tomarão no bazar que de aly ficava huma legoa humas frutitas sem as pagar, moralizasse agora quando dos vassallos do mesmo Reino, porem serem de diferente // [26] casta, e gente de guerra ha nesta gente tanta temidão, que sera de bombardarda e de mosquetes que elles vzão até agora, e alguns que trazem naquellas embarcações, poem hum o ponto e outro fogo. Hé isto de que trato, digo, mais de aquillo que viziuel, e palpauelemente tenho experimentando e examinado, porque a não ser isso assy não me atreuera a tratar de couzas tão fundas em terras tão arduas com outra qualquer pessoa, quanto mais com Vossa Magestade que Deos guarde.

E como em tudo ouer quietação não deixando nunca armar, nem fazer embarcações grandes que possão perju dicar, indo

¹⁹⁰ Ou *mão-tenente*: muito perto.

¹⁹¹ Será *Sonqui*, do cantonense *Sanhui*, i. e. *Hin-hui* (*Xihui*) em mandarim, cidade situada a noroeste de Macau? Ou do cantonense *Seh K'ei* ou *Shekki*, i. e. *Shih-ch'i* (*Shiqi*), em mandarim? É a capital do distrito de *Cheong Sán*, em mandarim *Zhongshan*, a que já aludimos anteriormente.

as queimar onde quer que se fizerem, se tratara de hirem as prezas pello Chincheo, pera que com o medo de serem tomados e sendo o, se vai esteguindo os tratos que fazem pera o Jappão e pera Manila, Jacatara e Ilha Fermoza, e tudo ocorra a Machao como fica dito. E auendo se de por isto por obra, conuem muito que seja este anno assy pella grande necessidade que disso ha, como porque se estas pazes se alterarem ou quebrarem, poderão correr as cousas de modo que não possa depois por se em execução, e perecer tudo.

Considere se Senhor que bens se alcanção disto, tirasse o trato aos Chinas pera o Jappão, tirasse o trato da China e Jappão a olandez na ilha Fermoza, e em Jacatra pois lá vão, tirasse o trato ao Castelhana de Manilla, e tudo ocorre ao Estado Portuguez com a prohibição de não nauegarem os Chinas que os fazem contra vontade do Rey, por ardis e peitas aos ministros, furtando lhe os direitos, e isto em ordem, a de ocorrer muita gente ao trato e Vossa Magestade mandara sempre alguma de socorros pera sahir multiplicando o bem, e assy tudo fica bello e seguro, pois fica com isto seguro o Estado, e segura a conuersão, e em forma de crecer, a qual ate agora não esta em nenhuma de esperanças satisfactorias, e antes nos propinquos riscos ja referidos (que quiça por isso nos ameaça Deos com castigos, pois de descuidos nossos, e pouco feruor della procedem estes riscos e esperanças peccas¹⁹²) alem das mais conueniencias proueitozas, e credito que se aumenta com cousa de tanta honra.

[28v] E pera que tudo isto suceda a medida do desejo e conforme com a resão, que na execução se leue sempre o ponto no aluo da conuerção e se lhe não antepenhão outros nenhuns por importantes que pareção, e que o qual e embaixador o leuem tão emcommendado todas as vezes que pera la forem, que conheção que o contrario lhes custara a vida ou a honra,

¹⁹² Femenino de *peco*: reduzidas?

pera que assy o não desconheção, e suceda por essa cauza ficar mais escaça a fortuna do que por elle esta prometendo, porque tenho reparado muito nas merces que Deos fez a Macao, e no pouco que repartio com elle neste particular, antepoendo a isso seu interesse e ambição de adquirir, estando vendo tanto as claras emconstrar a ley de Deos e a entrada aos padres no Reino, de tal sorte que forão lançados delle os Franciscanos, e Dominicos com muito mau tratamento. E os // [29] da Companhia que la entraão fechados nas embarcações muitos dias pera escapar das vigias a nos chegadas, e tão bem trazendosse sempre pera Goa o rendimento que deuiamos conhecer, em primeiro lugar por preciso adjutorio de conuerção do Reino com que se adquirio, e gasta lo em armadas da costa da Jndia sem fim que a não segurão, nem prometem asegurar, pois ha tantos annos que vão e vem e contudo a uemos lá e cá arriscada.

Acudasse Senhor ao muito e facil, e parece com o pouco e dificultoso, pera que nos luza o trabalho, porque alem de ser isto conforme com a resão natural, he conselho de Christo a seus discipulos que aonde os não quizessem sacudissemos çapatos e se fossem.

Tres partes principaes tem Vossa Magestade no Oriente, em cujo aumento se a de occupar seu braço poderoso, as quaes são a China (em que se conhece o bem referido) e Ceilão no segundo lugar, e os Rios de Cuama no terceiro.

Comtudo o mais se pode hir pairando té asegurar estes, pois de se ocupar com tudo justo, se segue não só parar tudo, mas arriscar se como vemos, e não só ha de ser com armas esta occupação, senão tão bem em saber dos Perlados de todas as religiões mendicantes, porque resão nos rios de Cuama tão francos aos padres que não uão a doctrina os filhos dos infinitos cafres vassalos dos Portugueses. E porque os padres portugueses não fazem nelles tanto fruito como os Castelhanos nas Phelippinas, pera que sabendo, o poça remediar o difficil que o impida, pois he isso conforme com a rezão, e não o descuido de que nasce o pouco fruito que vemos, e juntamente saber

“Advertências” e “Queixumes”

se o rendimento desse comercio se gasta no aumento da conversão daquelle Reino com hum prezidio que faça respeitar mais a igreja do que vemos e ouvimos; e se Vossa Magestade tem lá pessoa de muita consideração, e hum Bispo que tratem disto e do mais que conuem com cuidado que semelhantes couzas requerem, ou se se gasta em faser ricos os capitães de Moçambique, e se do aluidrio delles depende huma e houtra couza, porque se isto he, e aquilo não, não só não a de hir em aumento aquella Christandade, mas tão bem se a de acabar tanto que dicliniar o comercio com a demenuição e acabamento das minas do ouro que vão cansando e de força hão de esgotar, porque o tirar o ouro que só leua lá os portugueses que aquilo aguentão, e não por christãos que depois delle acabado, saibão conseruar a ley verdadeira, não pode deixar de perjudicar tanto como digo.

E se em tudo o que digo, Vossa Magestade esta ja presente, ou em tudo resuelo do que conuem, e por isso fico emcorremdo na culpa de tardio, ou no erro de ignorante, // [29v] valha me pera o perdão de aquella, a tardança destes effeitos que me enganou, fazendo me parecer que inda tenho lugar este meu memorial de queixumes, e pera desculpa deste o desejo que tenho de ver tudo remediado, e liure de riscos, pois elle he o que me constange a abonar por bom aquillo que se adjetuia commo sogeito, esporeado da tardança de outros melhores, com o melhor. E Deos nosso Senhor que he o verdadeiro e perfeito sugeito, ponha a Vossa Magestade no conhecimento do mais acertado, e no aumento de Saude, Vida e estado que pode.

Biblioteca da Ajuda, 54-XI-21, nº 9.

